

UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

DISSERTAÇÃO

**O CONSÓRCIO DE PRODUTORES DE GUARANÁ
SATERÉ-MAWÉ DA REGIÃO DO RIO MARAU NO
MUNICÍPIO DE MAUÉS - UMA CONTRIBUIÇÃO
PARA O ENSINO DA ECONOMIA SUSTENTÁVEL**

CRISTIANO GOMES DO NASCIMENTO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**O CONSÓRCIO DE PRODUTORES DE GUARANÁ SATERÉ-MAWÉ
DA REGIÃO DO RIO MARAU NO MUNICÍPIO DE MAUÉS - UMA
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DA ECONOMIA SUSTENTÁVEL**

CRISTIANO GOMES DO NASCIMENTO

Sob a Orientação da Professora Doutora
Sandra Regina Gregório

Coorientação do Professor Doutor
Vanderlei Antonio Stefanuto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Junho de 2016

630.7

N244c

T

Nascimento, Cristiano Gomes do, 1982-

O consórcio de produtores de guaraná sateré-mawé da região do rio marau no município de Maués - uma contribuição para o ensino da economia sustentável / Cristiano Gomes do Nascimento - 2016.

99 f.: il.

Orientador: Sandra Regina Gregório.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 62-69.

1. Ensino agrícola - Teses. 2. Guaraná - Maués (AM) - Teses. 3. Desenvolvimento sustentável - Maués (AM) - Teses. 4. Índios Mawé - Teses. I. Gregório, Sandra Regina, 1960-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

CRISTIANO GOMES DO NASCIMENTO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/06/2016.

Sandra Regina Gregório, Profa. Dra. UFRRJ

Nilton Paulo Ponciano, Prof.Dr. IFAM

Cristóvão Gomes Plácido Junior, Prof.Dr. IFAM

Vanderlei Antonio Stefanuto, Prof.Dr. IFAM

DEDICATÓRIA

In memoriam às senhoras da minha vida, Ana Lúcia, mãe e Maria Francisca, avó, pelo belíssimo exemplo de vida e respeito ao ser humano e principalmente pelo incentivo aos estudos.

Ao meu amado filho, Carlos Augusto, pelo amor e pela compreensão da ausência física durante os estudos.

Aos meus familiares e amigos, que busquem aqui o incentivo para retomar a vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus em primeiro lugar, pelo dom da vida e por me conceder sempre, oportunidades maravilhosas.

A professora Dr^a. Sandra Gregório, que sempre acreditou em nosso trabalho e não mediu esforços para que chegássemos até aqui.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, por ter oportunizado esta formação.

Aos alunos do curso técnico em administração, que contribuíram significativamente para este trabalho.

Ao Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, que sempre esteve disposto a ajudar este pesquisador. Waku Sese! Muito Obrigado!

Aos amigos, Renner Dutra, Afrânio Carvalho, Vanderlei Stefanuto, Ana Cristina, pelas inúmeras vezes que contribuíram para construção deste trabalho.

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pela oportunidade do convívio, Deus abençoe a todos!

A equipe gestora do IFAM campus Maués, por todo apoio, pois foram incansáveis para ajudar o desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO

NASCIMENTO, Cristiano Gomes. **O consórcio de produtores de guaraná sateré-mawé da região do rio marau no município de maués - uma contribuição para o ensino da economia sustentável.** 2016. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

Esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas *campus* Maués (IFAM/CMA) com a participação efetiva de 16 alunos do Curso Técnico em Administração na forma subsequente no primeiro semestre de 2016. O objetivo do trabalho foi “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”, para tanto, desenvolvemos uma oficina pedagógica para trabalhar temas que pudessem despertar no futuro técnico em administração a vocação para o empreendedorismo preocupado com o meio ambiente. Para melhor compreensão dos sujeitos a oficina foi construída a partir do interesse dos mesmos, sendo necessário trabalhar de forma interdisciplinar as disciplinas do curso, bem como, discutir temas transversais como economia sustentável, associativismo e cooperativismo, não contemplados na matriz curricular do curso. Deste modo, buscamos o trabalho que o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé vem desenvolvendo na Terra Indígena Andirá-Marau para ilustrar exemplos práticos da realidade local, desde a organização política interna do grupo através do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé, passando pela unidade de beneficiamento em Parintins, onde é feito o recebimento e mapeamento produtos, uma forma de rastrear a procedência dos produtos, para então, levar até a Europa parte da produção, vencendo obstáculos burocráticos, para então, tornarem-se exportadores do Mercado Justo, que para conhecermos, foi necessário conferir *in loco* por meio de observação e entrevistas, o trabalho do índio empreendedor. Para fazer o controle do processo de aprendizagem a partir da oficina pedagógica foram realizados dois testes denominados Teste Inicial ($T_{inicial}$) e Teste Final (T_{final}), os testes apresentaram 20 afirmativas sobre o processo de produção do guaraná em Maués e Economia Sustentável. Para mensurar o nível de aprendizagem dos sujeitos, foi utilizada a escala de Likert com cinco pontos, que variaram entre concordo e discordo, onde o maior valor atribuído foi para concordo e menor para discordo. Ao analisar os resultados pudemos perceber a evolução do nível de concordância dos sujeitos, pois enquanto no $T_{inicial}$ a Média Geral foi 3,98 o T_{final} mostrou a Média Geral de 4,83. De mesmo modo, aconteceu com o Coeficiente de Variação das respostas dos sujeitos, pois o no $T_{inicial}$ foi 30,22% e T_{final} esse valor caiu para 14,53%. Com isso, reconhecemos a contribuição deste trabalho para os discentes e docentes envolvidos, que a cada dia conheciam mais da cidade de Maués, da sua cultura e de suas potencialidades econômicas, principalmente a partir da experiência dos Sateré-Mawé, através do trabalho de produção e comercialização do guaraná, bem como, ver que, ainda temos muito a contribuir como instituto federal de educação, frente ao trabalho que desenvolvemos e que a comunidade maueense acredita.

Palavras-chave: Sateré-Mawé, Economia Sustentável, Interdisciplinar, Guaraná, Maués.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Cristiano Gomes. **The consortium of sateré-mawé guaraná producers In marau river region in municipality of maués- a contribution to the teaching of sustainable economy.** 2016. 99p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

This research was carried out at the Federal Institute of Education, Science and Technology *campus* Maués Amazonas (IFAM / CMA) with the effective participation of 16 students of the Technical Course in Administration in the subsequent form in the first semester of 2016. The objective of the study was to "Develop the Social Responsibility through the Sustainable Economy in professional training of the Administrative Technician, based on guarana production culture ", to this purpose, we developed a pedagogical workshop to work themes that might arouse in the future administrative technician vocation to the entrepreneurship worried with the environment. For better understanding of the subjects the workshop was built from their interest, being necessary to work of interdisciplinary form the subjects of the course, as well as to discuss transversal issues as sustainable economy, associations and cooperatives, not included in the curriculum of the course. This way, we sought the work developed by Consortium of Sateré-Mawé Producers in Indigenous Land Andirá-Marau to illustrate practical examples of local reality, since the internal political organization of the group through the General Council of the Tribe Sateré-Mawé, passing to beneficiation unit in Parintins, where the receipt and mapping products is done, a way to trace the origin of the products, to take to Europe part of the production, overcoming bureaucratic obstacles, to then become exporters of Fair Market, which to know, it was necessary to check on the spot through observation and interviews, the work of the entrepreneur indian. To control the learning process from the pedagogical workshop were carried out two tests called Initial Test ($T_{initial}$) and Final Test (T_{final}), tests showed 20 affirmatives about the guarana production process in Maués and Sustainable Economy. To measure the level of learning of the subjects, we used the Likert scale with five points, that varied between agree and disagree, where the highest assigned was to agree and the least to disagree. In analyzing the results, we could realize the evolution of the level of agreement of the subjects, because while in $T_{initial}$ the General Average was 3.98, T_{final} showed the General Average 4.83. Likewise, it happened with the variation coefficient of the answers of the subjects, because in $T_{initial}$ was 30.22% and T_{final} this value fell to 14.53%. This way, we recognized the contribution of this work to the students and teachers involved that each day knew more of the city of Maués, its culture and its economic potential, mainly from the experience of Sateré-Mawé through production work and commercialization of guarana as well as, to see that we still have much to contribute as Federal Institute of education, compared with the work that we do and the maueense community believes.

Key-words: Sateré- Mawé, Sustainable Economy, Interdisciplinary, Guarana, Maués.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1 DA MATA À BEBIDA DOMESTICADA: A TECNOLOGIA DOS ÍNDIOS SATERÉ-MAWÉ PARA A FABRICAÇÃO DO GUARANÁ.....	4
1.1	Apresentando a Cidade de Maués:	4
1.2	A Produção e Comércio do guaraná em Maués – A contribuição histórica dos Sateré-Mawé:	8
1.2.1	Os Sateré-Mawé: os filhos do waraná.	8
1.2.2	Identidade, cultura e Sociedade:	9
1.2.3	O Guaraná na perspectiva da sustentabilidade e da tradição:.....	13
1.2.4	A institucionalização do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM) e do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM):	17
2	CAPÍTULO 2 ECONOMIA SUSTENTÁVEL – A contribuição do CPSM para o processo educativo no Curso Técnico em Administração.....	19
2.1	Instituto Federal do Amazonas – <i>Campus</i> Maués: Breve Histórico:	19
2.2	O Curso Técnico em Administração no <i>Campus</i> Maués:.....	23
2.2.1	perfil profissional.....	24
2.2.2	demanda local	25
2.2.3	matriz curricular	27
2.3	Economia Sustentável:	30
2.3.1	Definições	30
2.4	Associação Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé:	35
2.4.1	A unidade de beneficiamento e os produtos:.....	36
2.4.2	A experiência empreendedora dos Sateré-Mawé	41
2.5	Estudo de caso no Curso de Administração do Instituto Federal do Amazonas, <i>campus</i> Maués:	45
2.5.1	Composição do grupo de pesquisa:	46
2.5.2	Metodologia do processo de aprendizagem:	47
2.5.3	Ferramentas para análise de dados:	47
2.6	Resultados obtidos no Estudo de caso no Curso de Administração:.....	47
2.6.1	Avaliação durante o processo de aprendizagem:.....	48
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	61
4	REFERÊNCIAS	62
5	ANEXOS	70
Anexo 1	– Lei Municipal 178/2009 – Tombamento Lenda do Guaraná	71
Anexo 2	- Termo de Concessão e Autorização de Pesquisa	72
Anexo 3	– Frequência Aceite Participação Oficina	73
Anexo 4	– Plano de Trabalho Oficina	74
Anexo 5	– Questionário Oficina.....	76
Anexo 6	– Entrevistas	78
Anexo 7	– TALE - Autorização Eudes Lopes Batista.....	95
Anexo 8	– TALE - Autorização Sidney Michiles	96
Anexo 9	– TALE - Autorização Sergio Batista Garcia	97
Anexo 10	– TALE - Autorização Edvaldo Ferreira Batista	98
Anexo 11	– TALE - Autorização Josibias Alencar dos Santos.....	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista da chegada no município de Maués pelo Rio Maués-Açu	4
Figura 2: Criança Sateré-Mawé com o guaraná nativo da TI Andirá-Marau.....	6
Figura 3: Vista da frente da Aldeia Simão na TI Andirá-Marau.....	7
Figura 4: 1ª Feira de Troca de Sementes, Sabores e Saberes na TI Andirá-Marau.	7
Figura 5: Luva de Tucandeira, simbólica para demonstração.....	12
Figura 6: Fruto do Guaraná, em estado maduro, fotografia capturada na estação experimental da Embrapa – Maués-AM.	14
Figura 7: Vista da área do Porto da cidade de Maués-AM.	16
Figura 8: Distribuição dos campi do Instituto Federal do Amazonas no estado.....	20
Figura 9: Início do ano letivo IFAM <i>campus</i> Maués.	22
Figura 10: Fachada IFAM/CMA, ano de 2015.	23
Figura 11: Na sede do CPSM com a equipe de trabalho na sede do CPSM.	36
Figura 12: Sala de beneficiamento do CPSM – guaraná em pó, junho de 2015.	37
Figura 13: Empacotamento do pó de urucum, janeiro de 2015.	37
Figura 14: Pão de waraná (ou bastão).	38
Figura 15: Tripé da Sustentabilidade.	39
Figura 16: Exposição do CPSM na Festa do Guaraná, ano de 2015.....	40
Figura 17: Mapeamento dos matéria-prima/produtos da TI Andirá-Marau.....	43
Figura 18: Faixa Etária Participantes da Oficina Pedagógica.	46
Figura 19: Pesquisa eletrônica – laboratório de informática IFAM/CMA.	49
Figura 20: Processo Produtivo de sorvete do GT Delícia Gelada.....	50
Figura 21: Processo Produtivo do GT Bombons de Castanha.	50
Figura 22: Fluxo de Operacional do GT Bombons de Castanha.	51
Figura 23: Processo Produtivo do GT Micro Distribuidora de Porções de Tacacá.	51
Figura 24: Apresentação dos produtos do GT IF Delícias Caseiras.	52
Figura 25: Comparativo do Coeficiente de Variação das respostas no Teste Inicial e Final da Oficina Pedagógica.....	54
Figura 26: Teste de Comparação de Médias – Teste Inicial e Teste Final.....	55
Figura 27: Comparativo das Médias dos Sujeitos na Oficina Pedagógica.....	56
Figura 28: Coeficiente de variação TI e TF por Afirmativas na Oficina Pedagógica.....	56
Figura 29: Valores médios atribuídos a cada afirmativa nas avaliações.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Demanda por Cursos Técnicos <i>Campus</i> Maués	21
Tabela 2: Exemplo Escala de Likert.....	47
Tabela 3: Valores médios de cada aluno referentes ao nível de concordância das afirmativas sobre Guaraná de Maués e Economia Sustentável.	53
Tabela 5: Valores médios atribuídos a cada afirmativa referentes ao nível de concordância sobre Guaraná de Maués e Economia Sustentável.	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 2: Matriz Curricular Curso Técnico em Administração - Forma Integrada.....	28
Quadro 3: Matriz Curricular Curso Técnico em Administração - Forma Subsequente.....	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: PIB de Maués (2013) em reais (R\$).....	24
Gráfico 3: Matrículas no Curso Técnico em Administração – Subsequente (2010-2015).....	26

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM - *Campus Maués*), iniciou suas atividades no ano de 2010, de acordo com a Portaria nº. 686 do Ministério da Educação que o autorizou a oferta dos cursos técnicos profissionalizantes, dentre eles, o curso Técnico em Administração nas formas integrada¹ e subsequente² e na modalidade presencial, com o objetivo de ampliar o espaço de formação profissional, além da elevação do nível de escolaridade no município de Maués e de seu entorno³.

De acordo com o Plano de Curso Técnico em Administração, seu objetivo geral é “formar profissionais técnicos de nível médio com conhecimentos específicos aptos a suprir a demanda por profissionais da área, realizando atividades de apoio técnico administrativo relacionados à produção de bens e serviços⁴, contribuindo para o desenvolvimento regional”. Neste sentido, um dos principais arranjos produtivos locais (APL) da região de Maués sem dúvida, é a produção do guaraná (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*), tendo como principal destino empresas de bebidas gaseificadas na cidade de Manaus.

Diversos trabalhos sobre a produção do guaraná em Maués citam os indígenas Sateré-Mawé como inventores da cultura, responsáveis pela domesticação da planta, bem como, do processo de beneficiamento do fruto do guaraná.

Embora, a cultura do guaraná tenha sido inicialmente domesticada pelos índios Sateré-Mawé, hoje, a produção de guaraná no município tem a participação de vários atores sociais, deixando de ser um produto exclusivo deste povo indígena.

Com a instalação em Maués da Companhia de Bebidas das Américas (Ambev)⁵ em 1972, a indústria de bebidas utiliza o guaraná como matéria prima para produção de xarope, em 2001, a empresa absorveu 70% do que foi produzido em Maués (SUFRAMA, 2003, p.4). Embora a Ambev tenha inserido novas exigências para suprir a demanda consumidora, alterando o ritmo de produção do guaraná no município para atender a perspectiva da produção em massa, a empresa vem discutindo como ajudar o produtor rural no aumento da produtividade de guaraná em sua propriedade, como também, auxiliando seu parceiro direto com doação de mudas de guaraná, como o clone (cultivar) BRS Maués.

Com as novas exigências, foi necessário alterar o processo produtivo do guaranazeiro para atender às demandas produtivas, considerando as possibilidades de obter lucro em médio prazo⁶, visto que, o guaranazeiro em seu crescimento natural precisa em média de 3 a 4 anos para começar a produzir, mas somente a partir do 5º ano que alcança o ápice de produção, de acordo com estudos realizados pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) em 2003.

¹ Ensino médio mais o ensino técnico funcionando, tem como pré-requisito o ensino fundamental completo.

² Também conhecido como pós médio, tem como pré-requisito o ensino médio completo.

³ Considerando que o IFAM/CMA, atende tanto os alunos provenientes do município de Maués, como também das imediações como o município de Boa Vista do Ramos.

⁴ De acordo com Nigel (2008), a razão pela qual as “organizações” existem é a produção de bens e serviços. Não oportuno dizer que a produção, é uma das três funções centrais de qualquer organização.

⁵No início das atividades em Maués a empresa era da Companhia Antarctica, que foi adquirida pela Ambev. A AmBev é a maior indústria de bens de consumo do Brasil e a maior cervejaria da América Latina (AMBEV, 2005, p.1).

⁶ Em termos de investimento financeiros é considerado curto prazo o período de 01 ano, médio prazo de 01 a 05 anos e longo prazo a partir de 05 anos.

Diante da exigência de mercado percebe-se a existência de dois grupos distintos de produtores: os produtores de guaraná nativo⁷ e produtores de guaraná clonado⁸. Desta forma, pesquisadores e produtores do guaraná clonado apresentam-no como o melhor método para o aumento da produtividade e do lucro à médio prazo. Reconhecem a existência do guaraná nativo, mas não como uma alternativa economicamente viável e classificaram-no como modelo ultrapassado do ponto de vista da produção, visto que o nativo não estaria totalmente vinculado à produção em massa⁹.

A produção do guaraná no Amazonas tem duas vertentes: o guaraná orgânico e o guaraná híbrido manipulado nos laboratórios da EMBRAPA, que chega às plantações para uma larga produção, a fim de atender a grande indústria do guaraná, a AMBEV (BASTOS e FURTADO, 2013, p.3).

Tendo em vista que o produto clonado considera a produção em massa fator determinante e o produto nativo produzidos pelos indígenas não além de não utilizar agrotóxicos para atender as necessidades de seu mercado, ambos têm seus produtores acreditando e trabalhando para melhoria da vida e contribuindo para o desenvolvimento regional.

No início deste trabalho, ao levantar questionamentos acerca do registro de informações sobre a produção do guaraná em Maués, nos deparamos com os produtos¹⁰ nativo e clonado, constata-se que, o primeiro aos poucos vem tendo seu modelo de produção substituído por novas técnicas agrícolas, e por isso apresenta pouco registro, informação e lucro para parte dos produtores, o que o coloca em baixa credibilidade. Por outro lado, o segundo é foco de incentivos e estudos de diferentes naturezas se considerar principalmente, os recebidos das empresas públicas¹¹ e privadas que tem por meta responder as exigências do atual mercado consumidor e por isso tem tido maior visibilidade e atenção neste momento.

Baseado nas evidências supracitadas, entende-se que para atingir seu papel, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFAM/*Campus* Maués (CMA) precisa: 1. Evidenciar a relevância da Economia Sustentável na formação do Técnico em Administração; 2. Trazer para o processo educativo local o estudo da mesma, a fim de, estabelecer uma produção econômica próxima à vivida hoje pelas comunidades indígenas; 3. E, finalmente queremos com base na produção do guaraná consolidar a marca “guaraná de Maués”, respeitando também, o bioma local, propiciando uma política de sustentabilidade às comunidades produtoras e contribuindo na formação dos futuros técnicos em administração formados pelo IFAM-*Campus* Maués construindo a melhoria de vida das comunidades pesquisadas.

⁷Nativo – como próprio do lugar. Produzido sem ação de agrotóxico. Tomado também no sentido de guaraná orgânico.

⁸Plantas produzidas a partir do programa de melhoramento genético do guaranazeiro (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*), coordenado pela Embrapa Amazônia Ocidental, no Estado do Amazonas, como exemplo temos os clones BRS-Amazonas (CMU300) e BRS-Maués (CMU 871).

⁹ A *produção em massa* é um termo utilizado na Administração para produção em grande escala e padronizado, promovido por Henry Ford no século XX.

¹⁰ São bens e ou serviços produzidos pelas diversas organizações para atender as necessidades das pessoas. De acordo com a Lei nº 8.078/1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor, define produto e serviço, Art. 3º, §1º - Produto é qualquer bem, móvel ou imóvel, material ou imaterial. §2º - Serviço é qualquer atividade fornecida no mercado de consumo, mediante remuneração, inclusive as de natureza bancária, financeira, de crédito e secretaria, salvo as decorrentes de relações de caráter trabalhista.

¹¹ De acordo com o portal Jus Brasil (2016), conceituamos empresa pública, como aquela que possui personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio e capital exclusivo do Estado, sendo criada mediante lei específica e administrada pelo Estado, para suprir suas necessidades. E empresa privada - aquela que possui personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio e capital exclusivo do Estado, sendo criada mediante lei específica e administrada pelo Estado, para suprir suas necessidades.

Assim sendo, esta pesquisa apresenta como Objetivo Geral:
Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná.

Para alcançarmos o objetivo principal definiram-se os seguintes Objetivos Específicos:

- Apresentar a importância do guaraná frente ao processo histórico cultural da cidade Maués;
- Descrever a relação entre a produção de guaraná e a cultura Sateré-Mawé;
- Demonstrar como os pressupostos de economia sustentável e responsabilidade social refletem na formação do Técnico em Administração.

1 CAPÍTULO 1

DA MATA À BEBIDA DOMESTICADA: A TECNOLOGIA DOS ÍNDIOS SATERÉ- MAWÉ PARA A FABRICAÇÃO DO GUARANÁ

1.1 Apresentando a Cidade de Maués:

O município de Maués, conhecido mundialmente como “Terra do Guaraná¹²”, está localizado à margem direita do Rio Maués-Açu (figura 1), distante de Manaus, capital do estado a 268 km em linha reta e 356 km por via fluvial¹³, atualmente com uma população de 59.983 habitantes¹⁴. Foi fundado em 1798, por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto.



Figura 1: Vista da chegada no município de Maués pelo Rio Maués-Açu
Fonte: Nascimento (2015).

A figura 1, ilustra a vista de quem chega à cidade de Maués por via fluvial. O município de Maués recebe o mesmo nome do rio que banha suas margens, tendo o rio emprestado o nome da tribo dos Mawé, primitivos da região.

Em 1798 é fundando o povoado de Luséa, pelos portugueses Luís Pereira da Cruz e José Rodrigues, a denominação é junção da primeira sílaba do nome do primeiro e da última sílaba do segundo, com o acréscimo de um “a”. Em 25 de junho de 1833 por meio de um decreto Luséa é elevada à categoria de vila, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição de Luséa, data em que se comemora o aniversário da cidade. Luséa também serviu de cenário

¹² A cidade tem essa marca devida seu histórico pela produção de guaraná e pela presença marcante que o fruto possui em sua cultura e economia.

¹³ O meio de transporte mais utilizado pelo maueense são os barcos de recreio, cada viagem dura em média 16 horas no trecho Maués – Manaus – Maués, e 12 horas para cidades adjacentes no trecho Maués – Parintins – Maués, no entanto, o percurso pode demorar ainda mais no período da seca dos rios.

¹⁴ Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) estimativa 2015.

para batalhas no período da cabanagem até a rendição em 1840 de 800 cabanos que ainda resistiam às forças do governo em Luséa. Em 1892, pela Lei Estadual nº 35, o município e sua sede recebem a denominação de Maués. O município de Maués é considerado o centro de origem do guaraná.

[...] o guaraná ainda é um produto exclusivamente brasileiro e muito apreciado por suas qualidades energéticas e gastronômicas. Entretanto, sua origem amazônica (e no estado do Amazonas, em particular) não impediu que a concentração espacial de sua produção se transferisse desta região para a Bahia, hoje o maior e mais produtivo estado guaraniculor do Brasil (PARENTE, 2003, p.2).

Até os anos 80, Maués era líder absoluta na produção do guaraná, com 90% da produção brasileira (LUZ, 2003). No entanto, hoje o estado da Bahia é o maior produtor de guaraná do país com 2.600 toneladas com o preço mínimo de R\$ 7,58 kg do guaraná em rama, e o estado do Amazonas em segundo lugar com 855 toneladas do fruto, com o preço mínimo de R\$ 12,30 kg do guaraná em rama (CONAB, 2016), com destaque para o município de Taperoá (BA) quem mais produz atualmente¹⁵.

Com base neste contexto e na necessidade de desenvolvimento, é que Maués buscou articulação para a implantação de uma unidade de formação técnica profissional, que pudesse ajudar ao município a se desenvolver e ter novamente destaque no cenário nacional em relação à produção agropecuária, em especial, do guaraná.

A cultura do guaraná (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*)¹⁶ tem importância significativa do ponto de vista social, econômico e cultural, principalmente na área indígena do Andirá-Marau onde vivem os índios *Sateré-Mawé*¹⁷, povo responsável pelo processo de domesticação¹⁸ do guaraná. Os *Sateré-Mawé* desde sua infância tem contato com a planta e recebem dos mais velhos ao longo de sua vida conhecimentos sobre a importância do fruto frente sua economia e origem de seu povo (figura 2¹⁹). Os *Sateré-Mawé*²⁰ são considerados os inventores da cultura do guaraná, transformaram uma trepadeira silvestre em arbusto cultivado, após a domesticação da planta, criaram do processo de beneficiamento do fruto do guaraná (LORENZ, 1992, p.11; UGGÉ, S/D, p. 27).

¹⁵ Matéria pública eletronicamente por meio de jornais e revistas, como: Folha de São Paulo, Época e Ambiente Brasil. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1629893-bahia-e-amazonia-travam-guerra-do-guarana-para-valorizar-produto.shtml>>; < http://ambientes.ambientebrasil.com.br/amazonia/floresta_amazonica/guarana_fruta_nativa_da_amazonia.html>; < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR59197-6012,00.html>>.

¹⁶ Toda vez que for utilizado o termo “guaranazeiro/guaraná” o mesmo será referenciado à espécie *Paullinia cupana* var. *sorbilis*.

¹⁷ Tribo indígena chamada regionalmente Mawé, descendente das tribos denominadas no passado pelo nome Andirá e Maraguá, residem na Terra Indígena Andirá-Marau.

¹⁸ O termo domesticação é utilizado para referenciar a ação do indígena frente à manipulação da planta nativa do guaraná, pois de acordo com Uggé (S/D, p. 27) a planta do guaraná é perene trepadeira, podendo atingir até 10 metros de altura quando tem como suportes árvores da floresta, mas quando cultivando em espaços abertos, assume a aparência de arbustos, semiereto, cuja copa varia de 9 a 12m². Corroborando com isto Freire (2008, p.17), se refere ao termo “domesticação” o modo de manipulação dos alimentos a partir de técnicas agrícolas, o que permitiu a produção e conservação de produtos básicos para alimentação.

¹⁹ Imagem de autoria de Sidney Michiles, presidente do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, utilizada com permissão do autor. Em anexo estão as autorizações para uso dos nomes e imagens dos Sateré-Mawé nesta pesquisa.

²⁰ Ao considerar os autores que falam sobre o povo Sateré-Mawé em épocas diferentes, com grafias próprias do tempo, adotamos como padrão a do “Dicionário Sateré-Mawé/Português” de Ribeiro (2010).



Figura 2: Criança Sateré-Mawé com o guaraná nativo da TI Andirá-Marau.
Fonte: Michiles, 2014.

Na figura 2, a imagem de uma criança da tribo *Sateré-Mawé* com o fruto do guaraná nos mostra a proximidade que a etnia possui em relação ao fruto e isso é passado de geração para geração, para que o índio em tenra idade possa reconhecer sua origem e aprender a valorizar seus usos e costumes tribais.

Esta imagem tem sua exposição autorizada por Sidney Michiles, presidente do Consórcio de Produtores Sateré-Mawé (CPSM), nela está a expressão da força da cultura *Sateré-Mawé* nas suas aldeias em relação a cultivo e utilização do guaraná. Esta cultura é passada para os descendentes desde a infância, e desta forma as crianças têm o contato com os frutos do guaraná assim como a bebida de guaraná, o “*sapó*”²¹, que faz parte dos rituais da etnia *Sateré-Mawé*.

O guaranazeiro é uma espécie arbustiva e trepadeira da família das Sapindáceas que durante séculos é utilizada pela população nativa da Amazônia Legal. O nome guaraná é de origem tupi e significa “bebida dos senhores” (MONTEIRO, 1965 *apud* ATROCH, 2009, p.11).

O guaranazeiro é de cultivo tradicional. É uma planta genuinamente brasileira de grande importância econômica e social, especialmente na Região Amazônica. Esta importância é evidenciada na demanda de sementes pelas indústrias de bebidas, para atender ao promissor mercado de refrigerantes e energéticos, tanto a nível nacional quanto internacional. (TAVARES, 2005, p.36).

Embora, a cultura do guaraná tenha sido inicialmente domesticada pelos índios *Sateré-Mawé*, hoje em dia a produção de guaraná tem a participação de vários atores, deixando de ser um produto exclusivo dos povos indígenas que o produzem tanto na no rio Andirá em Barreirinha, como no rio Marau em Maués, ambos na Terra Indígena (TI) Andirá-Marau²².

Atualmente, os *Sateré-Mawé* buscam mecanismos para melhoria da qualidade de vida do indígena dentro da TI Andirá-Marau, não somente pela questão econômica do comércio do

²¹ Em seu trabalho Pacheco (2010, p.83), nos diz que o termo correto é “sapo”, porém utilizaremos a tradução “sapó”, para não haver confusão com a classe dos anfíbios denominados “Anura”.

²² Foi criada a partir do Decreto nº 93.069 de seis de agosto de 1986, que homologa demarcação da TI Andirá Marau.

guaraná e dos diversos outros produtos produzidos em suas terras, mas principalmente pelo bem-estar social a partir do consumo de alimentos orgânicos, pois há muito o indígena tem incluído em suas refeições comidas industrializadas o que tem afetado a produção agrícola de seus quintais.

Há de se retrata que nos dias 11 a 13 de junho de 2015, aconteceu na Aldeia Simão na TI Andirá-Marau (figura3) a 1ª Feira de Troca de Sementes, Sabores e Saberes, de iniciativa do Projeto Waraná, com a participação de vários parceiros institucionais, como o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) *campus* de Presidente Figueiredo, a Secretaria de Estado de Produção Rural do Amazonas (SEPROR), o Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (IDESAM) e o Centro de Sementes Nativas do Amazonas, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Figura 3: Vista da frente da Aldeia Simão na TI Andirá-Marau.

Fonte: Nascimento, 2015.

A aldeia Simão, localizada na TI Andirá-Marau, na região do município de Barreirinha tem acesso por via fluvial, como mostrado na figura 3 onde podemos visualizar quatro embarcações “atracadas” (termo regional amazônico), algumas locadas exclusivamente para fazer o transporte dos participantes da 1ª Feira de Troca de Sementes, Sabores e Saberes.

A feira teve como intuito motivar os moradores das aldeias para que recuperassem culturas agrícolas perdidas de seu quintal, como também levar para suas vizinhas sementes de seus frutos e trocar por outras sementes que estivessem em falta na comunidade (figura 4).



Figura 4: 1ª Feira de Troca de Sementes, Sabores e Saberes na TI Andirá-Marau.

Fonte: Nascimento, 2015.

A figura 4, mostra sementes separadas e prontas para a troca, o objetivo principal do evento era fazer com que o *Sateré-Mawé* comece a plantar em seu quintal culturas agrícolas que não mais existem na sua alimentação, e com isso consiga a soberania alimentar a partir do consumo de alimentos orgânicos produzidos em seu próprio terreno.

Parte desse processo é resultado da alteração da cultura indígena, principalmente pela inserção cultural do branco e não indígena em seu meio.

Além do mais, os colonizadores trouxeram muitas doenças e problemas sociais que, antes, não existiam entre os indígenas, o que colaborou ainda mais para que a dizimação se desse de maneira mais acelerada e intensiva (PONTES FILHO, 2000, p.33)

A conversão dos índios e a sua “**descida**”²³ para as vilas e aldeias portuguesas afetou as diferentes culturas e modos de produção das populações indígenas que viviam nas margens do rio Amazonas e seus afluentes. Nesse período houve esvaziamento das aldeias porque muitos indígenas deixavam de trabalhar para sua própria família e comunidade para se dedicar às colônias e, principalmente, porque a grande maioria foi morta por doenças, guerras e excesso de trabalho (VERÍSSIMO, 2014, p.44).

Neste sentido, é necessário evidenciar a luta e os esforços que o povo *Sateré-Mawé* tem feito para manter sua cultura e a sobrevivência a partir do cultivo e beneficiamento do guaraná.

1.2 A Produção e Comércio do guaraná em Maués – A contribuição histórica dos Sateré-Mawé:

1.2.1 Os Sateré-Mawé: os filhos do waraná.

O nome originário do guaraná, é o termo *waraná*. Os *Sateré-Mawé* habitam a TI Andirá-Marau, localizada na região antes denominada de Médio Amazonas, entre os estados do Amazonas e Pará. De acordo com o último censo indígena realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2010, os *Sateré-Mawé* constituem um grupo de 11.112 indígenas, dos quais 10.222 moram na zona rural, nos municípios de Barreirinha, Maués e Parintins, dos quais aproximadamente 890 residem nas áreas urbanas destes municípios (IBGE. Indígenas, 2010). Em 2014, o Conselho Geral das Tribos Sateré-Mawé, levantou o número de 13.350 para a população indígena *Sateré-Mawé* (ISA, 2015).

Ao fazerem referência ao local de origem, os indígenas relatam que seus ancestrais habitavam o território panteísta denominado *Nusoken*, lugar onde estavam todas as plantas e animais úteis ao povo *Sateré-Mawé* (LORENZ, 1992, p.16; PEREIRA, 1954, p.12).

O nome do povo *Sateré-Mawé* significa: Sateré – “lagarta de fogo” sendo o clã mais importante desta sociedade, por indicar tradicionalmente a linha sucessória dos *tui’sã*²⁴ e Mawé – “papagaio inteligente e curioso”, não sendo designação clânica (LORENZ, 1992, p.11). Contribuindo com a explicitação nos servimos de Uggé (S/D, p.19) quando diz que a função do *tui’sã* é garantir a sobrevivência e organização socioeconômica da aldeia, por isso tem autoridade para aceitar ou recusar a presença de componentes do povo da aldeia e é quem

²³ Palavra usada quando os missionários conseguiam convencer os indígenas a abandonar suas aldeias para viver em comunidade com os portugueses seguindo as suas regras católicas e seu sistema de produção. Vide obra de Veríssimo, 2000. Vencedor do 58º Prêmio Jabuti de Literatura categoria didático e paradidático em 2015.

²⁴ Substituímos o termo “tuxaua” escrito por Lorenz (1992, p.11), por “*tui’sã*”, por considerar ser mais próximo da realidade indígena e também ser um termo usual do Sateré-Mawé. Uggé (S/D) em seu livro “As bonitas histórias Sateré-Maué” esclarece que o termo tuxaua significa (*tui’sã* – quem vem de sangue), que é o chefe de uma aldeia, exercendo autoridade por herança-genealógica e linhagem.

coordena o *puchirum*²⁵ das famílias no período da preparação dos roçados. Sendo o mesmo a representação do poder executivo e judiciário no que diz respeito às normas e tradições tribais.

1.2.2 Identidade, cultura e Sociedade:

Sendo os *Sateré-Mawé* uma comunidade tradicional da Amazônia, ainda mantêm seus usos e costumes tribais. De acordo com Uggé (S/D, p. 9), após 300 anos de contato com a evangelização cristã pelos missionários e civilização²⁶ brasileira conseguiram manter a língua nativa (*Sateré-Mawé*), a organização social da tribo, usos e costumes. Buscam melhoria de vida através da atuação formativa na educação condizente com a sua realidade histórico-geográfico-cultural e principalmente respeitando suas tradições tribais²⁷.

Embora existam indícios sobre o início da obra missionária no Amazonas, somente após 1657 é possível encontrar registros²⁸ da presença dos jesuítas, os quais tinham como objetivo catequisar os indígenas e expandir a fé católica, para desta forma civilizar “o selvagem” (PONTES FILHO, 2000, p. 63).

Rodrigues (1964, p.100)²⁹ afirma que, a língua Mawé é fundamentalmente uma língua Tupi, portanto, pertencente à família do tronco Tupi. Em seu trabalho Lorenz (1992, p.11) afirmava que, os homens da etnia eram bilíngues, falantes do *Sateré-Mawé* e do Português, no entanto, as mulheres em sua maioria, mesmo com 322 anos de contato com os brancos, só falavam a língua nativa. Atualmente existem mulheres falantes tanto do *Sateré-Mawé*, quanto do Português.

De acordo com Silva (2014, p.15), tantos os movimentos étnicos, religiosos ou nacionalistas para fundamentar sua identidade reivindicam uma cultura ou uma história comum. E que para melhor entendermos o conceito, nos faz o seguinte questionamento: “é possível afirmar uma identidade étnica ou nacional sem reivindicar uma história que possa ser recuperada para servir de base para esta identidade?”

Desta forma, percebe-se que, para os *Sateré-Mawé* são significativos: a terra indígena, a língua materna, os usos e costumes os quais são relevantes em sua organização social e cultural como o Ritual da *Tucandeira*³⁰ e sua influência nas relações sociais da tribo e a lenda do guaraná que traz a origem do povo *Sateré-Mawé*, onde o guaraná não é simplesmente uma bebida ou planta, tampouco, se reduz a moeda de troca fabricada pelo sistema econômico capitalista, mas uma forte representação simbólica dentro da cultura indígena nas comunidades *Sateré-Mawé*.

²⁵ Uma forma de trabalho coletivo, onde as pessoas se unem colaborativa em prol de uma única atividade, mas que o chefe da família (ou beneficiado) deve prover alimentação a todos os participantes na execução do trabalho, como forma de pagamento. Lorenz utiliza o termo *puchiruns* em seu livro “*Sateré-Mawé – os filhos do guaraná*”.

²⁶ No sentido de organização da estrutura social.

²⁷ Um grande desejo dos indígenas é ver seus filhos frequentando escolas (mesmo que seja a escola dos não indígenas), evitando a saída da aldeia, pois segundo o *tui'sã da* aldeia Ilha Michiles, Josebias Michiles (2015), os indígenas que se deslocam para a cidade, depois de concluírem seus estudos, dificilmente permanecem na área indígena, representando um desafio para continuidade da cultura neste contexto.

²⁸ Carta do padre António Vieira, relatando a presença dos padres Francisco Veloso e Manuel Pires na região do rio Negro. António Vieira foi um dos membros de maior destaque da Companhia de Jesus, pela sua atuação em favor da coroa portuguesa ao redor do Mundo (GONÇALVES E PEREIRA, 2012, p.24), sendo uma das pessoas mais influentes do século XVII.

²⁹ Trabalho publicado originalmente em alemão nos *Proceedings of the 32nd International Congress of Americanists*, Copenhagen, 1959; págs. 679-684. Versão corrigida do artigo “*Classification of Tupi-Guarani*”, *International Journal of American Linguistics*, vol. 24, págs. 231-234; 1958. Traduzido por Arnaldo Hauptmann e Thekla Hartmann.

³⁰ Substituímos o termo *tocandira* encontrado nas literaturas, por *tucandeira* ser usual dos indígenas.

Assim, torna-se indissociável à cultura do guaraná tradicional o processo de domesticação, a historicidade do povo indígena *Sateré-Mawé* atrelado a todo um sistema de cultivo e comercialização de produtos oriundos de suas terras.

De maneira distinta, Alvares (2009, p. 18) afirma que, a estrutura social inclui valores, que os *Sateré-Mawé* demonstram na dualidade entre a face guerreira e o diálogo, característicos da boa relação social, dualismo expresso no *porantim*³¹. Segundo o ponto de vista dos indígenas, o *porantim* conta a história da origem dos nativos, e também, a história das guerras.

Os *Sateré-Mawé* comentam que, hoje nenhum dos indígenas possui o conhecimento necessário para fazer a leitura do que está escrito no *porantim*. O que lamentavelmente parece é não existir mais nativos que consigam ler os símbolos do *porantim* (ALVAREZ, 2009, p. 18).

Neste sentido, a identidade está situada entre concepções construcionistas³² e essencialistas. Assim, a identidade não poderá separar-se da relação cultura e significados. Silva (2014, p. 17), destaca que a representação inclui as práticas de significação e sistemas simbólicos, pelos quais produzimos os significados, posicionando-nos como sujeito. Podendo ainda ser compreendida, como um processo da cultura, estabelecendo identidades individuais e coletivas (SILVA, 2014, p. 18).

Os *Sateré-Mawé* possuem muitas representações em sua relação social, política e cultural além do *porantim*, que explicam os eventos naturais e que norteiam suas relações de afeto e de autoridade baseadas na hierarquia³³. Como exemplo de tais representações temos a mandioca, a *tucandeira*, e o fruto do guaraná que é considerado a origem dos *Sateré-Mawé*.

Por isso, sua relação com a produção e cultivo por anos tenha sido evidenciada na identidade cultural, sendo fundamental e de extrema importância elencar a lenda do guaraná que apresenta o significado da existência dos indígenas.

A lenda do guaraná inicia com a descrição do local, onde os três irmãos *Ocumató*, *Yacumã* e *Onhiamuaçabê* viviam no *Nusoken*. Os irmãos não queriam que *Onhiamuaçabê* casasse, para não dividir o tempo da irmã com marido ou família, devido seus poderes mágicos que reconheciam as plantas que fariam bem ou mal ao homem.

No entanto, a moça engravida ao ser tocada por uma cobra, provocando a ira dos irmãos, e assim teve que cuidar do filho fora do *Nusoken*. Ao crescer, o menino desejou comer dos mesmos frutos que os tios provavam, mas eles não permitiam. Um dia, *Onhiamuaçabê* levou o filho ao *Nusoken* para comer as castanhas. Com o tempo o menino passou a ir sozinho. Ao descobrirem, os tios ordenaram aos guardas que matassem qualquer um que se aproximasse da árvore, e assim o fizeram.

Ao se deparar com o filho morto, a mãe, usando seus poderes mágicos, arranca o olho esquerdo do garoto e enterra, e nasce o falso guaraná. Então, ela planta o olho direito do filho e nasce o guaraná verdadeiro. Em seguida enterra o corpo e dali surge a criança ressuscitada, dando origem ao povo *Sateré*. A mãe o põe no colo e coloca na boca um dente feito de terra preta, por isso os indígenas falam que seus dentes apodrecem³⁴.

³¹ De acordo com Lorenz (1992, p.13), o *porantim* é uma peça de madeira com aproximadamente 1,50m de altura, com desenhos geométricos gravados em baixo relevo, recobertos com tinta branca – a tabatinga. Sua forma lembra uma clava de guerra ou a de um remo trabalhado.

³² Construcionismo social, onde os processos sociais se estabelecem entre as pessoas e não individualmente, que para melhor compreensão precisam ser contextualizados à realidade social do grupo onde o indivíduo está inserido.

³³ De acordo com Chiavenato (2003, p. 32), o escalão hierárquico de comando é dividido em graus de responsabilidade, sendo típico de organizações militares. Até hoje as organizações utilizam o modelo que inicia nos gestores, no caso das tribos no *tui'sã*, passando por todos os níveis da organização.

³⁴ A Lenda do Guaraná baseada na versão do livro *Moronguetá: um decameron indígena*, de Nunes Pereira, vol.2 1967, retirado do no livro *As Lendas Amazônicas em Sala de Aula*, de Anervina Souza, 2 ed. 2011. Existem

Este texto representa a síntese da lenda do guaraná e mostra a importância que o fruto possui dentro da cultura indígena *Sateré-Mawé*, onde o fruto está presente não apenas na economia, mas principalmente, na identidade cultural e nos costumes desse povo tradicional da Amazônia, que tanto luta para fortalecer seu povo e preservar sua identidade cultural diante dos constantes contatos com o mundo exterior. Concordamos com Lorenz (1992, p.39) quando diz que, os *Sateré-Mawé* se autodenominam como inventores da cultura guaraná, justificada em nível cultural através do mito da origem, sendo os mesmos, Filhos do Guaraná. A lenda do Guaraná é tão significativa para o município que no ano de 2009 a mesma foi tombada como Patrimônio histórico, artístico, cultural e imaterial do município de Maués, conforme Lei Municipal 178/2009 (ANEXO 1).

Uggé (S/D, p. 9) afirma que, os *Sateré-Mawé* tem vontade de manter sua identidade tribal, mas considera uma tarefa difícil, visto que, precisam da solidariedade e apoio de alguém externo, fora da tribo, que possa ajudá-los a enfrentar o que os mesmos consideram, o perigo do mundo moderno³⁵. Tal afirmativa é baseada nos conflitos internos e divergências entre as lideranças indígenas e a influência da cultura do não indígena³⁶ em seu meio, como a violência e o alcoolismo que os mesmos consideram os maiores perigos enfrentados atualmente por seu povo.

Nessa perspectiva, Souza (2011, p.18), aponta a importância de se valorizar a cultura a que pertencemos, denotando que sem ela não entenderíamos a nossa própria identidade, ou seja, a identidade é simbolicamente baseada na ideia que temos de povo, daquilo que é puro, original. Da mesma forma, Geertz (2008, p. 4) aceita o conceito de Max Weber³⁷ quando afirma que, o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele, assumindo a cultura, a forma dessas teias e sua análise; considera ainda, a cultura como uma ciência interpretativa, à procura de significados.

A expressão cultural religiosa dos *Sateré-Mawé* era uma fusão de diferentes cultos ou religiões como o animismo primitivo, espiritismo afro-brasileiro e de fé cristã (UGGÉ, S/D, p. 11). Hoje é notória a influência do cristianismo nas aldeias, difundido principalmente pelas igrejas católica e protestante, em harmonia com a crença tribal primitiva.

O contato que os indígenas tiveram com outros povos influenciou na alteração do uso e costumes próprios, inserindo novos valores, como a religião cristã, as vestimentas, a alimentação, a educação e, também, os meios de transporte. A chegada dos europeus além de inserir novas etnias, assim como, a ação dos missionários e militares, **violentaram a identidade cultural dos povos indígenas**, impondo um *modus vivendi*, que de certo modo incentivou o cruzamento dos colonizadores com as mulheres colonizadas, dando origem ao caboclo (FONSECA, 2011, p.65, grifo nosso).

muitas versões sobre a lenda do guaraná, a exposta aqui é uma delas. Mas também podemos encontrar muitas outras versões como no livro *As Bonitas Histórias Sateré-Maué* (UGGÉ, 1993), como também, encontrar versões voltadas à festa do guaraná, como a versão *Cereçaporanga* (a índia mais bonita da tribo dos maués), baseada no poema “O GUARANÁ” do poeta, escritor e político mauense Homero de Miranda Leão, citada em *Guerra da Cabanagem: heróis esquecidos* por (GRUBER, 2008). Podemos encontrar outras versões em diversos canais de comunicação, principalmente por meio *websites*.

³⁵ O termo “mundo moderno” vem como choque entre as culturas, considerando as tecnologias utilizadas pelos não indígenas, e que aos poucos estava sendo inserida dentro das aldeias.

³⁶ Substituímos o termo original “branco” por compreender que o autor não estava falando exclusivamente de europeus, mas do caboclo, do negro e qualquer outra pessoa de fora da tribo.

³⁷ Na ciência da administração, Max Weber é conhecido por ter concebido a Teoria da Burocracia, onde a burocracia é a organização eficiente por excelência e deve detalhar tudo como deve ser feito para racionalizar as tarefas, muito diferente do conceito popular para o termo. Uma de suas mais importantes é a “Ética protestante e o “espírito” do capitalismo”, lançada entre os anos de 1904 e 1905 e ampliada em 1920.

Mesmo sofrendo interferência externa, a cultura *Sateré* vem resistindo ao tempo, na religião temos uma autoridade representativa dentro do ambiente cultural, o *paigni*³⁸, exerce a pajelança³⁹, arte de interpretar fatos reais, sonhos e fenômenos naturais, protegendo pessoas e lugares, identificando doenças, feitiços e curá-los, como também, comunicar-se com espíritos. Sendo a arte da inspiração espiritual (UGGÉ, S/D, p.13).

Para exercer a pajelança é necessário ser iniciado por um *paigni* experiente, ali são repassados gestos, palavras e atitudes que somente os iniciados têm acesso.

A estrutura social é baseada no sistema de parentesco. Onde o indivíduo pertence ao clã da própria família. De acordo com Alvarez (2009, p.18), a estrutura social do grupo está caracterizada na divisão de *ywanias* ou clãs, numa tradução simplória.

Estes grupos não convivem nos mesmos espaços geográficos, estando distribuídos em várias comunidades, e podem ser compreendidos como nação ou grupo étnico. Embora este trabalho estude o clã *Sateré*, existem outros como: *Waraná* (Guaraná); *Akuri* (Cutia); *Hwi* (Gavião) e *Moi* (cobra). Segundo Alvarez (2009, p.18), os *Sateré* seriam bons *tui'sã*, os *Moi* – cobra – bons *paignis* – pajés. A participação no ritual da tucandeira *waymat*, seria o elemento que unificaria os clãs, realizado durante a passagem da puberdade para idade adulta, onde o participante se deixa picar pelas formigas tucandeiras (*Paraponera clavata sp*) - *watyama*, onde as mãos do iniciado são colocadas na luva da tucandeira (figura 5) sendo necessário uma preparação, tanto do corpo do candidato, quanto do ambiente que será realizado o ritual.



Figura 5: Luva de Tucandeira, simbólica para demonstração.
Fonte: Nascimento (2015).

Na figura 5 está apresentada a luva de *tucandeira*⁴⁰, que é tecida de fibras vegetais *warumá*, pelos indígenas para ocasião do Ritual da *Tucandeira*⁴¹, ao centro da luva e imagem

³⁸ Curador, médico, pajé.

³⁹ Responde a fenômenos inexplicáveis pelo índio. De acordo com UGGÉ (S/D, p. 14), ajuda os índios nos tratamentos das doenças físicas e emotivas, conserva os costumes tribais e mantém o respeito e confiança nas tradições em favor da sobrevivência espiritual e animista do grupo.

⁴⁰ Esta luva encontra-se para exibição na Aldeia Ilha Michiles.

à direita podemos visualizar a disposição que as formigas são presas ainda vivas sob efeito de uma mistura de folhas de caju amassadas e misturadas com água, deixando-as paralisadas para que não ferrem quem prepara a luva, as formigas são amarradas com a parte traseira para dentro da luva, pois no ritual é colocada a mão por 20 vezes para ser ferroadas pelas formigas (ALVAREZ, 2009, p. 21; UGGÉ, S/D, p.66).

De acordo com Leach (1995) *apud* Alvarez (2009, p.20), o ritual, deve ser entendido num aspecto virtual da ação, uma simbologia construída culturalmente. O ritual torna clara a estrutura social, evidenciando simbolicamente o sistema de relações sociais entre os que participam. Considerado o momento adequado para acordos de possíveis lideranças a partir do desempenho na ritualística, sendo também, uma oportunidade para as moças que assistem encontrar o seu futuro marido (UGGÉ, S/D, p. 68).

Neste aspecto, o Ritual da *Tucandeira* assume importância na organização das relações sociais do povo *Sateré-Mawé*, garantidos pela autoridade do *tui'sã* e do *paigni*.

De acordo com Uggé (S/D, p. 19), *tui'sã* e *paigni* são autoridades que garantem a estrutura tribal - as narrações orais, ritos e mitos – e o bom funcionamento social em componentes físico, religioso e psíquico[...] ...Existe ainda o *tui'sã geral* que, além de possuir autoridade de coordenação interna entre os *tui'sãs* de várias aldeias, é o representante oficial da tribo no relacionamento e nas questões com as autoridades e civilizações dos “não indígenas” (UGGÉ, S/D, p.19).

O *tui'sã* é considerado ainda, o poder executivo, legislativo e judiciário, garantindo a sobrevivência social, cultural e econômica da tribo.

1.2.3 O Guaraná na perspectiva da sustentabilidade e da tradição:

O guaraná é natural da região norte do Brasil. As partes mais utilizadas para consumo são as sementes, secas e levemente torradas. Sendo comercializado de quatro formas distintas: em rama⁴²; em bastão; em pó; e na forma líquida: xaropes ou essências. Além de ser muito utilizado no preparo de bebidas refrigerantes devido às suas propriedades estimulantes, o guaraná também possui propriedades lipolíticas e vasodilatadoras. Esta propriedade o torna adequado para o preparo de cosméticos indicados para o tratamento da celulite. O guaraná é ainda indicado nos casos de esgotamento físico, depressão nervosa e no combate à enxaqueca (MORAES *et al.* 2003).

O guaranazeiro foi cultivado inicialmente na Amazônia pelos índios da tribo *Sateré-Mawé* (GARCIA *et al.*, 1999 *apud* PLÁCIDO JUNIOR, 2012, p.12).

Lorenz (1992, p.11-13) e Teixeira (2005, p.130), afirmam que, os *Sateré-Mawé* são os inventores da cultura do guaraná como também se autodenominam os “filhos do *waraná*”, transformaram uma trepadeira silvestre em arbusto cultivado para em seguida criar o processo de beneficiamento do guaraná, possibilitando seu consumo no Brasil e no exterior.

Junto ao beneficiamento do guaraná, os moradores do Rio Marau utilizaram um de seus instrumentos culturais e de identidade, transformando-o em potencial econômico para

⁴¹ De acordo com Uggé (S/D, p. 66), as luvas têm diversas formas, podendo ser cilíndricas, redondas, ovais e de outras formas, de acordo com a finalidade do ritual a ser realizado. Alvarez (2009, p. 23) nos diz que existem diferenças na forma de realização da ritualística no Andirá para o Marau.

⁴² Guaraná em rama são as sementes torradas prontas para comercialização. As outras formas de comercialização do produto são: 1. em bastão, ou rolo, ou barra que para ser consumido precisa ser ralado em pedra própria, ou na língua do pirarucu para obtenção do pó que misturado à água pode ser consumido; 2. o xarope ou extrato concentrado para o consumo direto como bebida energética também usado na produção industrial de bebidas e 3. o guaraná em pó (moído em máquina) que é misturado à água para ser consumido.

sustento e melhoria de vida das comunidades, com sua produção voltada para o mercado local pautada nos pressupostos da sustentabilidade.

De acordo com Almeida (2002, p. 28), a noção de sustentabilidade é melhor compreendida no sentido de “sobrevivência”. Do mesmo modo, os *Sateré-Mawé*, visualizaram na comercialização dos seus produtos agrícolas, a possibilidade de sobrevivência da tribo a partir de seu próprio esforço e capacidade produtiva, pautada no respeito às tradições culturais e ao meio ambiente; preocupado também na preservação da fauna e flora para manutenção e sustento das futuras gerações.

O guaraná de Maués é muito valorizado no mercado nacional e principalmente no mercado europeu, pois é considerado mais “forte” do que o guaraná produzido em outras regiões, mesmo dentro do Amazonas. Em parte esse diferencial é devido à atuação dos *Sateré-Mawé*, que, além de poder usar a marca Amazônia, podem beneficiar-se dos mercados de produtos indígenas e socialmente justos (ATROCH, 2009, p.13).

Dentre outros produtos comercializados na economia *Sateré-Mawé*, o guaraná (figura 6) é o que possui maior valor agregado no mercado, sendo hoje considerado o carro chefe da economia indígena. Conforme Uggé (S/D, p. 26), os índios *Sateré-Mawé* tem o costume de tomar o guaraná ralado na água - o *sapó* - os mais velhos consideram o termo impróprio por significar qualquer raiz, para os mesmos, o verdadeiro nome é *wará*, que antigamente era tomado com muito respeito em reuniões familiares e comunitárias com um significado sagrado. Para Lorenz (1992, p.13), a importância do guaraná na organização social e econômica entre os *Sateré-Mawé*, ajudou a desenvolver a vocação para o comércio.



Figura 6: Fruto do Guaraná, em estado maduro, fotografia capturada na estação experimental da Embrapa – Maués-AM.

Fonte: Dibo, Ana Cristina Sales- imagem cedida (2014).

O fruto do guaraná quando maduro tem a forma de olho humano, por isso simbolicamente os próprios *Sateré-Mawé*, dizem que o fruto veio a partir do olho de uma criança. A figura 6 foi capturada na estação experimental da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) na cidade de Maués.

Em seu trabalho Lorenz (1992, p. 40-41) faz distinção entre dois cultivos de guaraná: a) beneficiado pelos *Sateré-Mawé*, de excelente qualidade, denominado de guaraná das terras,

guaraná das terras altas e guaraná do Marau e; b) guaraná beneficiado pelos civilizados na região de Maués, chamado de guaraná de Luzéia, antigo nome da cidade, cultivado fora dos modelos tradicionais, estabelecido pelos domesticadores, os índios. Desta forma, o processamento final geraria um produto de qualidade inferior⁴³.

De acordo com Batista⁴⁴ (2015), os *Sateré-Mawé*, através do CPSM e associados, produzem e vendem maior parte de sua produção anual para mercados internacionais da Europa.

Embora o guaraná seja um produto fundamental para fortalecimento da economia e manutenção das aldeias *Sateré-Mawé*, não podemos esquecer a luta para manter sua cultura, a demarcação e proteção de seu território.

Os empreendimentos como o deflagrado pela *Elf-Aquitante* em parceria com a Petrobras para sondagens de petróleo e o projeto de construção de uma estrada que teria como resultado a divisão da TI Andirá-Marau, ligaria os municípios de Maués no Estado do Amazonas e Itaituba no Estado do Pará, resultaram em uma mobilização que reuniu o conselho de *tui'sã* e aproximou os *Sateré-Mawé* dos rios Andirá e Marau.

De acordo com Figueroa (1997) *apud* Alvarez (2011, p. 127), a construção da estrada foi paralisada após descoberta a partir da imprensa sobre uma manobra fundiária do prefeito de Maués na época, que lucraria com a venda das terras próximas à estrada projetada. O episódio da invasão das terras para prospecção de petróleo, entre 1981 e 1982, resultou na demarcação da TI Andirá-Marau. Mas o maior feito indubitavelmente foi a união da tribo.

Lorenz (1992, p.79), comenta que em 1981 foi aprovado um projeto no Centro de Trabalho Indígena (CTI) em São Paulo, que tinha como objetivo desenvolver uma cooperativa do guaraná, com o propósito de fortalecer a economia, respeitando a produção tradicional do guaraná e contribuir para independência do povo frente à sociedade envolvente como o governo, o regatão⁴⁵ e políticos locais, além de fazer com que os índios guardassem sua produção para vender por melhores preços, ao invés de entregarem a baixo custo para os comerciantes.

Este projeto ficou conhecido como o “Projeto *Sateré-Mawé*”, as cantinas⁴⁶ foram uma experiência de comercialização local, mas que não conseguiu fazer com que o povo *Sateré-Mawé* conseguisse a autonomia financeira e comercial. Deste modo, resultou em sua desativação depois de 5 anos (1981-1986), principalmente por sua estrutura deficitária, em termos operacionais de produção e escoamento, como também social, pois quem respondia pelas cantinas não negava os produtos a quem precisasse, mesmo que não tivessem condições de pagar pelos mesmos.

⁴³ O Guaraná Antarctica foi lançado no mercado brasileiro em 1921, na época a empresa somente comprava o fruto que é matéria prima de produtores da região de Maués. Em 1940 a empresa percebe uma necessidade de manter uma filial na região para facilitar o comércio do fruto. Em 1971 entra em operação a Fazenda Santa Helena de propriedade da Antarctica, onde ali começaram a estudar a cultura do guaraná e repassar a tecnologia e os conhecimentos locais para os demais fornecedores. Estas informações encontram-se no próprio site do guaraná Antarctica, e o texto representa bem o que nas palavras de Sonia Lorenz (1991) já fizessem diferenças entre dois tipos de guaraná e talvez o que neste trabalho denominamos “guaraná nativo e guaraná clonado”.

⁴⁴ Eudes Lopes Batista, gerente administrativo do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé.

⁴⁵ De acordo com Pontes Filho (2000, p. 137), eram comerciantes que percorriam os rios da Amazônia ou pequenos barcos ou canoas, trocando os produtos dos seringueiros por dinheiro ou artigo que necessitassem. Esse comerciante dos rios, durante muitos anos além dos seringueiros fez negócios com os ribeirinhos e indígenas.

No website da câmara municipal de Maués, é citado como meio de acesso apenas por “via fluvial”.

⁴⁶ As cantinas eram barracões e funcionavam como estoque de mercadorias, onde os indígenas conseguiam suprimentos básicos e que pagavam com seu trabalho.

Embora visíveis, os objetivos do trabalho que Lorenz (1992, p.79) desejasse realizar⁴⁷ através do CTI, concordamos com ela, quando afirma que, estava claro que os indígenas só teriam condições de se desligar dos regatões caso conseguissem transporte próprio, necessário para escoar sua produção para as cidades e trazer de volta os artigos de que necessitavam. Ainda hoje, um dos grandes entraves do ponto de vista logístico é operar na região amazônica, onde nossos rios são nossas estradas⁴⁸, sendo fundamental para economia local.

Desta forma, não podemos considerar os recursos oriundos de nossas águas de maneira simplória, pois para nós (amazônidas) a água é o bem muito maior.

Cabe ainda sua inclusão como recurso hídrico (valor econômico) e de recurso estratégico por causa de sua importância para a produção de alimentos, geração de energia, via de transporte, isto é, como elemento indispensável para o funcionamento dos sistemas naturais e humanos (FONSECA, 2011, p.49).

Em Maués a situação não é diferente. Na sede do município, a maior parte da população utiliza o modal aquaviário⁴⁹ para se deslocar (figura 7). Nas comunidades mais distantes existe escassez de transportes. Por isso, os regatões conseguiram transitar pelos rios da Amazônia principalmente por possuírem transporte, tendo acesso às comunidades rurais como as de Maués.



Figura 7: Vista da área do Porto da cidade de Maués-AM.

Fonte: Nascimento (2016).

A figura 7 expressa o local onde atracam as embarcações que fazem linhas de recreio, conhecida popularmente como “língua da princesa”. Na cidade existe um novo porto, mas ainda não foi inaugurado, sendo um dos maiores anseios da comunidade. Como a maior parte das pessoas que entram e saem do município o fazem por via fluvial, embora a imagem não

⁴⁷ É importante mencionar que a obra de Lorenz foi baseada nos trabalhos que a mesma juntamente com um grupo de trabalho do CTI desenvolveu principalmente durante a década de 80 com os Sateré-Mawé.

⁴⁸ Embora Maués esteja na maior bacia hidrográfica do país, pois segundo Dourado Junior (2014, p.32), o Brasil num panorama global, ocupa o 5º lugar da disponibilidade de água doce, onde cerca de 85% de sua produção, encontra distribuído nas: Bacia Amazônica (78%), Bacia do São Francisco (1,7%) e Bacia do Paraná (6%)., na Amazônia muitos de seus rios não são navegáveis durante todo o ano o que dificulta ainda mais o escoamento da produção e aumenta o custo.

⁴⁹ Através de “barcos de recreio” que fazem transporte de passageiros e cargas todos os dias para outras cidades do interior ou capital do estado, bem como, para comunidades rurais, geralmente com datas e horários pré-estabelecidos.

mostre grande parte da extensão da margem do rio Maués-Açu podemos visualizar embarcações atracadas, principalmente as que fazem a linha de recreio para a zona rural do município.

Lorenz (1992, p. 75) nos diz que, os comerciantes (regatão) saqueavam os chamados *gêneros Sateré-Mawé* como: guaraná, farinha, *teçumes*, mel e outros artigos em trocas de mercadorias como: sal, querosene, munição, sabão, açúcar, fósforo, pilha etc. Na maioria dos casos, as transações eram desiguais, os regatões deixavam artigos de pouco valor ou nenhum valor. Também conhecidos como patrões, vinham desde o século XIX extorquindo a economia *Sateré-Mawé*, colocando-os em estado de extrema pobreza, o que segundo Lorenz (1992), a situação mudaria a partir do momento em que os próprios indígenas comercializassem sua produção⁵⁰.

Ainda hoje, os agricultores comentam que o maior problema para comercializar sua produção na cidade é a falta de um transporte que possibilite escoar seus produtos. Assim, como qualquer trabalhador rural, os *Sateré-Mawé* precisavam se organizar para criar mecanismos que possibilitasse não apenas o escoamento de sua produção, mas principalmente os ajudassem a obter autonomia econômica, social e política.

1.2.4 A institucionalização do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM) e do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM):

Vislumbrando atender aos anseios do povo da área da TI Andirá-Marau, principalmente em termos políticos e sociais, foi institucionalizado em 1991 o Conselho Geral da Tribo *Sateré-Mawé* (CGTSM⁵¹), uma organização indígena formalizada, que segundo Figueroa *Apud* Alvarez (2011, p.130), foi a primeira do gênero.

De acordo com Estatuto do CGTSM entre as suas finalidades pode-se destacar no art. 2:

“I – conscientizar plenamente o Povo *Sateré-Mawé* de seus direitos e de seus interesses, tais quais eles são no contexto regional, nacional e mundial do tempo presente; II - coordenar a auto-organização do Povo *Sateré-Mawé*; V – conquistar para cada uma das famílias *Sateré-Mawé* a possibilidade de ter, na medida em que ela quiser, uma renda monetária através da comercialização de suas específicas produções agrossilvícolas”.

E art. 3, os seguintes objetivos: “I – o reconhecimento e o respeito, no mundo todo, da cultura, da identidade, dos interesses, dos anseios, dos direitos do Povo dos Filhos do Guaraná; VI – o estímulo e a valorização das atividades econômicas autônomas das aldeias, das famílias e das pessoas, com o propósito de promover um desenvolvimento sustentável integrado da área indígena Andirá-Marau: ou seja, um tipo de desenvolvimento quantitativamente escolhido pelo próprio povo indígena, mas não autárquico, que seja economicamente equitativo e socialmente justo, respeitoso do meio ambiente assim como respeitoso da cultura tradicional e fundamentado nela, mas por isso mesmo não fechado à experimentação de soluções novas quando para enfrentar problemas novos”.

A partir dos objetivos e finalidades que possuem o CGTSM e em aplicação ao seu estatuto, ainda na década de 90 é criado o Projeto Vinte Quilos, e posteriormente é criada em dezembro de 2009, a Associação “O Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM)”, para a

⁵⁰ Neste contexto, é que surge, a preocupação na área indígena de uma organização que pudesse sistematizar a produção e escoamento dos produtos, melhorando assim a economia Sateré-Mawé a partir do trabalho do próprio grupo indígena.

⁵¹ De acordo com o *website* da Receita Federal, o CGTSM, foi teve seu CNPJ registrado no dia dois de setembro de 1993, a associação civil de direito privado teve seu Estatuto foi reformulado e registrado no dia trinta de abril de 2013 no Cartório de 2º Ofício no município de Parintins-AM, no livro A-07, fls. 94 a 104.

tutela e a valorização dos produtos agroflorestais da TI Andirá-Marau e das terras e propriedades dos *Sateré-Mawé*. A partir disso, iniciam a luta para o reconhecimento da Identificação Geográfica⁵² (IG) do guaraná produzido na TI Andirá-Marau, hoje os *Sateré-Mawé* lutam pelo selo de “Denominação de Origem (DO)” do *Waraná*. Em 2010 o CPSM conseguiu acesso ao Sistema de Comércio Exterior (SISCOMEX)⁵³ que de acordo com o *website* “Filhos do Waraná”, os tornou a primeira organização indígena brasileira a exportar diretamente e sob sua própria responsabilidade os produtos da sua agrossilvicultura⁵⁴, tendo como produto chave, o guaraná nativo produzido na TI Andirá-Marau, oferecido em países da Europa como França e Itália.

Entre os produtores do município de Maués hoje existe a Associação dos Produtores de Guaraná da Indicação Geográfica (IG). A instituição foi criada originalmente para lutar pelo reconhecimento do fruto e sua valorização na economia mundial e através da agregação de valor ao guaraná produzido na cidade de Maués, hoje a parceria conta com a prefeitura do município em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (SEBRAE), buscam a certificação de Indicação de Procedência (IP)⁵⁵ para o guaraná produzido em Maués.

Os Sateré-Mawé, responsáveis pela domesticação de guaraná na região de Maués, estão expandindo sua produção orgânica em busca de certificação para o mercado europeu (ATROCH, 2009, p.12)

De outro modo, os *Sateré-Mawé* buscam a IG Denominação de Origem (DO) que considera além da produção, relação histórica, cultura e propriedades de qualidades dos produtos relacionados ao local de produção. Com isso, os *Sateré-Mawé* querem a DO não só para reconhecer a produção e venda de parte de seu guaraná para a Europa, mas principalmente pelos mesmos terem iniciado a domesticação da planta e conseguiram manter a cultura ao longo dos anos deixando-a ainda como herança principalmente à Maués, Terra do Guaraná.

⁵² De acordo com o Ministério da Agricultura, o registro de Identificação Geográfica (IG) é conferido a produtos e serviços que são característicos de seu local de origem, atribuindo valor intrínseco e identidade. No Brasil existem duas modalidades de IG, sendo a Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO). O Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI) é quem concede o registro e emite o certificado.

⁵³ Instituído pelo Decreto nº 660, de 25 de setembro de 1992, é um sistema informatizado responsável por integrar as atividades de registro, acompanhamento e controle das operações de comércio exterior, através de um fluxo único e automatizado de informações (Portal SISCOMEX, 2016).

⁵⁴ É um sistema que busca eficiência da terra, onde as árvores são cultivadas com outras culturas agrícolas ou criação de animais, com objetivo de otimizar os recursos naturais e a produção de alimentos.

⁵⁵ Consta no *website* do INPI o registro da publicação do pedido de Indicação de Procedência (IP), datado em 22 de março de 2016, para o Guaraná da espécie *Paullinia cupana var. sorbilis*.

**ECONOMIA SUSTENTÁVEL – A CONTRIBUIÇÃO DO CPSM PARA O
PROCESSO EDUCATIVO NO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO**

2.1 Instituto Federal do Amazonas – *Campus* Maués: Breve Histórico:⁵⁶

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), foi formado a partir dos *campi* já existentes do então Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET-AM): Manaus Centro, Zona Leste, Manaus Distrito Industrial, Coari, São Gabriel da Cachoeira-

Em 2007 a Chamada Pública/MEC/SETEC Nº 01/2007 de Propostas para o apoio ao Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica⁵⁷ em sua II fase, tinha como meta a implantação de cento e cinquenta novas unidades do instituto federal (BRASIL. MEC, 2007). Hoje o cenário federal mostra que temos 644 unidades da rede federal de educação tecnológica somando 288 novas unidades desde 2003 (BRASIL. MEC, 2016). O Amazonas foi contemplado pela Expansão II com cinco unidades, sendo as cidades polo: Lábrea, Maués, Parintins, Presidente Figueiredo e Tabatinga⁵⁸. Hoje, somando os campi da expansão III o IFAM possui 15 unidades no estado (figura 8).

A prefeitura do município de Maués apresentou sua proposta vinculada a demanda pública supramencionada, sendo protocolada na Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica no dia 04 de julho de 2007. O projeto apresentou proposta de ações de apoio à implantação de uma unidade de ensino no âmbito do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica – FASE II. Na época estava à frente da municipalidade o senhor Odivaldo Miguel de Oliveira Paiva. A proposta registrou também a parceria do CEFET-AM, com a Prefeitura Municipal de Maués, Prefeitura Municipal de Boa Vista do Ramos e Ambev.

⁵⁶ Adaptado do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014-2018 IFAM Campus Maués.

⁵⁷ A Rede Federal de Educação Tecnológica é constituída por instituições denominadas como autarquias públicas federais, criadas por Lei, mantidas pela União e supervisionadas pelo Ministério da educação (MELO, 2009).

⁵⁸ Podemos considerar um grande avanço na educação profissional e tecnológica do país, pois foram construídas apenas 140 unidades no período de 1909 e 2002, de acordo com o histórico da educação profissional tecnológica criado para comemoração do Centenário da Educação Profissional e Tecnológica em 2009.

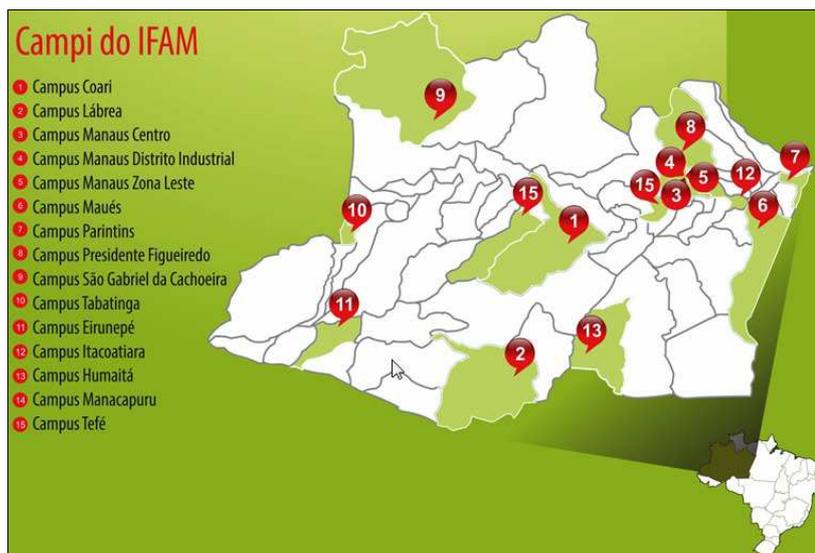


Figura 8: Distribuição dos campi do Instituto Federal do Amazonas no estado.
Fonte: IFAM (2016).

A figura 8 expressa a atuação do IFAM tanto na capital do estado como também no interior, estando presentes nos extremos do estado se considerarmos o campus São Gabriel da Cachoeira ao norte, o *campus* Lábrea ao sul, o *campus* Parintins a leste e o *campus* Tabatinga a oeste. Desta forma, o IFAM não apenas está de fato se inserindo no interior do estado, mas principalmente levando ensino de qualidade onde há pouco tempo não se ouvia falar em ensino técnico e tecnológico.

A estrutura multicampi e a clara definição do território de abrangência das ações dos Institutos Federais afirmam, na missão dessas instituições, o compromisso de intervenção em suas respectivas regiões, identificando problemas e criando soluções técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social. Na busca de sintonia com as potencialidades de desenvolvimento regional, os cursos nas novas unidades deverão ser definidos por meio de audiências públicas e da escuta às representações da sociedade (PACHECO, 2011, p.14).

Com isso, em maio de 2007, foi realizada uma Audiência Pública no município de Maués, sob a coordenação, do professor Antônio Venâncio Castelo Branco⁵⁹ na época Diretor de Ensino Médio e Técnico do CEFET-AM⁶⁰, do senhor Odivaldo Miguel de Oliveira Paiva, prefeito municipal, e demais autoridades locais, onde foram indicados pela comunidade mauense os cursos que seriam oferecidos (tabela 1).

⁵⁹ Atual Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

⁶⁰ Em de 29 de dezembro de 2008, através da Lei Nº 11.892, criou-se os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia em todo País, data em que se uniram as Escolas Técnicas e Agrotécnicas para a formação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Tabela 1: Demanda por Cursos Técnicos *Campus* Maués

Nº	ÁREA	%
1	Informática	74,2%
2	Comunicação	55,7%
3	Gestão	54,2%
4	Segurança do Trabalho	47,1%
5	Meio Ambiente	47,2%
6	Mecânica	30,0%
7	Lazer e Desenvolvimento	28,5%
8	Eletrônica	27,1%
9	Eletrotécnica	20,0%
10	Design	18,5%
11	Comércio	17,1%
12	Química	15,7%
13	Turismo	14,2%
14	Agropecuária	11,4%
15	Construção Civil	10,0%
16	Mineração	2,8%

Fonte: PAER(CEFET-AM)/2007.

Na tabela 1, estão os cursos mais cotados pela comunidade em 2007 para serem oferecidos no município de Maués para atender a comunidade do referido município, como também atender o município de Boa Vista do Ramos. Desta forma, podemos visualizar a área de gestão ocupando a terceira posição, sendo justificável a oferta do curso técnico em administração na cidade de Maués.

Sequencialmente em de 29 de dezembro de 2008, através da Lei nº 11.892, foram criados 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) em todo País. De acordo com Mello (2009, p. 27), no Estado do Amazonas o instituto federal foi constituído pelos campi já existentes da CEFET-AM, data em que se uniram o Centro Federal de Educação e as Escolas Agrotécnicas para a formação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

No dia 1º de abril de 2009, através da Portaria⁶¹ Nº 147/GR/IFAM/09, foi nomeada a professora Msc. Leonor Ferreira Neta Toro, lotada na antiga Escola Agrotécnica Federal de São Gabriel da Cachoeira, para atuar como Diretora de expansão do IFAM *Campus* Maués (CMA), com a responsabilidade de elaborar os projetos para a implantação do *campus* no município de Maués (IFAM, 2009).

Assim, as inscrições para o primeiro Processo Seletivo de Alunos para o *campus* Maués ocorreram em 14 de dezembro de 2009, de acordo com o Edital nº 11/2009 para a seleção de 120 alunos para os Cursos Técnicos em Agropecuária, Informática e Administração na forma Integrada ao Ensino Médio e pelo Edital nº 12/2009 para a seleção de 160 alunos para os Cursos Técnicos em Administração, Informática, Meio Ambiente e Recursos Pesqueiros, na forma Subsequente. A seleção foi realizada através da análise do Histórico Escolar das notas de Matemática e Português, valorizando assim o rendimento anual do aluno do nono ano do ensino fundamental para forma integrada. No caso dos cursos na forma subsequente, foram consideradas as notas do terceiro ano do Ensino Médio (IFAM, 2014).

⁶¹ Portaria é um Ato Administrativo, pelo qual o chefe maior de uma instituição pública, determina providências de caráter administrativo à seus subordinados. As portarias devem ser fundamentadas na Constituição Federal (CF).

No dia 24 de fevereiro de 2010, através da Portaria Nº 77/GR/IFAM/10, o reitor nomeia a Professora Leonor Ferreira Neta Toro, para atuar como Diretora Geral do *Campus* Maués (IFAM, 2010).

O *campus* teve o seu funcionamento autorizado por meio da Portaria nº 686 do Ministério da Educação de 27 de maio de 2010, embora sua inauguração oficial tenha acontecido em 27 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010).

As atividades letivas do *Campus* Maués iniciaram no dia 05 de abril de 2010, nas dependências do Núcleo de Ensino Superior de Maués da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Maués, no entanto, hoje, o instituto funciona em seu próprio prédio localizado na Estrada dos Moraes, s/nº bairro Senador José Esteves, Maués-AM (IFAM, 2014).

Atualmente, responde pela Direção Geral do IFAM/CMA o professor Elias da Silva Souza, eleito no dia 14 de outubro de 2015. Esta foi a primeira eleição direta nos *campi* da expansão II. A solenidade oficial de posse aconteceu no dia 17 de fevereiro de 2016, com a presença do reitor do IFAM professor Antônio Venâncio Castelo Branco e da professora Leonor Ferreira Neta Toro, ex-diretora desde a criação do *campus* até o ano de 2015.

A missão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas *Campus* Maués é “*formar profissionais técnicos com qualidade excelência da Mesorregião de Maués*”. O IFAM/CMA atende os municípios de Maués e Boa Vista do Ramos.

Assim, o IFAM/CMA, busca desenvolver ações capazes de promover o desenvolvimento local e regional e, considerando os Arranjos Produtivos Locais (APL) e as potencialidades econômicas. Neste contexto foram implantados cursos técnicos atendendo as necessidades apontadas pela comunidade para contribuir no desenvolvimento município e seu entorno.

Entre os cursos implantados, o Curso Técnico em Administração é ofertado à comunidade desde 2010, nas formas articulada (integrada ao ensino médio) e subsequente (pós-médio), podendo ainda a primeira ser integrada ou concomitante (CNE/CEB, 2012)⁶².

As atividades letivas do ano de 2016 iniciaram no dia 15 de fevereiro do corrente ano (figura 9), a solenidade foi realizada no prédio da sede do IFAM/CMA (figura 10).



Figura 9: Início do ano letivo IFAM *campus* Maués.

Fonte: Nascimento (2016).

Este momento marcou o início das atividades letivas para 2016. Os novos discentes tiveram o momento de integração e passaram a conhecer seus direitos e deveres, como também, o prédio do *campus*, como mostrado na figura.

⁶² Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica, Resolução nº 06/2012.



Figura 10: Fachada IFAM/CMA, ano de 2015.

Fonte: Nascimento (2015).

A figura 10 apresenta a fachada atual do *campus* Maués, os prédios dos *campi* do IFAM da expansão II apresentam a mesma estrutura física de salas, espaços internos e externos, bem como, auditório. No entanto, as fachadas são diferentes conforme a localização do campus, ficando a composição das suas características de acordo com a estrutura regional em que o campus se localiza.

2.2 O Curso Técnico em Administração no Campus Maués:

De acordo com o Plano de Cursos, o curso Técnico em Administração de nível médio, tem como objetivo principal:

Formar profissionais técnicos de nível médio com conhecimentos específicos aptos a suprir a demanda por profissionais da área, realizando atividades de apoio técnico administrativo relacionados a produção de bens e serviços, contribuindo para o desenvolvimento regional (IFAM/CMA, p.9, 2013).

Com a implantação do IFAM/CMA e a oferta do técnico em administração nas formas integrada e subsequente é dada largada para formação de profissionais a partir da exploração dos APLs existentes, respeitando a biodiversidade na perspectiva de fomentar a produção de bens e serviços que atendam a comunidade local, ajudando assim no desenvolvimento regional e na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Contudo, fomentar uma carreira que contribua com o desenvolvimento econômico de uma localidade, e ao mesmo tempo manter preservado a biodiversidade local é um grande desafio e uma enorme responsabilidade, considerando principalmente as diversas variáveis envolvidas no processo: (1) tecnologias de produção; (2) as culturas trabalhadas atualmente na agricultura local, com atenção especial à produção do fruto do guaraná e principalmente; (3) o corpo técnico capacitado para atuar na formação desses profissionais por parte do IFAM/CMA.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do município de Maués em 2013, decorre da participação na economia

dos setores de: agropecuária com R\$ 93.813,00; serviços com R\$ 51.430,00 e indústria com R\$ 16.857,00 (gráfico 1), com um PIB per capita de R\$6.272,63 na renda por habitante.

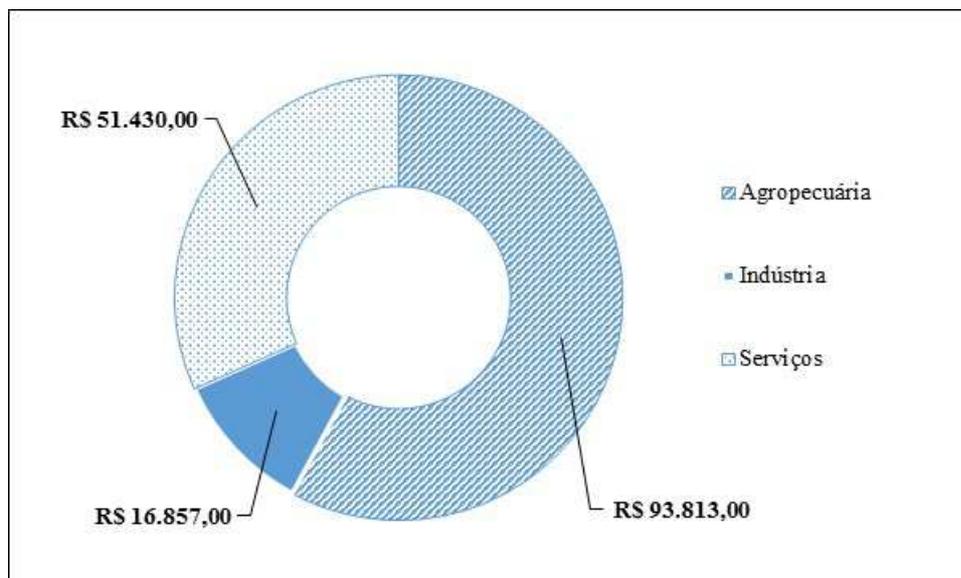


Gráfico 1: PIB de Maués (2013) em reais (R\$).

Fonte: Adaptado por Nascimento – PIB Maués (Série Revisada) / IBGE (2013)⁶³.

Pode-se considerar que embora o setor de agropecuária esteja à frente na contribuição do PIB municipal, ainda há muito a ser trabalhado nos setores, na própria agropecuária, indústria e serviços, tendo no primeiro um grande potencial para o desenvolvimento local a devido a vocação município para agricultura, podendo ao mesmo tempo contribuir para o fortalecimento dos outros setores, com destaque para as culturas permanentes, como exemplo o guaraná.

Desta forma, é necessário que o IFAM/CMA atue de forma expressiva na formação de técnicos capazes de compreender os APLs e fomentar novas formas de produção de bens e serviços que possam de fato alavancar a economia local, não se esquecendo de cuidar da biodiversidade. Porém, além de o município apresentar vocação para agropecuária, é necessário inserir dentro do processo educativo das pessoas que vivem nele, conceitos de administração, empreendedorismo, economia sustentável e desenvolvimento sustentável, para que produzam com objetivo de fortalecer sua economia, e ao mesmo tempo garantam a qualidade de vida as gerações futuras.

2.2.1 perfil profissional

O Técnico em Administração é o profissional com conhecimentos integrados aos fundamentos do trabalho, da ciência e da tecnologia, com senso crítico, postura ética e consciência ecológica. Habilitado a desempenhar atividades de apoio e organização administrativa, operando informações gerenciais de pessoal e material de forma criativa, dinâmica e responsável no mundo do trabalho e na sociedade, nos diversos segmentos de mercado nas empresas tanto de direito público, quanto privado, associações e cooperativas. (IFAM/CMA, p. 11, 2012).

Para atender aos objetivos do plano de curso, foi desenvolvida uma matriz curricular com disciplinas que pudessem levar ao discente e futuro técnico em administração

⁶³ De acordo com o IBGE, os dados do Produto Interno Bruto dos Municípios para o período de 2010 a 2013 (série revisada) têm como referência o ano de 2010, seguindo, portanto, a nova referência das Contas Nacionais.

possibilidades de atuação nos mais diversos segmentos de mercado, mas com uma responsabilidade social que contribua com desenvolvimento local.

De mesmo modo, o plano de curso tenta fazer com que o aluno assuma uma postura profissional pautada na ética com seus colegas de trabalho, bem como com clientes e fornecedores. Não esquecendo de trabalhar, respeitando o meio ambiente, de forma multidisciplinar para atingir seus objetivos profissionais.

Com isso, compreende-se que o técnico em administração, tem uma responsabilidade muito maior do que apenas prestar assessoria administrativa e operacional para as empresas ou instituições, sejam elas de direito público ou privado, com destaque para a preocupação ecológica, relacionando-se de forma ética com o meio ambiente.

Para formar profissionais com estas habilidades e compromissos é necessário ter no processo formativo, disciplinas que auxiliem na compreensão de conteúdos e absorção do conhecimento de temas tão importantes para nossa região, principalmente por Maués ser a “terra do guaraná” e estar inserido no meio da floresta amazônica, um dos biomas mais importantes do mundo.

2.2.2 demanda local

Desde 2010 o IFAM/CMA por meio do curso Técnico em Administração tem ofertado vaga para o município de Maués e seu entorno nas formas integrada (gráfico 2) e subsequente (gráfico 3), contribuindo na formação técnica e profissionalizantes das pessoas.

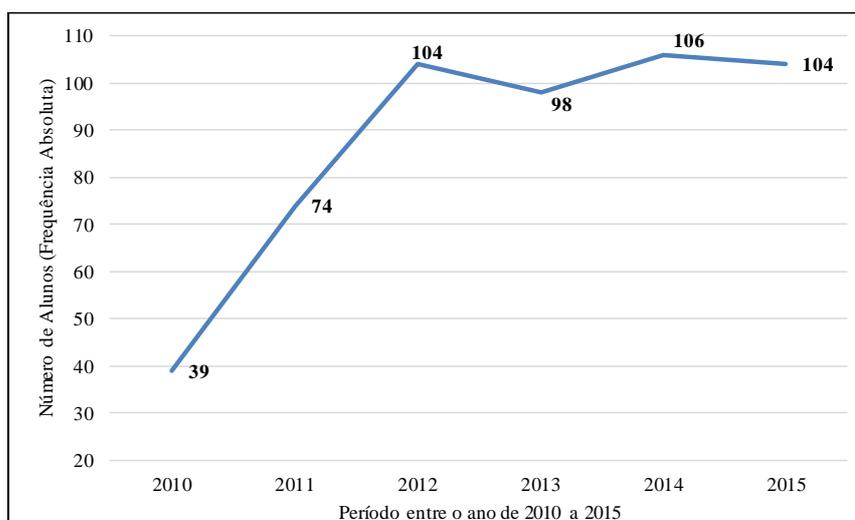


Gráfico 2: Matrículas no Curso Técnico em Administração - Integrada 2010-2015

Fonte: IFAM/CMA, Gráfico- Sistematização dos dados pelo autor (Nascimento, 2016).

O curso técnico em administração na forma integrada teve um avanço significativo nas matrículas no período de 2010 -2015, principalmente por ser o período de implantação do campus. Em 2010 estava iniciando os trabalhos com a primeira turma do ensino médio, a partir de 2011 começa de fato a atrair novos alunos de acordo com as características próprias da educação profissional com 2 turnos diários e já com duas turmas (2010 e 2011), somente a partir de 2012 é que se teve as três turmas do ensino médio, caracterizando um marco no processo formativo no município de Maués.

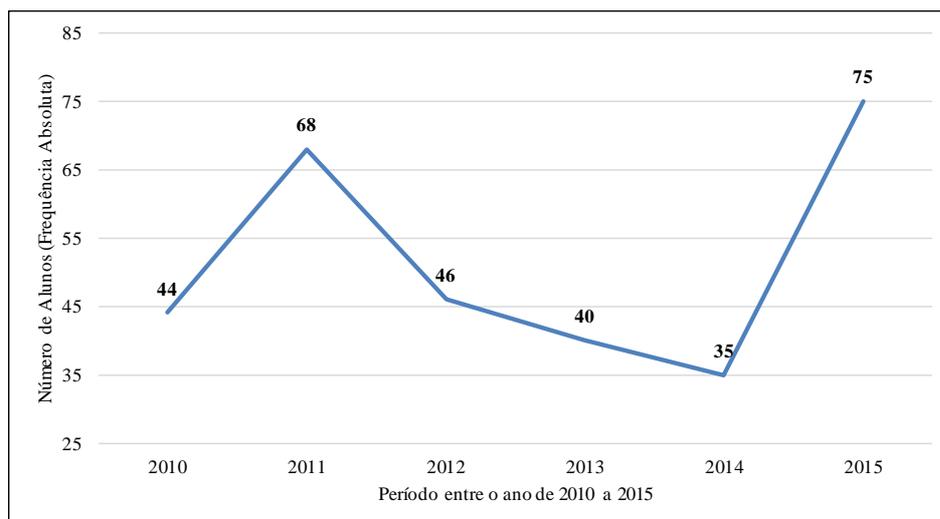


Gráfico 3: Matrículas no Curso Técnico em Administração – Subsequente (2010-2015)

Fonte: IFAM/CMA, Gráfico- Sistematização dos dados pelo autor (Nascimento, 2016).

O curso técnico em administração na forma subsequente teve uma trajetória diferente da forma integrada, primeiro por atender um público diferenciado, geralmente pessoas maiores de 18 anos, muitos deles pais e mães de família. Não podemos considerar apenas o perfil socioeconômico dos discentes, mas principalmente, o esforço dos mesmos para frequentar as aulas e que vislumbram no instituto, grandes possibilidades de um futuro promissor através do processo educativo.

Pela oferta contínua do curso, o número de matrículas deveria seguir uma escala progressiva, porém em 2012, o que se percebe é uma redução do número de matrículas. Neste ponto temos fatores significativos na história do IFAM em Maués, como a falta de professores e a deflagração de greve, ocasionando paralisação das aulas e por isso muitos alunos acabaram não retornando ao ambiente escolar.

A falta de professores para atuar nas salas os componentes curriculares de cada curso, do ponto de vista institucional, foi o maior desafio, se por um lado o IFAM, devido a recomendação do Ministério Público Federal (MPF) ⁶⁴ estava impedido de fazer concurso público ou processo seletivo para contratação efetiva ou temporária, os maiores prejudicados foram os alunos que não tinham aulas por falta de professores e os professores que já estavam em sala de aula, estavam com sobrecarga de trabalho.

Temos que considerar que a oferta de vagas para a forma subsequente foi tímida, principalmente devido à falta de docentes, pois a média de docentes com formação em gestão durante o ano de 2012, foi de apenas 1 (um) professor para atender as 5 turmas com aproximadamente 140 alunos regularmente matriculados. Apenas em 2015, o IFAM/CMA volta a atender 2 turmas na forma subsequente, já com um quadro de profissionais mais equilibrado contando com 3 (três) docentes formados em administração e 1 (um) docente formado em contabilidade, exclusivamente para tratar das disciplinas técnicas específicas do

⁶⁴ No ano de 2010, por Meio da Recomendação 007/2010/3OFCIV/PR/AM, a Procuradoria Federal do Estado do Amazonas recomendou ao IFAM que anulasse todos os editais de convocação para sorteio do tema da prova de desempenho didático do Concurso Público instaurado pelo Edital nº 01/2010, bem como, todas as fases que os sucederam, dentre outras recomendações, a partir deste episódio os candidatos à vaga de docentes passariam novamente a realizar segunda fase do concurso público (prova de desempenho didático), que aconteceu em 2012, iniciando um novo processo de nomeação docente até o vencimento do curso em 2013. Disponível em: <<http://www.pram.mpf.mp.br/institucional/acoes-do-mpf/recomendacao/2010/Recomendacao%2007%20IFAM.pdf>>.

Curso Técnico em Administração, conforme estabelecido no Plano de Curso vigente em sua Matriz Curricular.

A partir do ano de 2013 o IFAM/CMA entrega à comunidade maueense um número significativo de profissionais (gráfico 3), sendo um ano intenso, pois aconteceu a primeira formatura do campus. No primeiro semestre os alunos que ingressaram em 2010 e no mesmo no segundo semestre os alunos que ingressaram em 2011 passaram pelo mesmo evento de colação de grau.

2.2.3 matriz curricular

A matriz curricular é o documento norteador da escola, podendo ser entendido também como grade curricular, sendo parte integrante do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, sua organização deve ser pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ou Lei nº 9.394/1996, bem como, da Resolução nº 2 de 30 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Educação (CEB), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Este documento, expressa claramente todas as disciplinas que serão ofertadas durante o curso, bem como sua carga horária, semanal e total.

O Curso Técnico em Administração, ofertado pelo IFAM/CMA possui duas Matrizes Curriculares distintas, uma para o ensino integrado (quadro 2) e outro para o subsequente (quadro3).

Quadro 2: Matriz Curricular Curso Técnico em Administração - Forma Integrada

MATRIZ CURRICULAR						
EIXO TECNOLÓGICO: GESTÃO E NEGÓCIOS TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ADMINISTRAÇÃO FORMA: INTEGRADA			C. H. SEMANAL		C. H. TOT AL	
FORMAÇÃO GERAL	BASE NACIONAL COMUM		SÉRIES			TOT AL
			1^a	2^a	3^a	
		Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	3	3	3	360
		Língua Estrangeira	2	2	-	160
		Arte	2	-	-	80
		Educação Física	2	2	2	240
		Química	2	2	2	240
		Biologia	2	3	1	240
		Física	3	2	1	240
		Matemática	3	3	3	360
		História	3	2	1	240
		Geografia	3	2	1	240
		Filosofia	1	2	2	200
		Sociologia	1	2	2	200
		PARTE DIVERSIFICADA				
		Língua Estrangeira (Espanhol Optativo)	1			40
		Informática Básica	2	-	-	80
	Noções de Elaboração de Relatórios e Projetos	1			40	
SUBTOTAL		31	25	18	2960	
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	Introdução à Economia	2			80	
	Introdução ao Direito	2			80	
	Comportamento Organizacional	1			40	
	Teoria Geral de Administração	2			80	
	Contabilidade Básica	2			80	
	Administração Pública		2		60	
	Administração da Produção		1		40	
	Legislação Trabalhista, Tributária e Segurança no Trabalho		2		80	
	Logística Empresarial		2		80	
	Administração Financeira		2		80	
	Gestão de Pessoas			2	80	
	Gestão da Tecnologia da Informação			1	40	
	Administração de Marketing			2	80	
SUBTOTAL		9	8	5	900	
CARGA HORÁRIA SEMANAL TOTAL		42	33	23		

ESTÁGIO SUPERVISIONADO/PCCT	OBRIGATÓRIO	200
CARGA HORÁRIA FINAL		4060

Fonte: Plano de Curso de Administração do IFAM/CMA, adaptado por Nascimento (2016).

Quadro 3: Matriz Curricular Curso Técnico em Administração - Forma Subsequente

MATRIZ CURRICULAR				
EIXO TECNOLÓGICO: GESTÃO E NEGÓCIOS TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM ADMINISTRAÇÃO FORMA: SUBSEQUENTE		C. H. SEMANAL	C. H. TOTAL	
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	MODULO I	Português Instrumental	3	60
		Teoria Geral da Administração	3	60
		Inglês Instrumental	2	40
		Introdução ao Direito	3	60
		Matemática Financeira	3	60
		Informática Básica	2	40
	SUBTOTAL C. H.		16	320
	MODULO II	Legislação Trabalhista, Tributária e Seg. no Trabalho	3	60
		Gestão de Pessoas	3	60
		Contabilidade Básica	3	60
		Introdução à Economia	2	40
		Comportamento Organizacional	2	40
		Noções de Elaboração de Relatórios e Projetos	2	40
	SUBTOTAL C. H.		15	300
	MODULO III	Administração de Marketing	3	60
		Logística Empresarial	2	40
		Administração Pública	2	40
		Administração Financeira	2	40
		Gestão da Tecnologia da Informação	2	40
		Administração da Produção	2	40
	SUBTOTAL C. H.		13	260
CARGA HORÁRIA TOTAL		880		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO		200		
CARGA HORÁRIA FINAL		1080		

Fonte: Plano de Curso de Administração do IFAM/CMA, adaptado por Nascimento (2016).

De acordo a Matriz Curricular do Curso Técnico em Administração, tanto na forma integrada, quanto na subsequente, a formação de base técnica tem aproximadamente o mesmo número de horas, sendo o integrado com 900 horas e o subsequente com 880 horas, com uma diferença apenas de 20 horas para as disciplinas técnicas.

Um fato interessante é a matriz curricular não contemplar diretamente disciplinas voltadas ao empreendedorismo, economia sustentável ou agronegócios, que pudessem contribuir para desenvolvimento local, mesmo sendo um dos objetivos do IFAM campus em Maués.

Considerando a Resolução nº 94/CONSUP/IFAM, que alterou a Organização Didática Acadêmica do IFAM em Art. 17, I – nos diz que, a cada 3 (três) anos no mínimo, os planos e

projetos pedagógicos de cursos deverão ser revisados para os Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio nas Formas Integrada, Concomitante e Subsequente.

Desta forma, trazer para o processo formativo do técnico em administração tais conceitos são de extrema importância, considerando os objetivos do IFAM/CMA e do próprio Curso Técnico é, neste momento, uma grande urgência, pois enquanto isso não for fomentado e colocado como disciplina própria do curso a partir de um instrumento oficial como o plano de curso, este tipo de formação corre o risco de ficar fora da sala de aula e sendo trabalhado apenas de maneira esporádica por professores que entendam da importância das temáticas na formação do futuro profissional técnico em administração.

2.3 Economia Sustentável:

A primeira lição da economia é a escassez: nunca há algo em quantidade suficiente para satisfazer os que querem. A primeira lição da política é desconsiderar a primeira lição da economia. (SOWEL, Thomas, 1930)⁶⁵.

Para melhor entendimento e alcance dos objetivos deste trabalho, julgamos importante esclarecer ou conceituar termos para situar o leitor.

2.3.1 Definições

2.3.1.1 economia

Basicamente, a economia está preocupada com a forma de comportamento humano em relação às necessidades que precisam ser atendidas e os recursos para satisfazê-las. Preocupa-se também, com o controle dos processos de produção, distribuição e acumulação de bens materiais.

Dito isto, podemos entender como processos produtivos, o trabalho interno das indústrias de transformação, que transformam matéria prima e insumos em bens ou serviços. Em relação a distribuição, entendemos como os processos necessários que a logística utiliza para levar o bem ou serviço ao seu destino (cliente final⁶⁶), iniciando na pesquisa e desenvolvimento (P&D) de produto ou serviço, passando pela produção com término no cliente final, aquele que vai de fato fazer uso.

Até aqui, falamos apenas da relação entre Lei da Oferta e Procura⁶⁷, princípios básicos ou elementares da economia de mercado. Se existe demanda, produzimos. Se a demanda for maior que a capacidade produtiva, aceleramos nosso processo, contratamos mais pessoas e aquecemos a economia, de modo contrário, reduzimos investimentos, demitimos pessoal, reduzindo nossa capacidade produtiva. Podemos considerar ainda o atual cenário econômico de nosso país, que roga por contenções de despesas, principalmente na administração pública com o objetivo de equilibrar as contas públicas, com cortes em praticamente todas as áreas.

⁶⁵ O Livro da economia / [tradução Carlos S. Mendes Rosa]. – São Paulo: Globo em 2013.

⁶⁶ O cliente final pode ser entendido como aquele que compra o bem ou serviço para utilizá-lo. Quem de fato, fará uso do produto, tendo atenção especial pelo marketing empresarial nos dias atuais, com serviços de pós-venda, que definem o grau de comprometimento da empresa em atender a necessidade do seu parceiro.

⁶⁷ Conhecida também como Lei da Procura, retrata o comportamento dos consumidores em relação a aquisição de bens e serviços em função do preço e quantidade.

2.3.1.2 capitalismo:

Este conjunto de informações nos leva, no entanto, apenas ao campo do mercado capitalista preocupado com lucro, com a minimização de desperdícios e acumulação de riqueza. Pois, segundo Catani (1983, p.9):

Para que exista Capitalismo faz-se necessária a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para a qual a venda de força de trabalho seja a única fonte de subsistência.

De mesmo modo, o capitalismo pode ser entendido como a relação entre capital (dinheiro) e a força de trabalho assalariado para produzir mercadorias (Carvalho e Martins, 1987 p.19). Um conceito mais técnico criado Karl Marx, define o capitalismo como “*um modo de produção cujo os meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade*” (CATANI, 1983, p.19, grifo nosso).

Com isso, percebemos que a economia e o capitalismo, estão amplamente ligados ao comportamento de consumo do homem, seja pela maneira como trabalha, seja pela com o que gasta seu dinheiro, que é o fruto do seu trabalho, tendo impacto significativa de como o desenvolvimento será construído por casa sociedade.

2.3.1.3 desenvolvimento econômico

De acordo com Littler (2002, p. 34), o tema Desenvolvimento Econômico surge como uma problemática ao mesmo tempo que avança as descolonizações nações da África, Ásia e Caribe, considerando ainda que foi neste momento que os países foram divididos em grandes blocos: Primeiro Mundo, Segundo Mundo e Terceiro Mundo.

Sendo o Primeiro Mundo, formado pelos países industrializados e com economia capitalista. O Segundo Mundo, formado pelos países ligados a União Soviética e o Terceiro Mundo, sendo os países subdesenvolvidos. Esta divisão tinha o objetivo de dar um melhor entendimento dos estudos sobre as regiões mundiais, considerando suas particularidades e alianças governamentais.

A primeira grande linha teórica das Ciências Sociais que foi formulada na época do pós-Guerra para explicar o desenvolvimento econômico foi a teoria da modernização, a qual propôs que o processo da transição das chamadas "sociedades tradicionais" para uma "sociedade moderna" era necessário, desejável e (quase) inexorável (veja LERNER,1962). Nesse processo incluía-se a industrialização das economias nacionais mediante a incorporação de novas tecnologias produtivas e a rápida transformação de formas "tradicionais" de organização social (clãs, tribos, cacicados, etc.) em modernas burocracias fundadas nos princípios do liberalismo (ROSTOW, 1960). Dessa forma, a teoria da modernização anunciava implicitamente o suposto fim dos povos indígenas e outros grupos considerados como "tribais" através de sua rápida assimilação aos Estados nacionais novos e modernos (LITTLER, 2002, p.34).

Os paradigmas científico-filosóficos dominantes na atualidade foram construídos, principalmente, tomando como base as correntes filosóficas e o desenvolvimento das ciências, a partir da época moderna (século XVII). Esses paradigmas influenciaram profundamente no processo civilizatório do mundo ocidental, dando lugar a modelos de desenvolvimento incompatíveis com o meio e que terminaram por causar a crise ambiental atual (RODRIGUEZ, 2013, p. 15).

Para Rodriguez (2013, p. 16), os paradigmas científicos influenciaram diretamente modo de vidas da sociedade, ao criarem formas de pensamento que agiram diretamente no funcionamento e ação da sociedade. Com isso, a maneira como homem veio construindo o modelo de produção de bens e serviços, atrelado ao modelo de desenvolvimento econômico, mostrou-se ineficaz na manutenção de sua matéria prima (meio ambiente), fazendo surgir o pensamento ambientalista

A partir disso ao falar em desenvolvimento temos que considerar não apenas o desejo do homem atender suas necessidades, mas principalmente na continuidade da vida na Terra, para com isso, pensar no desenvolvimento que consiga equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação e conservação do ambiente no qual estamos inseridos.

2.3.1.4 desenvolvimento sustentável

Considerando o contexto de nossa pesquisa é fundamental esclarecermos os princípios da economia verde. Com base no conceito original da economia, a economia verde considera os processos de produção, distribuição e acumulação de bens materiais, no entanto, preocupados com o desenvolvimento sustentável a partir da responsabilidade social e ambiental.

A questão é tão importante que precisamos discorrer sobre tal, pois à medida que desenvolvemos nossas regiões em busca de melhores condições de vida a partir da produção de bens e serviços, a falta de planejamento vem ocasionando sérios problemas para o meio ambiente e na continuidade de vida várias espécies do planeta. De acordo com Boff (2013, p.22), em 2011 o Fundo das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), apontou que mais de 22% das plantas do planeta correm risco de extinção, devido a perda de seus habitats e o desmatamento em função da produção de alimentos, do agronegócio e da pecuária. Contribuindo com Boff, Sachs (1996 *apud* Rodriguez, 2013, p.34) nos diz que, o conceito de desenvolvimento tornou-se confuso com o tempo, pois se todos os países seguissem o modelo industrial, seria preciso cinco ou seis planetas como fontes de insumos e como depósitos para desperdícios do progresso.

Portanto, é necessário que se criem mecanismos que contribuam para o desenvolvimento econômico e social, e que também estejam adequados à preservação e/ou conservação do meio ambiente e não apenas com o desenvolvimento tecnológico e acumulação de riqueza. Para tanto, Boff (2013, p.32) nos dá um dos conceitos para sustentabilidade:

[...] sustentabilidade representa os procedimentos que tomamos para permitir que a Terra e seus biomas se mantenham vivos, protegidos, alimentados de nutrientes a ponto de estarem sempre bem conservados e à altura dos riscos que possam advir.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável aparece em 1987 a partir do Relatório *Brundland*, conhecido também pelo título “Nosso Futuro Comum”, resultado dos trabalhos da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento criada em 1984, desta forma o Desenvolvimento Sustentável é “aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações”.

Assim, a preocupação em desenvolver a sociedade e ao mesmo tempo conservar o meio ambiente vem sendo uma constante nos debates que discutem desenvolvimento e conservação da natureza⁶⁸ no planeta terra.

O que é economia sustentável ou economia da sustentabilidade?

Trata-se de uma preocupação justificada com o processo econômico na sua perspectiva de fenômeno de dimensão irrecorrivelmente ecológica, sujeito a condicionamentos ditados pelas leis fixas da natureza, da biosfera. É uma forma de exprimir a noção de desenvolvimento econômico como fenômeno cercado por certas limitações físicas que ao homem não é dado elidir. Isto equivale a dizer que existe uma combinação suportável de recursos para realização do processo econômico, a qual pressupõe que os ecossistemas operam dentro de uma amplitude capaz de conciliar (CAVALCANTI, 1994, P.17).

Deste modo, para que alcancemos um Desenvolvimento Sustentável, é necessário reconhecer que ao mesmo tempo que buscamos melhoria da qualidade de vida do ser humano a partir dos meios de produção de bens e serviços, devemos entender que a natureza necessita de atenção e cuidado, principalmente por ser ela a fonte de matéria prima e insumo de todo o processo de vida em nosso planeta. Portanto, cada sociedade e/ou nação deverá entender o processo de desenvolvimento a partir de suas próprias particularidades e necessidades, criando alternativas para preservar o seu meio a partir do seu próprio conhecimento.

2.3.1.5 etnodesenvolvimento:

De acordo com Little (2002, p. 36), paralelo ao desenvolvimento econômico sugeriram movimentos que buscavam o reconhecimento das diversidades culturais e étnicas pelo mundo. Os povos indígenas do mundo, Quarto Mundo, ou aborígenes, tiveram suas demandas em destaque e reconhecimento nos fóruns mundiais. No Brasil os povos indígenas possuem direito à diversidade cultural estabelecido na Constituição Federal (CF) de 1988 em seu art. 231.

É importante considerar que as populações indígenas ao longo do tempo vêm lutando contra a inserção de novos usos e costumes dentro das aldeias, principalmente do homem branco e do não indígena, este segundo que, na Região Amazônica mantém contato direto com as populações tradicionais, em especial aos indígenas.

Quando se combina a problemática do desenvolvimento com a do reconhecimento da diversidade cultural, o etnodesenvolvimento introduz um conjunto de novos temas no seio do espaço público dos Estados nacionais. No plano político, o etnodesenvolvimento dá um recorte étnico aos debates sobre a questão da autodeterminação dos povos e, no processo, questiona, pelo menos parcialmente, as noções excludentes de soberania nacional. No plano econômico, as práticas de etnodesenvolvimento tendem a ocupar o lugar de "alternativas" econômicas, particularmente onde a ideologia neoliberal é predominante (LITTLER, 2002, p.40).

Deste modo, os povos indígenas como os *Sateré-Mawé*, buscam estratégias para melhoria da qualidade de vida de seu povo, respeitando sua identidade cultural, ao mesmo tempo, construindo um caminho para autonomia econômica de sua nação através de produtos

⁶⁸ Para melhor entendimento a Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000, em seu artigo Art. 2, define conservação como: “o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral”.

oriundos de suas terras e que atendam suas necessidades⁶⁹, o que eles consideram como etnodesenvolvimento, o desenvolvimento a partir do seu modo de ver o mundo, a economia e o mercado.

Etnodesenvolvimento significa satisfazer a necessidade básica do maior número de pessoas possíveis, ao invés de priorizar o acúmulo de capital; priorizar a resolução de problemas e necessidades locais; valorização do conhecimento e tradição local; busca pelo equilíbrio com o meio ambiente; possibilidade dos grupos auto-sustentarem-se e tornarem-se independente dos recursos técnicos. Sua característica é promover ações integrais e de cunho participativo entre os membros que compõe a comunidade (NASCIMENTO, 2012, p. 135).

De acordo com Verdum (2006, p.72), a disseminação da ideia de etnodesenvolvimento foi marcada por três eventos principais: 1. Simpósio sobre “Fricção Interétnica na América Latina, realizado em janeiro de 1971 em Barbados; 2. O Simpósio “Movimentos de Liberação Indígena na América Latina”, realizado em julho de 1977, também em Barbados e; 3. A “*Reunión de Expertos sobre Etnodesarrollo y Etnocídio em América Latina*”, realizado em dezembro de 1981, em São José da Costa Rica.

Verdum (2006, p. 2) mostra que, sua motivação sobre o etnodesenvolvimento veio pela experiência e contato com a população indígena, em trabalhos realizados entre os anos de 1994-1995 onde constatou-se na época que 34,31% terras indígenas sofriam de falta de alimentos, tinham dificuldades em ter sustentabilidade alimentar, o que o mesmo denominou como “fome sazonal⁷⁰”.

Estas informações nos remetem ao pensamento de como desenvolver povos e que não conseguem o mínimo para sobrevivência que é a alimentação?

De mesmo modo, Bonfil (1985, *apud* Verdum, 2006, p. 73) nos responde dizendo que, são os próprios indígenas que devem criar seu destino histórico, e somente eles. Com isso, espera-se que as comunidades sejam gestoras de seu próprio desenvolvimento.

2.3.1.6 economia solidária

Deste modo, para que os indígenas vivam um desenvolvimento étnico são necessárias ações conjuntas para atuar de forma que contemplem as necessidades do mercado, do ambiente, e ao mesmo tempo contribua com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, principalmente dos mais necessitados, como trabalhadores rurais e homens do campo, que precisam com urgência se organizar para ganharem força e espaço no mercado com sua produção.

Práticas de solidariedade, sobre tudo na forma espontânea ou estimuladas pelas necessidades de sobrevivência, sempre fizeram parte da organização dos grupos humanos (ADAMS,2010, p.86).

⁶⁹ A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), discorre em seu *website* oficial nos diz que, em virtude das particularidades existentes entre diferentes regiões, países como o Brasil necessitam adotar estratégias em busca de melhoria das condições de vida das suas populações diferentes daquelas adotadas por países desenvolvidos, evitando, sobretudo, repetir os modelos provenientes do exterior, uma vez que as trajetórias históricas são diferente. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/2013-11-18-18-38-38>>

⁷⁰ O termo sazonal é bastante utilizado na ciência da Administração para destacar certos períodos do ano, seja pelas oportunidades de negócios seja dificuldade que devem ter atenção, por exemplo temos o aquecimento do mercado durante as festividades natalinas e de fim de ano, onde os investidores esperam aquecimento da economia. Já em seu trabalho, Verdum (2006) nos mostra que naquela época os indígenas tinham períodos do ano certo para fome.

Segundo Adams (2010, p.86-87), com o surgimento da economia de mercado, a partir pós Renascimento, não houve espera para que as economias tradicionais ou de troca solidária se extinguissem. Com o modo de produção capitalista, onde a economia de mercado avança como normal e única, trabalhar a solidariedade na economia se tornou uma tarefa árdua e exigindo maiores investimentos em organização e preparação dos trabalhadores para associação, produção, comercialização, consumo ou poupança.

Assim sendo, trabalhar a economia solidária requer antes de mais nada, organização. Aqui apresentaremos duas formas de organizações sociais, sendo elas: associações⁷¹ e cooperativas⁷².

Sendo a Associação, uma pessoa jurídica, devidamente registrada em cartório e constituída livremente pela união de pessoas que, assim como vocês, têm um objetivo comum, ou seja, querem a mesma coisa, sem fins lucrativos. Por outro lado, a cooperativa é uma associação de pessoas unidas voluntariamente para realizar um objetivo comum, por meio da formação de uma organização, que é administrada democraticamente. Vale ressaltar que essa última apresenta fins lucrativos.

Em ambas as situações, o objetivo é a união das pessoas em função de um bem comum. E principalmente, valorizar o trabalho das pessoas e agregando valor aos seus produtos e contribuir efetivamente para melhoria de vida, principalmente minorias sociais.

A partir do cenário de cooperação e fortalecimento da classe que os *Sateré-Mawé* viram que precisam se unir se de fato quisessem manter seus usos e costumes, bem como, a partir de sua produção, conseguir sua autonomia social, política e financeira. Com isso, unem as tribos com a consolidação do Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM) e posteriormente para tutela, valorização, comercialização dos produtos e vanguarda da biodiversidade da TI Andirá-Marau.

2.4 Associação Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé:

Os *Sateré-Mawé* a partir das constantes lutas e anseios para melhoria da qualidade de vida e autonomia política, social e econômica da tribo, a partir do que preconiza o estatuto do CGTSM, cria em 1999 a Associação “Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM)”.

O CPSM é a entidade social responsável pela comercialização dos produtos produzidos na TI Andirá-Marau, auxilia, orienta e regulamenta a atividade de cultivo, manejo, beneficiamento e comercialização dos produtos da TI. É também considerado o braço econômico da Nação *Sateré-Mawé*, organizado e articulado junto ao CGTSM.

O consórcio de produtores, ela trabalha com a economia do povo Sateré-Mawé, que vem trabalhando a questão da economia, da sustentabilidade para autonomia do povo Sateré-Mawé [...] (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Atualmente, a micro indústria do CPSM (figura 11), onde beneficiam o guaraná e demais produtos oriundos da TI Andirá-Marau, está localizada na cidade de Parintins⁷³, no interior do estado do Amazonas, bem como, o escritório sede do consórcio. Existe ainda, de

⁷¹ A Lei nº 10.406/2002, em seu art. 53, define associação como: “Constitui-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos”.

⁷² A Lei nº 5.764/71, no seu art. 4, define cooperativa como: “As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades”.

⁷³ Parintins pode ter sido escolhida estrategicamente por sua localização geográfica, servindo como Centro de Distribuição (CD) dos produtos, tendo ligação direta por via fluvial com as capitais Manaus-AM e Belém-PA, bem como, com as cidades de Maués e Barreirinha.

acordo com os indígenas, a possibilidade do funcionamento de um escritório do consórcio em Maués, porém ainda não há previsão para início das atividades, embora já exista infraestrutura para tal, atendendo ao estatuto do CPSM que prevê a existência de unidades administrativas do consórcio por toda extensão da área indígena.



Figura 11: Na sede do CPSM com a equipe de trabalho na sede do CPSM.
Fonte: Nascimento (2015).

A figura 11 mostra o pesquisador ao lado da equipe de trabalho do CPSM⁷⁴ na unidade de beneficiamento. Todos trabalham com a utilização de Equipamento de Proteção Individual (EPI) necessário para o bom desempenho das atividades e também com o fardamento institucional, que além de padronizar o uniforme da equipe de trabalho, ainda divulga a marca do consórcio.

[...] pra funcionar o processo de manipulação de alimentos tem que ter pessoas com curso de manipulação de alimentos, não podemos colocar qualquer tipo de pessoas que não tenha esse tipo de conhecimento... (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Todas as pessoas que trabalham diretamente no consórcio na unidade de beneficiamento são pertencentes a etnia *Sateré-Mawé*. Desta forma, contribuindo para geração de emprego e renda dentro da tribo.

2.4.1 A unidade de beneficiamento e os produtos:

O modo de trabalho realizado pelo CPSM e seus colaboradores durante o processo de produção e beneficiamento, obedece aos critérios estabelecidos pelos parceiros, desde a produção na TI até a fase de beneficiamento na unidade em Parintins e exportação.

A cultura do *waraná* dentro da TI Andirá/Marau, bem como a fabricação do *pão de waraná*, obedece a critérios estabelecidos pelo próprio consórcio e seus parceiros institucionais, para que não saia dos padrões de qualidade⁷⁵ que garantem o selo de “Produto Orgânico” em seus produtos, assim como, as especificações de qualidade exigidas pelos clientes que compram diretamente com o consórcio e recebem os produtos na Europa de acordo como especificado em contrato (figura 12).

⁷⁴ A imagem foi capturada por meio câmera fotográfica digital, com modo de disparo com temporizador.

⁷⁵ Com a ISO 9000, a Gestão da Qualidade, em um de seus princípios o Foco no Cliente, nos diz que, “Organizações dependem de seus clientes e, portanto, convém que atendam às necessidades atuais e futuras do cliente, e seus requisitos e procurem e procurem exceder as suas expectativas”.



Figura 12: Sala de beneficiamento do CPSM – guaraná em pó, junho de 2015.
Fonte: Nascimento (2015).

A figura 12 mostra a sala de beneficiamento, local onde são transformados os grãos do guaraná em pó, depois realizam a pesagem e posteriormente embalam a vácuo, como mostra a imagem, para depois receber uma segunda embalagem (caixa de transporte) feita de papelão para ser transportado até o cliente final. Todo o processo é realizado pelos próprios indígenas na unidade de beneficiamento em Parintins-AM. O mesmo processo de pesagem e embalagem acontece com o urucum⁷⁶, conforme figura 13. O bastão de guaraná pelas suas características é produzido na TI.



Figura 13: Empacotamento do pó de urucum, janeiro de 2015.
Fonte: Nascimento (2015).

A figura 13 mostra o urucum embalado a vácuo, sendo um produto utilizado pelos indígenas principalmente na produção do “colorau”, condimento comum na culinária indígena e cabocla, utilizado para modificar a cor, textura e sabor dos alimentos. Esse processo de embalagem garante que os produtos cheguem ao cliente com qualidade e segurança.

Além do guaraná em pó, é produzido a partir do fruto do guaraná o pão⁷⁷ ou bastão de guaraná, sendo a Denominação de Origem (DO) “Pão de Waraná Sateré-Mawé” (figura 14).

⁷⁶ É o fruto do urucuzeiro ou urucueiro (*Bixa orellana*).

⁷⁷ O termo pão está ligado ao significado do guaraná no âmbito da cultura Sateré-Mawé.



Figura 14: Pão de waraná (ou bastão).

Fonte: Nascimento (2016).

Para ser considerado Pão de Waraná oriundo da TI Andirá-Marau, sua produção deve respeitar as condições e requisitos estabelecidos no protocolo de produção. Pesam entre 100 g a 2 kg, a figura 14 mostra alguns com tamanho médio de 25 cm.

O pão de waraná é produzido a partir da cozinhagem (secagem) das sementes de guaraná de forma lenta em forno de barro, depois o material é pilado com água para formar uma massa que posteriormente tomará forma de pão (bastão), para então ser colocado no fumeiro, para uma espécie de defumação durante 90 dias⁷⁸.

As ações da etnia não se limitam apenas ao que pedem os protocolos, fundamentando-se ainda na corresponsabilidade social e ambiental, intrínseco nas populações tradicionais. Onde visualizamos o conceito de sustentabilidade sendo aplicado na produção da agrossilvicultura dos *Sateré-Mawé*, objetivando conservar a biodiversidade e fortalecer a economia local.

Boff (2013, p.13), nos questiona em como organizar uma aliança de cuidado com a Terra, a vida humana e toda comunidade vida superando riscos?

A maneira como os *Sateré-Mawé* produzem e obedecem aos protocolos de produção, apenas o pão de *waraná* e o mel de abelha possuem protocolos de produção, que estabelecem uma produção voltada para os princípios da sustentabilidade (figura 15).

⁷⁸ O protocolo de Produção de waraná pode ser consultado em: <<http://slowfoodbrasil.com/documentos/guarana-satere-mawe-protocolo-de-producao.pdf> >.



Figura 15: Tripé da Sustentabilidade.

Fonte: Adaptado Sustentabilidade SEBRAE.

O tripé da sustentabilidade estabelece que, deve existir um equilíbrio entre o ambiental, social e econômico no resultado das organizações (empresas).

O nome do projeto é “Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé”. Um vai integrar o outro, educação, saúde, produção, questão social, tudo isso vai agregando um só. É nessa linha de raciocínio que hoje estou trabalhando nesta linha que **não é simplesmente compra e venda de produtos** (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015, grifo nosso).

Por isso, obedecer aos critérios estabelecidos pelos “protocolos de produção” em seu quintal, são ações necessárias para fazer parte do consórcio como associado, são também determinantes no sucesso da produção e comercialização, frente ao mercado globalizado e capitalista, uma vez que, sua produção busca por mercados orgânicos⁷⁹ (figura 16). Neste sentido, é importante respeitar o ritmo natural das plantas e dos animais na produção, uma vez que, os parceiros comerciais exigem que os indígenas cuidem da sua biodiversidade como requisito para a comercialização dos produtos, com isto, os indígenas mantêm respeito às condições de cada animal ou planta dentro da TI Andirá-Marau.

⁷⁹ Diferente do CPSM, a associação dos produtores de guaraná de Maués, buscam a valorização do seu produto, mesmo que não sejam inseridos no mercado de orgânico, com avanço das discussões a tendência é que no futuro vejam a mesma possibilidade que os Sateré-Mawé.



Figura 16: Exposição do CPSM na Festa do Guaraná, ano de 2015.

Fonte: Nascimento (2015).

Todo evento que o CPSM participa, conta com a exposição dos principais produtos à comunidade parte dos produtos. Independentemente se o evento acontecer dentro ou fora da TI Andirá-Marau, o objetivo é mostrar a comunidade o trabalho que o consórcio vem desenvolvendo. Na figura 16 acima o *tui'sã*, Josibias Alencar encontra-se no espaço que foi cedido ao consórcio na Feira de Agronegócios que acontece na cidade de Maués durante a festa do guaraná.

Ao considerarmos o objetivo principal deste estudo que é “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”, não podemos esquecer da importância que o guaraná possui para o município de Maués. Pois, para o maueense o guaraná não é apenas sinônimo de economia, mas também de identidade e cultura.

Não é oportuno mencionar que embora hoje exista uma preocupação com a biodiversidade local dentro do TI, os *Sateré-Mawé* tiveram e ainda têm grande resistência aos modelos de produção estabelecidos pelo CPSM e aprovados pelo CGTSM. Dentre as várias dificuldades, a principal foi a falta de incentivo por parte dos próprios indígenas que não produziam mais nada em seus quintais, consequência do processo de industrialização, com a chegada da modernidade e da comida industrializada o indígena perde aos poucos, sua característica de caçador e pescador para aproveitar das facilidades do homem da cidade.

Por causa justamente da entrada de produtos comercializados na TI Andirá-Marau, que muitas famílias deixaram de produzir, refletindo na diminuição a qualidade vida, e isso acarretou diversos problemas sociais que precisavam urgente serem resolvidos pelo CGTSM, principalmente o da fome.

Segundo Batista, Batista e Garcia (2015), de acordo com Obadias Garcia, ex-presidente do consórcio e um dos principais articuladores do projeto Vinte Quilos⁸⁰, estabelecer a parceria com seu povo foi determinante para o sucesso da etnia, embora tenha sido uma batalha árdua, considerando que o indígena não queria mais produzir, o que segundo o mesmo, em parte pelas políticas assistenciais do governo, pois devido ao pequeno valor, muitos indígenas aumentaram suas famílias, objetivando aumentar o auxílio social, como o Bolsa Família.

⁸⁰ O projeto Vinte Quilos, foi o precursor do projeto Waraná, o objetivo era conseguir dentro da produção dos indígenas na TI Andirá-Marau 20 quilos de guaraná para serem exportados para Europa.

O Projeto *Waraná* vai muito além do que apenas o comércio de seus produtos, é um projeto de etnodesenvolvimento, que além de fomentar a economia local, pretende valorizar a cultura indígena, não deixando acabarem os usos e costumes que durante anos é alicerce da tradição do povo *Sateré-Mawé* (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Em que consiste este projeto integrado de etnodesenvolvimento. Basicamente funciona assim: é basicamente da venda do guaraná, uma parte desse dinheiro, um terço, vai para o produtor, mas a maioria dessa renda uma parte vai para financiar o projeto de auto-organização dos *Sateré-Mawé* com o CGTSM e para financiar uma série de outros pequenos projetos coletivos que vão integrando, e fazendo com que os *Sateré-Mawé* possam se apresentar em nível regional, em nível internacional não como um obstáculo para o desenvolvimento, senão como um motor do desenvolvimento sustentável, um desenvolvimento diferente. A renda do guaraná vai financiar esses projetos e a auto-organização indígena. Aos poucos vai se construindo um tecido rico de sociedade civil indígena, de forma que melhore a qualidade de vida e a relação com o meio ambiente, melhore a autoestima e se fortalecer a identidade cultural *Sateré-Mawé* (FRABIONI *apud* ALVAREZ, 2009, p. 159)

Embora existam dificuldades em divulgar os trabalhos que os indígenas vêm fazendo para continuidade de sua cultura e principalmente autonomia economia dentro da TI Andirá-Marau, é necessário levar para o meio acadêmico, principalmente para os alunos do IFAM campus Maués. Visando o foco deste trabalho na formação do Técnico em Administração, é importante mencionar que não apenas o aluno do curso técnico em administração, mas todos os cursos deveriam buscar exemplos concretos da realidade maueense para discutir e despertar no aluno a vocação para empreender, seja de forma individual ou coletiva.

Nós comercializamos vários produtos, inclusive o guaraná é o carro chefe de todo esse processo. Mas pra isso tem uma longa história muito atrás para poder se adequar ao nível que hoje o consorcio se faz, se trabalha com comercio no exterior (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Em meio a tantas crises econômicas, sociais e políticas, onde escuta-se falar em desemprego e falta de oportunidades, muitos buscam alternativas e criam suas próprias oportunidades a partir do potencial econômico de cada localidade. Para tanto, o maueense, precisa conhecer suas potencialidades locais e explorar de maneira responsável, se possível baseado nos princípios da sustentabilidade, para que possa desta forma promover o desenvolvimento local sem agredir o meio ambiente, de maneira que o mesmo consiga se recuperar após interferência humana, sem comprometer as gerações futuras.

2.4.2 A experiência empreendedora dos *Sateré-Mawé*

Para melhor entendimento do que o Consórcio dos Produtores *Sateré-Mawé* vem realizando como instituição coletiva, que cuida dos produtos como os oriundos da TI Andirá-Marau, foi necessário, um diálogo com os indígenas que cuidam de todo o processo operacional, administrativo e político na sede do CPSM em Parintins-AM⁸¹.

Desta forma, foram feitos questionamentos com o objetivo de cessar as dúvidas que pairavam sobre o trabalho do consórcio e de como é ser um índio empreendedor.

Desta forma, buscamos descobrir o papel do CGTSM na visão do próprio *Sateré-Mawé*.

⁸¹ Para melhor compreensão do que foi discutido e explanado pelos indígenas, representantes do CPSM, a transcrição do áudio na íntegra consta como anexo no final deste trabalho.

O CGTSM que é uma entidade representativa maior do povo Sateré-Mawé, ela trabalha a política dentro da Terra Indígena, de como o índio ter a sua renda e a sustentabilidade de uma forma justa pra a natureza, justa pro próximo, justa no momento em que ele trabalha aquele produto, ele ter um preço justo pra ele [...] (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Com isso, podemos perceber que existe dentro do trabalho do CGTSM, uma preocupação com a produção de seus produtos, preocupada principalmente na responsabilidade ambiental e social, buscando valorizar o trabalho dos parentes dentro da área indígena.

Embora, estejam buscando a melhoria da qualidade de vida do povo *Sateré-Mawé*, os mesmos entendem que, um de seus principais desafios é o modelo capitalista de negócios.

[...] hoje a gente vê que no mundo capitalista os trabalhadores do Setor Primário são menos valorizados do que dos setores mais para cá, vamos dizer assim. Então hoje, o capitalismo ela dita o preço, aquilo que ele quer pagar. E onde a gente tá, nós estamos num mercado chamado Comércio Justo⁸², que lá é um mercado fechado onde tem mais de 100 mil associados, organizações do mundo todo, um desses associados somos nós, como CGTSM, como consórcio. Que trabalha na política voltado, justamente pra brigar contra o capitalismo, é por isso que chamam de comércio justo (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Os indígenas entendem, que para atuar frente ao processo econômico atual, é necessário buscar possibilidades de novos mercados. Para tanto, os mesmos têm buscado parcerias para introduzir seus produtos nos mercados internacionais, agregando valor, principalmente pelo apelo ao fruto do guaraná que os mesmos consideram o carro chefe da economia *Sateré-Mawé*.

Hoje, em nome do desenvolvimento, capitalismo fácil, derrubada de madeira, faz hidrelétrica (sobre a construção da usina de belo monte, eu acho), faz não sei o quê, faz não sei o quê lá, aí hoje, nós estamos sofrendo as consequências. Então isso, na política do comércio justo já foi visto há 60 anos atrás. Começou essa política nos anos 60, 61, 62 se não me engano por 10 universitários, quando começaram a ver que o capitalismo estava levando o planeta para um lugar que não tem mais fim. Criaram essa política, **vamos comercializar entre nós, pequenos produtores orgânicos, mas que a gente possa pagar pelo produto, pelo trabalho um preço justo que não vem da degradação do meio ambiente, que não venha da exploração de mão-de-obra escrava.** Tudo isso vai agregando valor (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015, grifo nosso).

Com isso, ao adentrar no mercado justo, os *Sateré-Mawé*, perceberam que era necessário criar um corpo técnico capaz de atender as demandas de mercados, principalmente a questão burocrática do processo de exportação de produtos da agrossilvicultura oriundos da TI Andirá-Marau.

[...] aonde que nós queremos chegar? Qual o nosso objetivo? Então isso, lá a gente tem que ser bom aqui, questão administrativa porque a burocracia ela é muito grande. E nós, não tem nem um sateré antigamente, antes era formado nessas áreas de empreendedorismo, vamos dizer assim, o Eudes na questão financeira, o Edvaldo na questão da exportação a nível internacional e eu, na questão da certificação orgânica dos produtos dos produtores. Então, ninguém era formado nessa área, e pra a gente chegar até hoje aqui foi um sacrifício, porque a organização nossa, é organização política, são indicações políticas como lideranças indígenas e não são

⁸² Podemos entender como uma instituição de parceria comercial, que contribui para o desenvolvimento sustentável por meio de melhores condições de troca e garantia dos direitos para produtores e trabalhadores marginalizados, sendo ainda uma alternativa viável no mercado atual.

técnicos em áreas que hoje a gente tá atuando aqui (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015, grifo nosso).

Nos comercializamos vários produtos, inclusive o guaraná é o carro chefe de todo esse processo. Mas para isso, tem uma longa história muito atrás para poder se adequar ao nível que hoje o consorcio de faz, se trabalha com comercio no exterior. Primeiro, precisa ter uma certificação. Se uma associação quer vender para exterior, primeiro precisa ter o certificado. Não precisa eu dizer que meu guaraná é bom se meu produto é bom, se não tem um certificado que comprove que teu produto é de qualidade. Segundo ponto, você tem que está dentro das normas da legislação brasileira e até mesmo do exterior, porque você comercializa no mercado justo europeu (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Embora os *Sateré-Mawé*, sejam um povo tradicional da Amazônia, os mesmos, buscaram uma forma de valorizar ainda mais seus produtos e com isso foi possível fornecer parte de sua produção para países como a França e Itália.

De acordo com Batista, Batista e Garcia (2015), para que tenham reconhecimento sobre a qualidade de seus produtos, o Mercado Justo, pede que seja feita a rastreabilidade de toda sua produção, para que os mesmos tenham condições de fazer o atendimento, o CPSM, ao adquirir seus produtos da TI Andirá-Marau, fazem um mapeamento dos produtos quando é dado entrada na unidade beneficiamento, conforme figura 17.



Figura 17: Mapeamento dos matéria-prima/produtos da TI Andirá-Marau.

Fonte: Nascimento (2015).

A figura 17, mostra como é feito o controle dos matéria-prima e ou produtos oriundos da TI Andirá-Marau. Algumas informações são destacadas para melhor acompanhamento, como lotes “A” e “B”, A para os produtos da região do rio Andirá e M para a região do rio Marau, os números que acompanham os lotes são relacionados ao número de compras, no caso, segunda compra do Andirá, safra 2015. Podemos ver também a procedência local, de qual aldeia o produto veio, “Terra preta – Vila Nova”. Podemos ver ainda a logomarca do CPSM, Nusoken.

Ao considerar todos esses pré-requisitos para ter um produto com condições de exportação, pedimos informações, quanto ao processo burocrático enfrentado pelo CPSM e quais as documentações necessárias para que o produto da TI Andirá-Marau chegue ao exterior.

Primeiro que nos deparamos com o SISCOMEX que é um documento que dá direito para você exportar, sem isso aí não vai nem um quilo de guaraná lá para fora. Com muita luta o consórcio conseguiu e hoje nós temos o SISCOMEX que dá direito a você exportar. Com isso, se adequou toda essa estrutura e cada um foi formado dentro da sua especialidade para poder criar esse grupo de trabalho, para poder gerenciar esse monstro que sempre o Obadias⁸³ fala [...]. Nós trabalhamos já como consórcio, com três... com duas financiadoras que é a Guayapi Tropical na França⁸⁴ e a CTM na Itália - CTM Altromercato (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Posteriormente, essa etapa, no processo operacional foi explicado que, o primeiro passo para exportação dos produtos é o contato com as empresas parceiras da Itália e França, ao fechar o contrato, uma parte dos recursos cai na conta do consórcio e somente depois que o produto chega na Europa é repassado o valor residual do contrato.

Foi esclarecido ainda que, o processo burocrático, a documentação que é exigida pela Secretaria de Estado da Fazenda (SEFAZ-AM) é feita por uma empresa parceira contratada pelo CPSM.

Trabalhamos em cima da documentação, das notas fiscais para o despacho da SEFAZ. A nossa Nota Fiscal tem validade daqui até um barco ou navio, posteriormente já não tem mais validade. Para o exterior já é uma nota fiscal internacional, que é chamada, Nota Fiscal *Invoice*, que é a nota fiscal internacional. Então, esses tramites dessa documentação que a gente tem, a gente cuida da questão da exportação. Ainda tem uma outra comunicação com Banco Central que eu comunico ao Banco Central através da fatura pró-forma⁸⁵, que é um documento, que é comunicação da empresa ao Banco Central, dizendo: tal dia eu vou receber uma quantitativa de dinheiro da venda do guaraná pelo nosso cliente fulano de tal. Então eles já estão cientes que esse recurso vai entrar na conta do consórcio, só com essa fatura pró-forma, que é a comunicação da empresa com o Banco Central (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Todo esse procedimento de comunicação através da Fatura Pró-forma e Nota Fiscal *Invoice*, é necessário para que todo o material enviado chegue ao seu destino sem preocupação com carga perdida ou apreendida, resguardando as partes do Contrato de Compra e Venda, pré-estabelecido, bem como, toda remessa de dinheiro enviada para a conta bancária do CPSM, seja liberada o mais breve possível, considerando ainda que toda a negociação de preços é feita em euros⁸⁶, e somente depois é cambiada para o real, momento em que o consórcio cumpre com seus compromissos financeiros frente aos fornecedores (produtores indígenas) e parceiros comerciais.

Embora dominem os trâmites burocráticos hoje, os indígenas comentam que, no início dos trabalhos tiveram dificuldades em descobrir como funcionava o processo de exportação.

O que envolve a questão da exportação é mais essa parte, é um pouco difícil, tanto é que, pela primeira vez... que o consórcio foi exportar pela primeira vez eu não sabia fazer esse tipo de documentação, então procuramos várias pessoas, contadores aqui de Parintins, pessoas que talvez tivessem o conhecimento, e nós tínhamos na verdade três e procuramos fazer essa fatura pró-forma e ninguém sabia fazer, não

⁸³ Obadias Batista, ex presidente do consórcio. Uma das primeiras lideranças a acreditar no projeto Waraná e representar os Sateré-Mawé na Europa).

⁸⁴ O website oficial da guayapi, tem em seu portfólio o produto dos Sateré-Mawé, podendo ser acessado em: <<http://www.guayapi.com/>>

⁸⁵ Também conhecida como Pró-foma Invoice. É uma espécie de fatura/cotação emitida pelo exportador ao comprador, antes da troca de produtos (bens ou serviços). O idioma do documento poder ser inglês no idioma do comprador.

⁸⁶ Moeda oficial da zona Euro onde França e Itália são países membros, seu símbolo € e seu código é EUR

sabia que era tão fácil assim de fazer, mas depois de tudo (BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015).

Podemos perceber que, embora poucas pessoas tenham conhecimento sobre o processo produtivo dentro da TI Andirá-Marau e o trabalho que o CPSM vem desenvolvendo e buscando a valorização de seus produtos. Entendemos que é de extrema importância que os alunos do curso técnico em administração, busquem através do trabalho que os *Sateré-Mawé* fazem, inspiração para desenvolver atividades empreendedoras que visem não apenas o lucro, mas principalmente um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação do meio ambiente.

E que segundo Batista, Batista e Garcia (2015), os *Sateré-Mawé* acreditam que ainda há muito a ser feito e que somente através da educação, conseguirão mudar a realidade de seu povo, considerando todos os desafios causados pela inserção da cultura do branco, bem como, vários problemas sociais que os indígenas enfrentam diariamente na área indígena como: as bebidas alcoólicas e a prostituição.

Então, se nós estamos aqui, nós já escrevemos muito da nossa história na vida do povo *Sateré-Mawé*. É isso, o trabalho aqui (sede do consórcio) é mais questão técnica, lá (terra indígena) dentro é político e lá pra fora também (risos) BATISTA; BATISTA; GARCIA, 2015.

Com isso, o trabalho que o CPSM vem desenvolvendo frente a todo o processo capitalista de produção e enfrentando ao seu modo, com uma produção de produtos ecologicamente correto, vem pelo fato de os mesmos possuírem um público alvo muito bem definido, que hoje são os parceiros do Mercado Justo e que embora muitos dos próprios indígenas não compreendam o sentido do trabalho realizado pelos mesmos, consideramos com os mesmos quando afirmam que já escreveram muito da sua história e continuam escrevendo, e com isso, o *Sateré-Mawé*, o guaraná de Maués e o próprio Maués ganham visibilidade e valorização potencializando a sua economia a cada dia.

2.5 Estudo de caso no Curso de Administração do Instituto Federal do Amazonas, campus Maués:

De acordo com os objetivos propostos de desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná é que se realizou a oficina pedagógica a ser descrita à seguir, considerando ainda que, embora Maués seja conhecida como Terra do Guaraná, o Curso Técnico em Administração do IFAM/Campus Maués não contempla em sua Matriz Curricular disciplinas correlatas ao empreendedorismo e/ou economia sustentável, bem como, não faz menção à cultura do povo *Sateré-Mawé* e suas técnicas específicas do processamento e manipulação de uma botânica tão preciosa e sagrada para essa etnia.

Esta pesquisa buscou compreender importância de se trabalhar em sala de aula a Economia Sustentável na formação do técnico em administração do IFAM/CMA, com base no trabalho que os *Sateré-Mawé* vem desenvolvendo através do CPSM, produzindo de forma sustentável seus produtos da agrossilvicultura na TI Andirá-Marau e comercializando-os com valor agregado diretamente com o mercado nacional e internacional, em países como Itália e França.

A pesquisa foi realizada com a autorização da Direção Geral do Campus – IFAM/CMA, através do “Termo de Concessão e Autorização de Pesquisa” (anexo 2), autorizado pela professora Leonor Ferreira Neta Toro, Ex-Diretora Geral.

2.5.1 Composição do grupo de pesquisa:

Ao iniciar os trabalhos sobre como realizar a pesquisa em forma de Oficina Pedagógica com alunos do Curso Técnico em Administração no IFAM/CMA, buscamos em conjunto com demais colegas docentes, uma forma de não excluir nenhum discente que desejasse participar do processo, decidimos então, que seria feito o convite a toda turma, abrindo para quem desejasse participar.

Inicialmente foram realizadas visitas nas salas de aula do curso técnico em administração, convidando os discentes e professores para uma reunião onde seriam esclarecidos objetivos da pesquisa e o funcionamento da oficina pedagógica.

Com isso, realizou-se uma reunião no dia vinte e sete de outubro de dois mil e quinze com a turma do 2º Módulo do curso Técnico em Administração na forma subsequente, onde foi explicada a proposta de oficina pedagógica sobre o produto guaraná de Maués. Estavam presentes 25 alunos da turma e 01 docente do eixo tecnológico.

No dia vinte e seis de novembro de dois mil e quinze, realizou-se a segunda reunião com 02 professores do Eixo Gestão e Negócios e estudantes do segundo ano do ensino médio do curso de Técnico em Administração, convidados a conhecer a proposta do projeto, apresentada pelo autor, com o objetivo de despertar o interesse em participar e compor um grupo de 20 sujeitos. Na ocasião, foi esclarecido que os mesmos seriam avaliados no processo de aquisição do conhecimento através de questionários construídos a partir da Escala de Likert. Dos 25 presentes, 22 estudantes aceitaram a participar da Oficina Pedagógica (anexo 3), e, após a explanação, foi esclarecida a importância da inserção e do comprometimento do estudante na oficina, como processo pedagógico, mostrando a necessidade da integridade da equipe de trabalho. Assim sendo, ficou definido que a oficina aconteceria no primeiro semestre de 2016.

O grupo de alunos que participaram da oficina pedagógica, foi formado por pessoas de várias idades, alguns jovens e outros mais experientes, o que contribuiu na construção das propostas de trabalho e principalmente no compartilhamento das experiências vivenciadas.

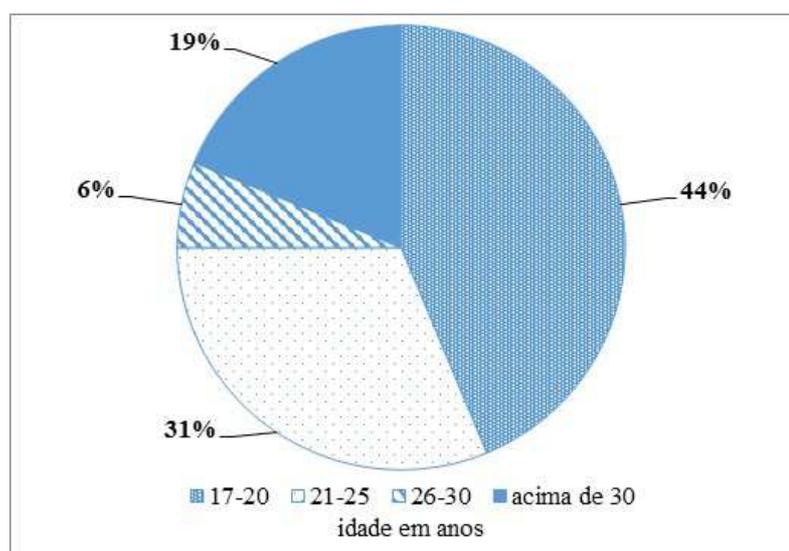


Figura 18: Faixa Etária Participantes da Oficina Pedagógica.

Fonte: Nascimento (2016).

2.5.2 Metodologia do processo de aprendizagem:

Após todo processo de discussão e planejamento em conjunto com os alunos, professores e coordenação, a oficina aconteceu no mês de fevereiro de dois mil e dezesseis. Com a participação efetiva de 16 sujeitos⁸⁷, todos regularmente matriculados no 3º Módulo do Curso Técnico em Administração na forma subsequente. A oficina aconteceu durante cinco dias com duração de 20 horas em consonância com o Plano de Trabalho (anexo 4).

Ao iniciar os trabalhos da oficina, foram levantadas entre os participantes e alunos do Curso Técnico em Administração, itens como: frases; conceitos; ideias; opiniões e comentários do seu conhecimento ou de interesse em aprender, sobre temas referentes ao guaraná e sua comercialização em Maués.

A partir dos itens discutidos e selecionados foram formuladas afirmativas para construir uma escala de avaliação de atitude de indivíduo (anexo 5), sendo de caráter positivo. A escala foi dividida em cinco categorias onde o valor 5 foi atribuído a categoria “concordo”, e o valor 1 atribuído a categoria “discordo”. De acordo com Silva Junior e Costa (2014, p. 4-5), a escala de verificação de Likert consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Exemplo Escala de Likert

Grau de Concordância das Afirmativas					
Categorias	Concordo	Concordo em Parte	Não Concordo / Nem discordo	Discordo em Parte	Discordo
Valores	5	4	3	2	1

Fonte: Adaptado Silva Junior e Costa (2014).

2.5.3 Ferramentas para análise de dados:

Foram realizados dois testes durante a oficina com a participação efetiva de 16 sujeitos, o primeiro teste sem intervenção e segundo após a intervenção, ambos os testes com as mesmas afirmativas, aplicados aos mesmos sujeitos.

Independente do período, todos os dados foram organizados inicialmente e tabelados com o editor de planilha eletrônica Microsoft Office Excel^{®88} versão 2010 e analisados estatisticamente com o *GraphPad Prism*^{®89} Versão 6 (2012), *Assistat 7.7*⁹⁰ versão Beta, dentre outras funcionalidades foi utilizado para classificar as médias pelo teste Tukey. Todos os *softwares* foram utilizados no Sistema Operacional Windows[®], realizamos tratamento estatístico para mensurar o Coeficiente de Variação das respostas dos sujeitos, bem como, avaliar o grau de significância das médias das respostas antes e posterior a aplicação da oficina pedagógica.

2.6 Resultados obtidos no Estudo de caso no Curso de Administração:

⁸⁷ Embora tenham participado da Oficina Pedagógica 22 sujeitos, devido a compromissos familiares e profissionais, apenas 16 conseguiram partir efetivamente tanto das discussões como das avaliações.

⁸⁸ É um editor de planilhas eletrônicas e faz parte do pacote de escritório chamado Microsoft Office que incluem mais produtos como o editor de texto Word e o editor de apresentação PowerPoint, dentre outros, pode ser baixado gratuitamente em modo *trial* (teste) na versão *Office 365 Home* e poderá ser usado por um mês. Disponível para download no website oficial da marca: <https://products.office.com/pt-br/try>.

⁸⁹ O *Software Graphpad Prism* em sua 6ª versão, pode ser baixado gratuitamente em modo *trial* e poderá ser usado por 30 dias. Disponível para *download* no website oficial da marca: <http://www.graphpad.com>.

⁹⁰ O *Assistat* foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Francisco de A. S. e Silva da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil. Disponível para *download* no website oficial: <http://assistat.com/>.

A avaliação dos participantes foi realizada de forma contínua, considerando que o conteúdo da oficina pedagógica foi construído a partir da afinidade demonstrada pelos próprios participantes. Percebeu-se que o interesse dos sujeitos aumentou à medida que a oficina foi sendo desenvolvida, principalmente diante das possibilidades comerciais e econômicas do guaraná.

Para melhor compreensão e andamento do processo de aprendizagem foram construídos grupos para trabalhar produtos e/ou serviços de nichos mercados distintos, sempre respeitando o interesse e a afinidade do grupo para os trabalhos e temáticas, considerando também experiências profissionais e/ou comerciais.

Foram trabalhados diversos conceitos atrelados à cadeia produtiva do guaraná e também economia sustentável, baseado na experiência comercial dos *Sateré-Mawé*. Dos participantes dessa atividade constatou-se que **81,25%** são naturais do município e, portanto apresentam forte ligação com a cultura do guaraná. Essa ligação cultural foi evidenciada quando **100%** dos sujeitos afirmaram conhecer a planta nativa do guaraná, assim como a diferença entre o guaraná nativo e o guaraná clonado. Sendo ainda, que **25%** dos participantes se auto identificaram como pertencentes à etnia *Sateré-Mawé*.

2.6.1 Avaliação durante o processo de aprendizagem:

As atividades avaliativas foram desenvolvidas de forma interdisciplinar entre as disciplinas da matriz curricular como: Administração da Produção, Logística Empresarial, Administração Financeira e Administração de Marketing. Assim como, foi necessária e significativa a utilização de temas transversais como: Empreendedorismo, Cooperativismo e Associativismo, Gestão Ambiental e Economia Sustentável.

No decorrer das oficinas, muitos dos alunos participantes, em especial os maiores de 20 anos, pela própria idade e experiência profissional, ajudaram aos mais jovens na aquisição de conhecimento, tudo isso, somado ao conteúdo do curso que já haviam trabalhado, pois a turma (subsequente) iria iniciar o III módulo do curso no semestre corrente.

O conhecimento da história do município e sua relação com o comércio do guaraná e as tentativas de criação de empreendimentos sociais no município, foram as grandes questões levantadas durante a oficina pela maior parte do tempo. Isso nos ajudou a situar a oficina com exemplos práticos da realidade local, tornando a aprendizagem significativa e contextualizada.

Trabalhar dentro do próprio ambiente escolar ajuda o aluno a pensar, agir e tomar decisões, bem como, ajudar a construir conhecimento necessário para fundamentar suas propostas de trabalho (SILVA L. 2009, p. 24).

Além de trabalhar no próprio ambiente, os participantes formaram grupos de trabalho (GTs)⁹¹ e buscaram informações para fundamentar as propostas de empreendimentos por meio eletrônico através da internet, para tanto, a turma utilizou um dos laboratórios de informática do IFAM/CMA (figura 19).

⁹¹ O objetivo do GTs é unir pessoas em prol de uma determinada temática, com a função de trocar informações e experiências, socializando conhecimento, sensibilizando e debatendo temas relevantes para o grupo.



Figura 19: Pesquisa eletrônica - laboratório de informática IFAM/CMA.

Fonte: Nascimento (2016).

De acordo com as discussões na oficina pedagógica os participantes em grupos foram para o laboratório de informática buscar informações a respeito do que estava sendo discutido em sala, bem como, buscar novas informações sobre o atual cenário econômico regional e potencialidades comerciais voltadas para empreendimentos sociais e economia sustentável.

2.6.1.1 desenvolvimento dos alunos na oficina pedagógica

Para mensurar o grau de conhecimento adquirido pelos alunos durante a oficina pedagógica e despertar habilidades empreendedoras, foi proposto aos Gts que todas as equipes buscassem ideias de negócios que pudessem ser trabalhadas pelos próprios membros da equipe, considerando os temas abordados durante a oficina, bem como, valorizando a experiência adquirida, afinidades dos membros e cultura local.

Na construção das propostas foram pensados quais produtos e/ou serviços que cada equipe poderia trabalhar, considerando a APLs, ao mesmo tempo que se preocupavam com os investimentos necessários para a operacionalização dos empreendimentos.

Deste modo, para operacionalizar as propostas, cada GT teve que considerar os seguintes pontos: *Inputs* (Recursos Entrada) e *Outputs* (bens ou serviços) de cada empreendimento.

Os recursos de entrada foram divididos entre “transformadores” e “a serem transformados”. Como transformadores, podemos entender: a mão de obra, infraestrutura, máquinas e equipamentos; e a serem transformados: matéria prima, informações (feedback) e consumidores.

Com isso, os GTs decidiram trabalhar com bens de consumo, produzindo produtos que atingissem principalmente a comunidade local, onde qualquer cidadão que desejasse poderia trabalhar a ideia. Na culminância das atividades, as equipes fariam uma exposição com seus produtos aberta à comunidade acadêmica do IFAM/CMA, apresentando a ideia de negócio, suas possibilidades e principalmente o custo necessário para operacionalização de cada proposta.

Esta ação foi denominada de Mostra de Empreendedorismo, aberta à comunidade acadêmica, onde foram expostas as ideias dos grupos de trabalhos, bem como, seus produtos, conforme figura 20.



Figura 20: Processo Produtivo de sorvete do GT Delícia Gelada.

Fonte: Nascimento (2016).

A figura 20, expressa o processo de produção do sorvete de goiaba, guaraná e açaí, desde a separação das frutas até a exposição do produto no IFAM/CMA. O produto do GT Delícia Gelada, teve grande aceitação, principalmente o saber de guaraná com açaí, que levou um sabor regional que é próprio do município.



Figura 21: Processo Produtivo do GT Bombons de Castanha.

Fonte: Nascimento (2016).

A figura 21, mostra o material que utilizado na produção dos bombons de castanha, obedecendo ao que foi discutido, o GT apresentou à comunidade acadêmica do IFAM/CMA o processo de produção de bombons de Castanha-do-Pará⁹², matéria prima de fácil acesso no município, trazendo para comunidade mais uma possibilidade para geração

⁹² A Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*) é popularmente conhecida como castanha-do-pará na região de Maués e em seu entorno.

renda a partir de mais um produto com sabor regional. O GT apresentou ainda o fluxo operacional para melhor entendimento da comunidade (figura 22).

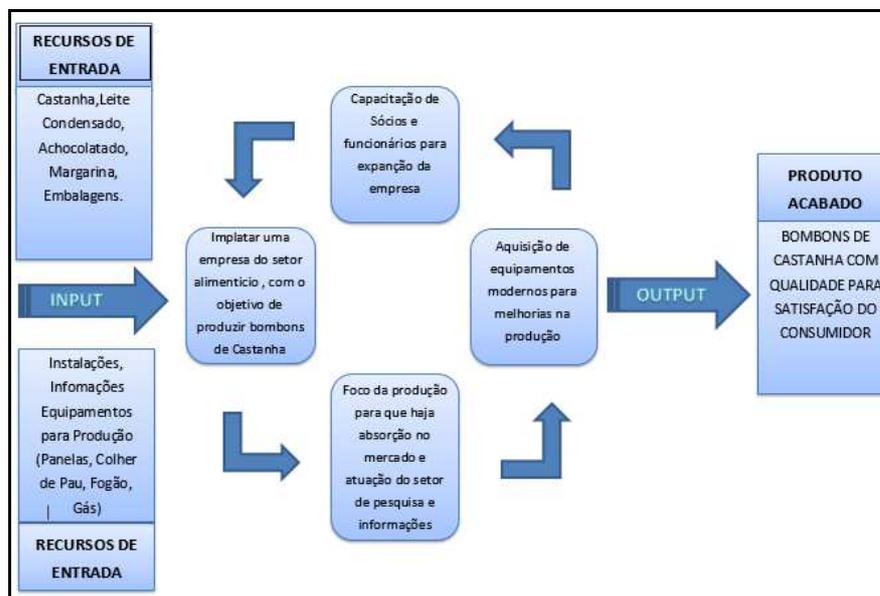


Figura 22: Fluxo de Operacional do GT Bombons de Castanha.
Fonte: GT Bombons de Castanha (2016).

Na figura 22, podemos entender como funcionou o processo produto do GT para produção de bombons de castanha-do-pará, bem como, ao afinal podemos perceber que o produto, tem o objetivo principal de atender à necessidade consumidor com qualidade.

Os GTs preocuparam-se em como atender as demandas da sociedade maueense em geral com produtos que expressassem qualidade, ao mesmo tempo que buscavam reduzir os custos de produção para que o cidadão com baixo investimento tomasse a ideia para si e com isso, ter uma ocupação digna que melhoraria sua qualidade de vida.

Atendendo ao que foi pensado durante a oficina pedagógica, alguns grupos buscaram a ajuda de pessoas que detinham o conhecimento sobre determinados negócios. Nesse contexto um dos GT apresentou o produto de Tacacá em Porções. Um trabalho que contou com a contribuição de cidadãos maueneses que gentilmente compartilharam seus conhecimentos sobre o Tacacá.



Figura 23: Processo Produtivo do GT Micro Distribuidora de Porções de Tacacá.
Fonte: Nascimento (2016).

Na figura 23, podemos ver a ideia de comercializar porções de um produto muito apreciado no município, o Tacacá em Porção, mostrando mais uma vez o potencial dos grupos em buscar alternativas a partir dos trabalhos que são realizados dentro da região. Além do próprio produto, o GT trouxe para o evento o tucupi⁹³ em uma garrafa de PET de 600 ml. Em feiras de produtos agrícolas locais é comum o tucupi ser vendido apenas em garrafas de PET de 2 L.

Continuando com possibilidades empreendedoras, o GT IF Delícias Caseiras apresentou vários produtos a partir do trabalho que pode ser desenvolvido em uma panificadora, com o diferencial de trabalhar de forma artesanal seus produtos, dando aos mesmos, características físicas e sabores únicos, conforme figura 24.



Figura 24: Apresentação dos produtos do GT IF Delícias Caseiras.

Fonte: Nascimento (2016).

Na figura 24, o GT IF Delícias Caseiras, mostrou para a comunidade acadêmica seus produtos, bem como, o processo produtivo de cada um e o investimento necessário.

Percebemos o quanto a oficina pedagógica contribuiu para fomentar as propostas empreendedoras nos participantes dos GTs, futuros técnicos em administração, preocupados em desenvolver a região através de suas propostas.

Ao apresentar o trabalho que o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, a partir da produção e vendas de produtos regionais, fortalecendo sua marca e agregando valor a seus produtos, explorando as características como: indígenas Sateré-Mawé, Amazônia, guaraná e Maués. Os discentes puderam vislumbrar as possibilidades comerciais que nossos produtos regionais possuem frente a um mercado cada vez mais exigente.

Os GTs apresentaram ainda à comunidade acadêmica, quais os riscos relacionados ao descarte indevido de seus produtos, mostrando também a necessidade de criar mecanismos que diminuam a agressão ao meio ambiente, e, como fortalecer a relação com os fornecedores de matéria prima, os agricultores rurais, bem como, contribuir para fomentar uma produção de forma sustentável.

Desse modo, acreditamos que a oficina pedagógica, mostrou-se na prática significativa, a partir dos produtos e das apresentações dos GTs, buscando despertar na comunidade acadêmica a vocação para o empreendedorismo. Ao realizar a mostra, foi apresentado para uma plateia formada por alunos, professores, técnicos administrativos em educação e demais colaboradores suas ideias, produtos e como poderiam ajudar quem desejasse abrir um negócio que pudesse ser lucrativo, respeitoso ao meio ambiente e à cultura local.

⁹³ É um líquido de cor amarela extraído da mandioca, típico da região norte do país.

2.6.1.2 avaliação da aprendizagem usando Escala de Likert:

Durante a Oficina Pedagógica foram realizados dois testes, denominados Teste Inicial ($T_{inicial}$) e Teste Final (T_{final}), cada teste com número de 20 afirmativas para avaliar o grau de concordância dos sujeitos, além de 4 questões fechadas, aplicadas a 16 participantes.

Quando questionados sobre o conhecimento do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, no $T_{inicial}$ **75%** afirmaram que conheciam e **25%** que não. No T_{final} , embora com o mesmo percentual no resultado, **75%** responderam sim e **25%** não, quando discutida a questão em grupo, responderam que, embora a partir da oficina tivessem acesso ao trabalho desenvolvido pelo consórcio, não podiam afirmar que conheciam por nunca terem tido conhecimento e acesso ao mesmo em Maués. Dos **25%** que afirmaram não conhecer o consórcio, **50%** são naturais dos municípios de Manaus e Boa Vista do Ramos e os outros **50%** são próprios de Maués.

Na tabela 3, apresentamos os valores médios para as 20 afirmativas utilizadas para avaliar a progressão no desempenho dos alunos (sujeitos) nas etapas referentes ao processo de aprendizagem.

Tabela 3: Valores médios de cada aluno referentes ao nível de concordância das afirmativas sobre Guaraná de Maués e Economia Sustentável.

Sujeitos	Teste Inicial			Teste Final		
	Valores Médios	DP	CV(%)	Valores Médios	DP	CV(%)
A1	4,60 a	0,5	10,9	5,00 a	0	0
A2	3,80 ab	0,89	23,5	4,80 a	0,52	10,9
A3	3,75 ab	1,48	39,5	5,00 a	0	0
A4	3,60 ab	1,96	54,4	4,80 a	0,89	18,63
A5	4,60 a	0,5	10,9	4,95 a	0,22	4,52
A6	3,70 ab	0,86	23,4	4,75 a	0,55	11,58
A7	4,10 ab	1,12	27,3	5,00 a	0	0
A8	4,35 ab	0,99	22,7	5,00 a	0	0
A9	3,65 ab	1,27	34,7	4,70 a	0,66	13,98
A10	3,85 ab	1,09	28,3	4,45 a	1,36	30,48
A11	3,15 b	1,6	50,7	5,00 a	0	0
A12	4,55 a	0,76	16,7	5,00 a	0	0
A13	4,05 ab	1,23	30,5	4,55 a	1,23	27,13
A14	3,80 ab	1,51	39,7	4,55 a	1,23	27,13
A15	3,85 ab	0,67	17,4	4,90 a	0,45	9,13
A16	4,20 ab	1,11	26,31	4,80 a	0,89	18,63
MDS	1,20			0,70		
MG	3,98			4,83		
CV (%)	30,22			14,53		

Legenda: MDS (Mínima Diferença Significativa); MG (Média Geral); DP (Desvio Padrão); CV% (Coeficiente de Variação %); Letras diferentes por teste indicam diferença significativa para o teste de Tukey ($p \leq 0,05$) avaliando por coluna.

Fonte: Nascimento (2016).

A tabela 3 mostra que a variação dos valores médios de concordância dos sujeitos no $T_{inicial}$ foi de **3,15** a **4,6**, enquanto que no T_{final} os valores médios variaram de **4,45** a **5,0**.

Consideramos um avanço, pois a maioria dos sujeitos teve aumento em suas médias. Observamos ainda que no $T_{inicial}$ a menor média foi **3,15** e a maior **4,6** enquanto que, no T_{final} a menor média foi **4,45** e a maior média **5,0**.

Podemos ainda, identificar os valores médios acima ou abaixo da média geral nos testes $T_{inicial}$ e T_{final} . Sendo que sete dos dezesseis sujeitos mantiveram-se acima da média no primeiro teste. Posteriormente os sujeitos em sua maioria conseguiram aumentar suas médias no T_{final} em relação ao $T_{inicial}$. O sujeito A11, mesmo com o menor valor médio no $T_{inicial}$ **3,15** no T_{final} conseguiu avançar para o valor médio de **5,0**.

De mesmo modo, França Junior (2008, p.52), em seu trabalho considerou razoável o valor de variação das médias no Teste I, compreendido tempo zero com coeficiente de variação entre **19,2%** a **43,9%** pelo fato de ter sido aplicado antes da oficina. Vale lembrar que em seu trabalho França Junior (2008, p.53), adotou a escala de sete valores, enquanto que em nosso trabalho utilizamos apenas cinco valores para avaliar a respostas dos sujeitos para as 20 afirmativas.

O $T_{inicial}$ obteve um Coeficiente de Variação (CV) de **30,22%**, aplicado antes da Oficina Pedagógica, resultado razoável, pois em tese o conhecimento dos participantes em relação ao conteúdo das afirmativas deveria ser mínimo. No T_{final} o CV teve uma diferença expressiva, pois com **14,53%** conseguimos a partir da oficina reduzir em **51,92%** o erro nas respostas dos sujeitos em relação ao $T_{inicial}$, denotando assim a importância do conhecimento acumulado durante a oficina pedagógica. Ver figura 25.

Destacamos os sujeitos A1 e A5 com a melhor média no $T_{inicial}$ **4,6**. Já no T_{final} , embora os sujeitos tenham demonstrado aumento em suas médias, apenas A1 não obteve erro, o que não aconteceu com o sujeito A5, mesmo aumentando sua média, seu CV ficou em **4,52%**. De outro modo, o sujeito A11 teve seu CV do $T_{inicial}$ **50,7%** para nulo no T_{final} .

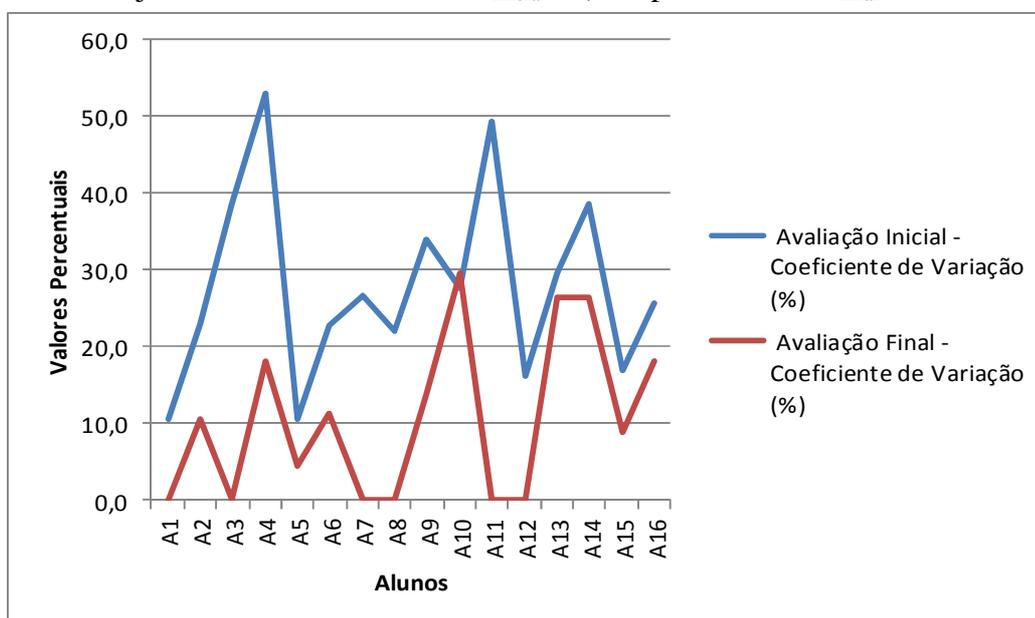


Figura 25: Comparativo do Coeficiente de Variação das respostas no Teste Inicial e Final da Oficina Pedagógica.

Legenda: Avaliação Inicial ($T_{inicial}$) e Avaliação Final (T_{final}).

Fonte: Nascimento (2016).

A figura 25 nos apresenta o erro de cada aluno por avaliação no total de afirmativas, fazendo uma comparação entre o CV das respostas dos sujeitos nos $T_{inicial}$ e T_{final} , visualizamos avanço nos trabalhos e conseqüentemente compreensão por parte dos participantes.

Outro indicador de diferença com os resultados do nosso estudo está relacionado com a variabilidade nas questões quando ao nível de concordância do estudante com as afirmativas do instrumento para a avaliação do conhecimento, fazendo com que os valores do coeficiente de variação fossem elevados tanto no T1 quanto no T2, porém, a redução no T3 foi importante para o nosso trabalho, indicando que os sujeitos conseguiram no final do período letivo compreender os temas abordados de forma teórica e correlacioná-los com a sua atividade prática (SILVA L., 2009, p.26).

Nesse sentido, podemos visualizar que no T_{final} , a maioria dos sujeitos diminuiu a margem de erro representado pelo CV a partir da oficina pedagógica, onde conseguiram reduzir significativamente o erro nas respostas para as 20 afirmativas.

Destacamos ainda os sujeitos A3 e A11 que conseguiram evoluir de forma significativa no T_{final} em relação ao T_{inicial} , conseguindo desta forma, tornar nulo seu CV. Com destaque para A11 que no T_{inicial} estava com CV **50,7%** no T_{final} demonstrou avanço significativo tornando nulo seu CV.

A evolução das médias da resposta dos sujeitos para as afirmativas foi significativa no T_{final} em relação ao inicial, conforme figura 26.

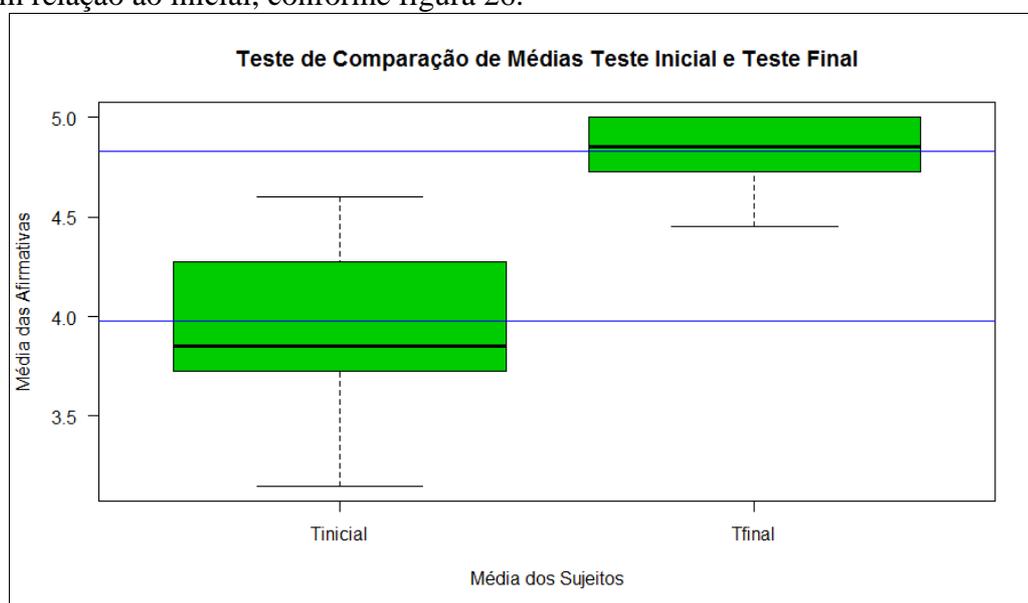


Figura 26: Teste de Comparação de Médias - Teste Inicial e Teste Final.

Legenda: T_{inicial} (Teste Inicial) e T_{final} (Teste Final) Linhas: azul (média) e preta (mediana).

Fonte: Nascimento (2016).

A figura 26 mostra a distribuição de médias das afirmativas de acordo com as respostas dos sujeitos durante os testes. A Média Geral dos testes representada pelas linhas azuis mostram que no T_{inicial} tivemos o valor **3,98** e no T_{final} o valor **4,83**. A mediana representada pelas linhas pretas nos quadros de fundo verde nos mostram no T_{inicial} o valor de **3,85** e no T_{final} o valor de **4,83**.

Embora a maior média do T_{inicial} **4,6** seja maior que a menor do T_{final} **4,45** a mediana das respostas do T_{final} mante-se acima da média com valor **4,83**. Diferente do T_{inicial} considerando a mediana **3,85** menor que o valor da média **3,98**.

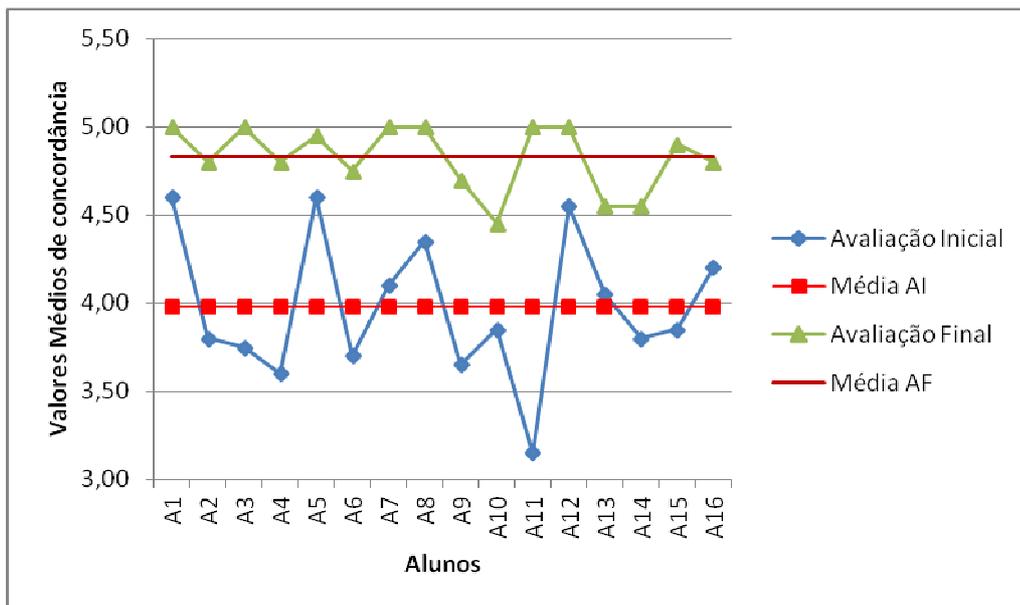


Figura 27: Comparativo das Médias dos Sujeitos na Oficina Pedagógica.

Legenda: Avaliação Inicial (T_{inicial}) e Avaliação Final (T_{final}).

Fonte: Cristiano Nascimento (2016).

Na figura 27 podemos visualizar a evolução da média dos sujeitos em relação à média geral de cada teste, desta forma, visualizamos também a evolução de maneira individual, para os testes T_{final} e T_{inicial}.

Na figura 28, podemos ainda ver a redução do CV para as afirmativas em relação do T_{inicial} para o T_{final}, com destaque para as questões: 3, 4, 6, 7, 14 e 18.

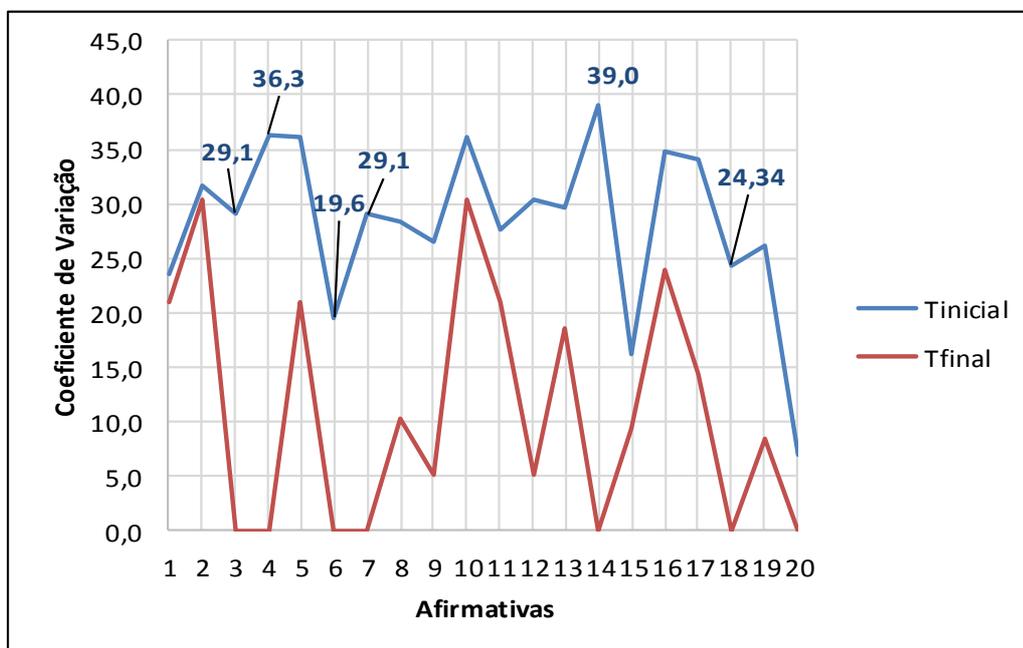


Figura 28: Coeficiente de variação TI e TF por Afirmativas na Oficina Pedagógica.

Legenda: T_{inicial} (Teste Inicial); T_{final} (Teste Final).

Fonte: Nascimento (2016).

De mesmo modo, como França Junior (2008, p. 52) e Silva L. (2009, p. 24), conseguimos identificar uma evolução gradativa no nível de concordância com as afirmativas

utilizadas no instrumento de avaliação, o que conseqüentemente reduziu o coeficiente de variação das afirmativas, conforme ilustrado na figura 28.

Através da análise de dados contidos na figura 28 pudemos identificar quais questões tivemos maior índice de discordância a partir do Coeficiente de Variação nos testes inicial e final. No $T_{inicial}$ podemos considerar afirmativas mais críticas de acordo com o coeficiente de variação: 14) *A associação responsável pela comercialização do que é produzido na área indígena Andirá/Marau é o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé.*; 4) *Em Maués é produzido o guaraná orgânico e o clonado*; 5) *O guaraná clonado é produzido diferente que o orgânico*; 10) *Cooperativa é um modelo de estrutura organizacional de sociedades democráticas, regidas por princípios de igualdade no que se refere à propriedade, gestão e repartição de recursos, constituídas para atingir objetivos econômicos.*; e 17) *Desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem suas necessidades e aspirações.*

Por outro lado, no T_{final} conseguimos identificar seguintes as afirmativas: 2) *Os Sateré-Mawé foram os primeiros a produzir o guaraná*; 10) *Cooperativa é um modelo de estrutura organizacional de sociedades democráticas, regidas por princípios de igualdade no que se refere à propriedade, gestão e repartição de recursos, constituídas para atingir objetivos econômicos* 16) *Um Produto Ecologicamente Correto deve ter uma agressão mínima ao meio ambiente*; 5) *O guaraná clonado é produzido diferente que o orgânico*; e 13) *Cooperativas são entidades com fins lucrativos.*

É importante destacar que embora, tenhamos evoluído com o aumento de valores médio e diminuição do coeficiente de variações dos sujeitos para as afirmativas no T_{final} , não podemos deixar de destacar que existem fatores externos que se expressam nos resultados e que não temos como controlar. França Junior (2009), afirma que, parte da participação dos sujeitos em curso de disciplinas correlatas ao conteúdo da oficina exerceu influência nos resultados.

Possivelmente as variações ocorridas nestas afirmativas foram em função de que alguns dos sujeitos, durante a sua participação neste projeto de pesquisa, encontravam-se cursando as disciplinas de Análise Físico-Química da Cachaça, Fermentação e Destilação, onde estes conteúdos são estudados e compreendidos. Enquanto que aqueles que já haviam cursado as referidas disciplinas apresentaram uma menor variabilidade nos seus níveis de concordância, e as suas pontuações foram superiores a 5,0 com concordância moderada a total (FRANÇA JUNIOR, 2008, p. 58).

Podemos ver na tabela 5 expressos os valores das médias, desvio padrão e coeficiente de variação nos testes $T_{inicial}$ e T_{final} para as vinte afirmativas durante o processo de aprendizagem.

Tabela 5: Valores médios atribuídos a cada afirmativa referentes ao nível de concordância sobre Guaraná de Maués e Economia Sustentável.

Afirmativas	Teste Inicial			Teste Final		
	Valores Médios	DP	CV (%)	Valores Médios	DP	CV (%)
1	4,31 abc	1,01	23,5	4,75 a	1,00	21,1
2	4,06 abc	1,29	31,7	4,50 a	1,37	30,4
3	4,25 abc	1,24	29,1	5,00 a	0,00	0,0
4	3,88 abcd	1,41	36,3	5,00 a	0,00	0,0
5	3,63 abcd	1,31	36,1	4,75 a	1,00	21,1
6	4,56 ab	0,89	19,6	5,00 a	0,00	0,0
7	4,06 abc	1,18	29,1	5,00 a	0,00	0,0
8	3,75 abcd	1,06	28,4	4,88 a	0,50	10,3
9	4,25 abc	1,13	26,5	4,94 a	0,25	5,1
10	3,50 abcd	1,26	36,1	4,50 a	1,37	30,4
11	4,06 abc	1,12	27,7	4,75 a	1,00	21,1
12	3,38 bcd	1,02	30,4	4,94 a	0,25	5,1
13	3,88 abcd	1,15	29,6	4,69 a	0,87	18,6
14	2,63 d	1,02	39,0	5,00 a	0,00	0,0
15	4,50 abc	0,73	16,2	4,75 a	0,45	9,4
16	3,13 cd	1,09	34,81	4,56 a	1,09	23,97
17	3,94 abcd	1,34	34,03	4,75 a	0,68	14,38
18	4,50 abc	1,10	24,34	5,00 a	0,00	0,00
19	4,38 abc	1,15	26,23	4,81 a	0,40	8,38
20	4,88 a	0,34	7,01	5,00 a	0,00	0,00
MDS	1,41			0,89		
MG	3,98			4,83		
CV (%)	28,09			14,57		

Legenda: MDS (Mínima Diferença Significativa); MG (Média Geral); DP (Desvio Padrão); CV% (Coeficiente de Variação em %); Letras diferentes por teste indicam diferença significativa para o teste de Tukey ($p \leq 0,05$) avaliando por coluna.

Fonte: Nascimento (2016).

A tabela 5 nos mostra que o $T_{inicial}$ obteve um coeficiente de variação de **28,09%**, e no T_{final} **14,53%** uma redução de aproximadamente **52%**. Embora expressivo o coeficiente de variação do $T_{inicial}$, consideramos o resultado dentro da expectativa, uma vez que o teste foi aplicado antes da Oficina Pedagógica, o que tecnicamente significaria que o conhecimento dos participantes em relação ao conteúdo das afirmativas deveria ser mínimo. Ao avaliar o T_{final} , o coeficiente de variação demonstrou uma diferença expressiva, pois com **14,57%** conseguiram, a partir do processo de aprendizagem, reduzir em **48,13%** o coeficiente de variação das respostas para as 20 afirmativas.

No $T_{inicial}$ entre as respostas dos sujeitos existiu uma diferença significativa ($p \leq 0,05$), surgindo dois grupos com médias distintas entre “a” e “d”, considerando a margem de 95% de certeza para o teste Tukey. No T_{final} visualizamos apenas um grupo o “a”, o que segundo o teste Tukey não houve diferença significativa no nível de concordância dos sujeitos para o referido teste, levando-se em conta todas as questões aplicadas.

Ao trazer para o campo da discussão as afirmativas que no T_{final} permaneceram críticas devido o valor do coeficiente de variação atribuído às mesmas, podemos analisar de duas

maneiras, a primeira de que existe por parte dos participantes uma forte resistência intrínseca, baseada no processo histórico e cultural, ocasionando uma resistência para aceitarem as mudanças de cenário em relação às temáticas abordadas. A segunda é que, por serem novas as informações e que ainda precisam de tempo para serem melhor compreendidas, principalmente do ponto de vista do subjetivo do participante. Mesmos assim, temos um avanço nas médias por afirmativa, conforme mostra a figura 29.

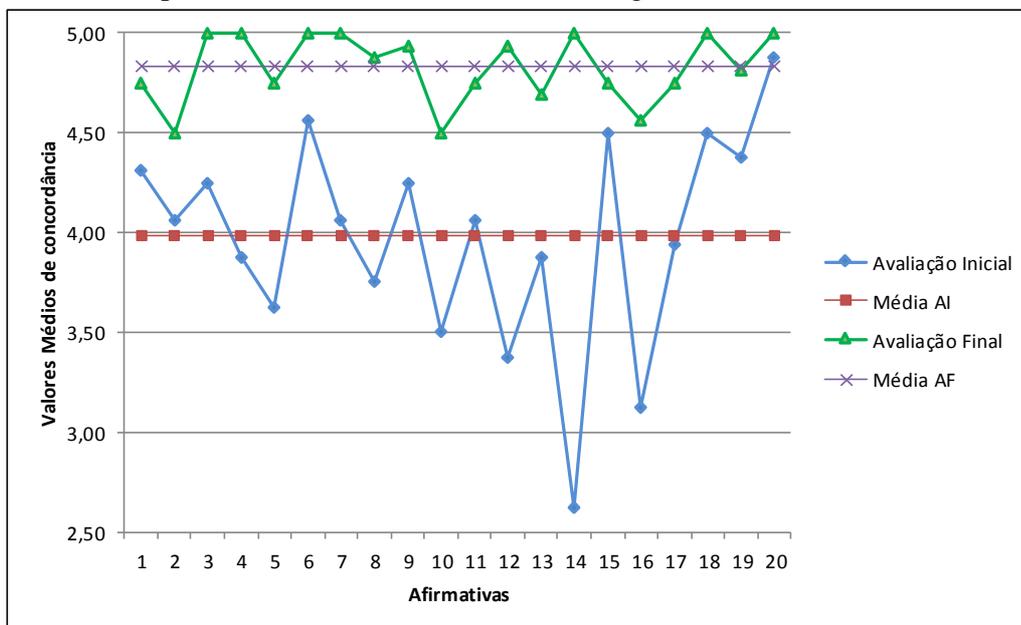


Figura 29: Valores médios atribuídos a cada afirmativa nas avaliações.

Legenda: Avaliação Inicial (T_{inicial}); Avaliação Final (T_{final}).

Fonte: Nascimento (2016).

Conforme França Junior (2008, p. 58) aponta, os sujeitos que já tinham conhecimento prévio durante o processo de aprendizagem, tiveram melhor rendimento em relação aos demais.

Tomamos como exemplo a afirmativa dois (*Os Sateré-Mawé foram os primeiros a produzir o guaraná*), pois embora a maioria dos sujeitos sejam próprios de Maués, existe uma dificuldade em encontrar registros locais que fundamentem a afirmativa, como também, há uma má interpretação em relação trabalho desenvolvido pelo indígena em especial aos *Sateré-Mawé*, pois muitos consideram os mesmos sem condições de terem introduzido a cultura da produção do guaraná no município.

A afirmativa cinco (*O guaraná clonado é produzido diferente que o orgânico*) mesmo tendo um aumento superior a 1,0 em sua média no T_{final} continuou como crítica. Pois parte dos sujeitos não conseguiram identificar o guaraná sendo produzido em Maués de maneiras diferentes para o guaraná nativo e guaraná clonado. Mesmo os sujeitos em sua totalidade tenham reconhecido que em Maués é produzido o guaraná nativo e guaraná clonado, conforme afirmativa quatro.

A afirmativa dez (*Cooperativa é um modelo de estrutura organizacional de sociedades democráticas, regidas por princípios de igualdade no que se refere à propriedade, gestão e repartição de recursos, constituídas para atingir objetivos econômicos*) é outro exemplo que mesmo avançando 1,0 em sua média do T_{inicial} para o T_{final}, a mesma permaneceu com um coeficiente de variação de 30,4%. Podemos considerar que o conhecimento que os participantes possuíam sobre instituições sociais, dificultou o grupo a absorver o conceito universal dos empreendimentos sociais como a cooperativa, parte disto devido ao próprio

processo histórico da cidade e experiência dos participantes em relação ao conteúdo apresentado, assimilação, interpretação de texto, etc.

Essa dificuldade em entender o processo de funcionamento de empreendimentos sociais por parte dos sujeitos pode ser identificada também na afirmativa onze, onde os sujeitos não conseguiram diferenciar as associações das cooperativas, muito embora tenhamos dedicado um espaço dentro da oficina pedagógica para as temáticas, o que de acordo com as respostas dos sujeitos confeririam na afirmativa a média de **4,75** no T_{final} e um coeficiente de variação de **21,1%**.

A afirmativa dezesseis (*Um Produto Ecologicamente Correto deve ter uma agressão mínima ao meio ambiente*), também levou os sujeitos a discordarem, pois muitos consideram que, para que exista um produto ecologicamente correto, que possa ser entendido como sustentável é necessário que não exista dano ao meio ambiente. Essa dificuldade pode ser melhor entendida pela própria proximidade dos conceitos de conservar e preservar. Embora o primeiro termo considere o uso de recursos naturais de forma sustentável e segundo considera a natureza de forma intocável. O que atribui a afirmativa segunda menor média no T_{final} **4,56** com um coeficiente de variação de **23,97%**, mesmo tendo avançado **45,69%** na sua média em relação ao T_{inicial} .

Com isso, destacamos a importância da Oficina Pedagógica como um valioso instrumento no processo de ensino e aprendizagem, considerando a partir dos resultados, os avanços obtidos pelos alunos através dos testes aplicados durante o processo pedagógico. Consideramos ainda que o sucesso da atividade tenha relação significativa com processo de conhecer a história, a cultura e as potencialidades econômicas do município de Maués, sendo fundamental reconhecer o papel dos *Sateré-Mawé* frente a produção e comercialização dos produtos oriundos da TI Andirá-Marau, dos quais, destacamos o fruto do guaraná.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir do trabalho desenvolvido em conjunto com a turma através da oficina pedagógica, pudemos observar pontos que merecem destaque: a) foi notório a necessidade de inserir na matriz curricular do curso disciplinas como empreendedorismo e economia sustentável, mesmo trabalhando com uma turma finalista do curso técnico em administração; b) trabalhar o uso da oficina pedagógica mostrou-se um poderoso instrumento no processo de ensino e aprendizagem, conforme visualizado nos resultados dos testes; c) é necessário criar mecanismos que busquem despertar no aluno ou até mesmo na comunidade mauense a vontade de empreender e, d) para que o IFAM/CMA em conjunto com seu corpo técnico formado por técnicos administrativos em educação e docentes consigam ajudar a desenvolver a região, precisamos reconhecer as potencialidades econômicas, respeitando principalmente a cultura local e a vocação para a produção do fruto do guaraná, podendo este, ser a Identidade Produtiva do município.

Para que tivéssemos melhor rendimento das propostas empreendedoras foi necessário trabalhar de forma interdisciplinar as disciplinas: Administração da Produção, Administração de Marketing, Administração Financeira e Logística Empresarial. Como também foi necessário trabalhar de forma transversal temas como: Empreendedorismo, Cooperativismo e Associativismo, Gestão Ambiental e Economia Sustentável.

Podemos considerar ainda, o esforço dos grupos de trabalho em buscar informações para construir seus projetos de empreendedorismo, saindo do meio acadêmico e buscando fora da escola, pessoas empreendedoras que realizam trabalhos, sem ter um dia estudado para o ofício que sustenta suas famílias. Valorizando desta forma, a cultura da região e também a expertise dos empreendedores locais, detentores do conhecimento empírico e prático ajustados aos valores históricos e culturais de Maués.

Embora tenhamos avançado de acordo com análises realizadas, temos a certeza do desafio que enfrentaremos para atingir o objetivo principal do IFAM/CMA em ajudar a região a desenvolver e alcançar sua autonomia econômica respeitando o meio ambiente.

Desta forma, consideramos que este trabalho contribuiu tanto para os discentes, quanto para os docentes envolvidos, que a cada dia com a ajuda dos participantes conseguiu conhecer mais da cidade de Maués, da sua cultura e de suas potencialidades a partir da experiência dos indígenas *Sateré-Mawé*, através do trabalho de produção e comercialização do guaraná, bem como, ver que, ainda temos muito a contribuir como instituto federal de educação, com a comunidade mauense na qual hoje estamos inseridos.

4 REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. **Educação e economia popular solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado.** – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010. 199p.

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 191p.

ALVAREZ, Gabriel O. **Satereria** – Tradição e política - Sateré-Mawé. / Gabriel O. Alvarez. Manaus: Editora Valer /Capes / Prodoc, 2009. 212p.

ALVES, M. B. M.; MENDES, L. L.. **Mecanismo Online para Referências - MORE.** 2005. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

ATROCH, André L. et al. **Domesticação e Melhoramento Genético do Guaranazeiro.** TESE (Doutorado). 72p. Manaus: UFAM, 2009.

BASTOS, Adriana Teixeira; FURTADO, Cora Franklina do Carmo. **CASO DE ENSINO: Guaraná Orgânico: Ecodesenvolvimento e Comércio Justo.** In: IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. 2013, Brasília: ANPAD, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ241.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2015.

BATISTA, Eudes Lopes; BATISTA, Edvaldo Ferreira; GARCIA, Sergio Batista. **O Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé:** depoimento [jan. 2015]. Entrevistador: Cristiano Nascimento. Parintins: 2015. Gravador de áudio digital. Entrevista concedida a Cristiano Gomes do Nascimento.

BRASIL. Agencia Brasil. JusBrasil. **Amazonas quer alavancar produção de guaraná no leste do estado.** 2009. Disponível em: <<http://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/849578/amazonas-quer-alavancar-producao-de-guarana-no-leste-do-estado>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

BRASIL. **Decreto nº 93.069 de 06 de Agosto de 1986.** I Homologa a demarcação da área indígena que menciona nos Estados do Amazonas e Pará. Brasília, 1986 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/1985-1987/D93069.htm>. Acesso em: 05 de maio 2104.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm > Acesso em: 20 de jul. 2015.

_____. **Lei nº 11.982 de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 05 de maio 2104.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. **Indicação Geográfica - IG**. 2016. INPI, 2016 (Adaptado pela CIG/MAPA). Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/indicacao-geografica>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **Porta nº 686 de 27 de Maio de 2010**. Autoriza o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas a promover o funcionamento do Campus de Maués - AM. Brasília, 2010 Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=28/05/2010&jornal=1&pagina=95&totalArquivos=240>>. Acesso em: 05 de maio 2104.

_____. **Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de setembro de 2012, Seção 1, p.22. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 de maio 2104.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional Tecnológica. **CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC n.º 001/2007: CHAMADA PÚBLICA DE PROPOSTAS PARA APOIO AO PLANO DE EXPANSÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA – FASE II**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/edital_chamadapublica_fase2.pdf>. Acesso em: 05 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Expansão da Rede Federal**. 2016. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Protocolo de produção do "Pão de Waraná Sateré-Mawé" Denominação de Origem Protegida**. Disponível em: <<http://slowfoodbrasil.com/documentos/guarana-satere-mawe-protocolo-de-producao.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BRASIL. Sebrae Nacional. Serviço Brasileiro de Apoio As Micro e Pequenas Empresas. **O que é Fair Trade: (Comércio Justo)**. 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-fair-trade-comercio-justo,82d8d1eb00ad2410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

BRASIL. Secretaria do Comércio Exterior – SECEX. **O SISCOMEX**. 2016. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/siscomex/siscomex.html>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BRASIL. Territórios da Cidadania. **Baixo Amazonas –AM**. Disponível em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/baixoamazonasam/one-community?page_num=0>. Acessado em: 08 set. 2014

BRASIL. Valdeneide de Melo Parente. Superintendência da Zona Franca de Manaus - Suframa (Org.). **POTENCIALIDADES REGIONAIS: ESTUDO DE VIABILIDADE ECONÔMICA - GUARANÁ**. 2003. Vol. 6. Instituto Superior de Administração e Economia ISAE/Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em:

<http://www.suframa.gov.br/publicacoes/proj_pot_regionais/sumario/guarana.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é** / Leonardo Boff. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 200p.

CARVALHO, Andre; MARTINS, Sebastião. **CAPITALISMO**. 6. ed. Belo Horizonte: LÊ, 1987. 69 p.

CATANI, Afrânio M. **O que é Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, C.. **Desenvolvimento e Natureza. Estudos para uma sociedade sustentável**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CERVO, Amado L., BERVIAN, Pedro A., SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. – 6 ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações** / Idalberto Chiavenato – 7 ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 – 14ª reimpressão

COMPANHIA de Bebidas das Américas – AMBEV. **Relatório Anual 2005**. <http://ri.ambev.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&tipo=43232&conta=28#>. Acessado em: 10 de agosto de 2014.

COMPANHIA Nacional de Abastecimento – CONAB (Brasil). **Guaraná em Grãos**: Período: 01 a 31/01/2013. 2013. Marden Teixeira - Técnico de Planejamento - Analista de Mercado. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/13_05_27_17_34_44_guaranagraosm aio2013.pdf>. Acesso em: 25 maio 2014.

_____. **Guaraná**: Período: 01 a 31/01/2016. 2016. Marden Teixeira - Técnico de Planejamento - Analista de Mercado. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_02_10_16_32_06_guaranajaneiro 2016.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

CONSELHO Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica – CNE/CEB. **Resolução nº 6 de 20 de setembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, 2012 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 de maio 2104.

COUTINHO, C. P.. **Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2013. 228 p.

_____. **Estudo de Caso** (2014). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lisboa. Disponível em: <http://www.fcsh-elearning.edu.pt/acient/mod/resource/view.php?id=76233> acessado em 20.03.2014.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. – 3.ed. ver. e ampl. – 13. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

DOURADO JUNIOR, Octavio C. **Águas na Amazônia: gestão de recursos hídricos nos países da Bacia Amazônica**. / Octavio Cascaes Dourado Junior./ Curitiba: Juruá, 2014. 228p.

EXCEL: **Microsoft Office 365 Home**. Versão 2016. ©2016 Microsoft. Disponível em: <<https://products.office.com/pt-br/try>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

FAZENDA, Ivani. et al. **Metodologia da pesquisa educacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 11 v. 174 p.

FRANÇA JUNIOR, Aldacino. **Influência do fracionamento no destilado para a otimização da produção da cachaça de alambique: uma prática pedagógica no processo produtivo**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) 109 p. Seropédica: UFRRJ, 2008. Disponível em: <<http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgea/files/2015/07/Adalcino-Fran%C3%A7a-J%C3%BAnior.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

FREITAS, Marcílio de. **Amazônia e desenvolvimento sustentável: um diálogo que todos brasileiros deveriam conhecer** / Marcílio de Freitas (com a colaboração de Walter Esteves de Castro Júnior). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FONSECA, Ozorio J. M. **Pensando a Amazônia**. /Ozorio J. M. Fonseca. – Manaus: Editora Valer, 2011.

GARCIA, T.B.; NASCIMENTO FILHO, F. J. do. SILVA, S.E.L. **Propagação vegetativa do guaranazeiro (*Paullinia cupana var sorbilis*)**. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 1999. 20p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed., 13.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GÓMEZ, Gregório R. et al. **Metodologia de la investigacion cualitativa**. ed. Malaga: ALJIBE, 1996. 380 p.

GONÇALVES, Regina Célia; PEREIRA, Jonathan de França. **OS ‘BRASIS’ E O JESUÍTA: OS POVOS INDÍGENAS NOS ESCRITOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1652-1651)**. Revista Brasileira de História das Religiões, [s. L.], v. IV, n.12, p. 24-55, janeiro/abril. 2012. Quadrimestral. ISSN 1983-2850. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf11/02.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

GRUBER, Ademar X. **Guerra da Cabanagem: heróis esquecidos**. /Ademar Xico Gruber: Manacapuru, 2008. 135 p.

GRUBER, Ademar X. *et al.* **A história de Maués**. /Ademar Xico Gruber: Maués, 2010. 163 p.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010: Características Gerais dos Indígenas – resultados do universo**. 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2016.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2013:** Maués. 2013. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=130290&idtema=152&search=amazonas|maues|produto-interno-bruto-dos-municipios-2013>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indígenas. **Indígenas: Mapas Indígenas.** 2010. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2.html>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

INSTITUTO Federal de Educação Ciência, Tecnologia do Amazonas - IFAM. **Portaria nº 147, de 24 de fevereiro de 2009.** Nomeia a professora Leonor Ferreira Neto Toro, lotada no IFAM Campus São Gabriel da Cachoeira, para atuar como Diretora de expansão do campus Maués, com a responsabilidade de elaborar os projetos para a implantação do campus no município de Maués. Manaus, AM: IFAM, 24 fev. 2009.

_____. **Portaria nº 77, de 24 de fevereiro de 2010.** Nomeia a professora Leonor Ferreira Neto Toro, para atuar como Diretora Geral do Campus Maués. Manaus, AM: IFAM, 24 fev. 2010.

INSTITUTO Federal de Educação Ciência, Tecnologia do Amazonas campus Maués – IFAM/CMA. **Plano de Curso Técnico em Administração de nível médio em Administração na Forma Integrado.** Maués, AM: IFAM, 2013a.

_____. **PLANO DE CURSO:** Técnico de nível Médio em Administração na Forma Integrado. Maués: IFAM, 2013b. 161 p.

_____. **PLANO DE CURSO:** Técnico de nível Médio em Administração na Forma Subsequente. Maués: IFAM, 2013c. 83 p.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2014 – 2018.** 2014. Disponível em: <<http://200.129.168.182:4030/attachments/download/6620/PDI%20Campus%20Mau%C3%A9s.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

INSTITUTO Socioambiental (ISA) | Povos Indígenas no Brasil. **Povos Indígenas no Brasil: Sateré-Mawé.** Sonia Lorenz. 2015. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/satere-mawe/962>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

LORENZ, Sonia da S. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná.** – São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992. – (Projetos 1).

LUZ, Cátia. **A CIDADE DO GUARANÁ: Perdida na Amazônia, Maués deu origem ao refrigerante e vive hoje graça ao grão.** Brasil: Revista Epoca, v. 272, 04 ago. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT578292-1662-1,00.html>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/agosto. 2004. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/2SF/Metodologia_Qualitativa_de_Pesquisa.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.

MELLO, Maria Stela Vasconcelos Nunes de. **De escolas de aprendizes e artífices a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: cem anos de história.** – Manaus: Editora, 2009.

MORAES, M. de L. L. de *et al.* **Separação e análise de metilxantinas em extratos de guaraná e erva mate por eletroforese capilar.** R. Analytica: A revista da instrumentação e controle de qualidade, São Paulo, n. 5, p.44-50, 2003. Junho/julho 2003. Disponível em: <http://www.revistaanalytica.com.br/ed_anteriores/05/5ArtGuarana.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2014.

NASCIMENTO, Antonio de Souza. **ETNODESENVOLVIMENTO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A SITUAÇÃO DAS FAMÍLIAS QUE VIVEM NO EXTREMO BAIXO RIO BRANCO/RR.** Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras: as fronteiras da interdisciplinaridade e a interdisciplinaridade das fronteiras (1.: 2012: Boa Vista, RR) Anais. - Boa Vista: EDUFRR, 2012 87p.

PLÁCIDO JUNIOR, Cristovão G. **Avaliação de guaranazeiro cultivado em diferentes estandes de plantas nos primeiros anos de produção.** Tese (Doutorado em Agronomia Tropical). 79p. Manaus: UFAM, 2012.

PRISM 6: **GraphPad Software.** Versão 6. 2012. ©2016 GraphPad Software, Inc. All rights reserved. Disponível em: <<http://www.graphpad.com/>>. Acesso em: 15 dez. 2015

RIBEIRO, Maria de Jesus Pacheco. **DICIONÁRIO SATERÉ-MAWÉ/PORTUGUÊS.** 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade Federal de Rondônia - Unir, Guajará-mirim - RO, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp155981.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1964. **Classificação do tronco lingüístico Tupí.** Revista de Antropologia, Vol. 12, No. 1/2, p. 99-104. Tradução de Arnaldo Hauptmann e Thekla Hartlmann. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/110739/109165>>. Acesso em 01 jan. 2016.

____. **Panorama das línguas indígenas da Amazônia.** In: As línguas amazônicas hoje. Queixolás e Renault Lescure (Org). São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Problemática, Tendências e Desafios.** 3. ed. Reimpressão. /José Manuel Mateo Rodriguez e Edson Vicente da Silva. – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. 244.

ROME. Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO. . **The state of Food and Agriculture.** 2007. ISBN 978-92-5-105750-6. Disponível em: <<ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/010/a1200e/a1200e00.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

SERRANO, Gloria P.. *Investigación cualitativa: Retos e interrogantes. Métodos (Tomo I).* 1. ed. Madri: La Muralla, 1994. 230p.

SILVA, Luis Rodrigues da. **Promoção do desenvolvimento rural através da agregação de valor na produção de banana, uma atividade de ensino e de extensão na EAF-Iguatu-**

Ceará. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). 62 p. Seropédica: UFRRJ, 2009. Disponível em: <<http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgea/files/2015/07/Luis-Rodrigues-da-Silva.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

SILVA Junior, Severino Domingos da. COSTA, Franciso Jose. **Mensuração e Escalas de Verificação:** uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, Brasil, V. 15, p. 1-16, outubro, 2014 disponível em <<http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Volumes/15/1_Mensura%C3%A7%C3%A3o%20e%20Escalas%20de%20Verifica%C3%A7%C3%A3o%20uma%20An%C3%A1lise%20Comparativa%20das%20Escalas%20de%20Likert%20e%20Phrase%20Completion.pdf>> acessado em 26 de fev. 2016.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula** – Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobre-natural. / Anervina Souza. 2ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2011.

SUPERINTENDÊNCIA da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA. **POTENCIALIDADES REGIONAIS:** Estudo de Viabilidade Econômica – GUARANÁ – Sumário Executivo. 2003. Coordenação: Valdenei de Melo Parente /Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE) /Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <http://www.suframa.gov.br/publicacoes/proj_pot_regionais/sumario/guarana.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

PACHECO, Eliezer. **INSTITUTOS FEDERAIS: UMA REVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA** / Eliezer Pacheco – Brasília: Editora Moderna 2011. Organizado por Eliezer Pacheco. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7A83CB34572A4A01345BC3D5404120>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

PEREIRA, Jakeline; VERÍSSIMO, Tatiana Corrêa. **A floresta habitada:** história da ocupação humana na Amazônia. / Tatiana Corrêa Veríssimo, Jakeline Pereira. Belém, PA: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), 2014. 128p.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de História do Amazonas** / Raimundo Pereira Pontes Filho – Manaus: Editora Valer, 2000. 240p.

TAVARES, Adauto Maurício et al. **Cultura do Guaranazeiro no a Amazonas.** Sistemas de Produção 2. Embrapa Amazônia Ocidental. 4. ed. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2005. 40 p. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Sistema_Prod_Guarana_000fljogmyk02wyiv80lxc0a9ti24cxi.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

TEIXEIRA, Pery (Org.). **SATERÉ-MAWÉ: RETRATO DE UM POVO INDÍGENA.** 2005. Organização e Coordenação Geral - Pery Teixeira. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/satere_mawe.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2014.

TFOUNI, S. A. V. et al. **Contribuição do guaraná em pó (*Paullinia cupana*) como fonte de cafeína na dieta.** Rev. Nutr. 2007, vol.20,n.1, pp. 63-68. ISSN 1415-5273. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732007000100007>. Acesso em: 25mar. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a perspectiva qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 20 reimp. 176 p.

UGGÉ, Henrique. **As Bonitas Histórias Sateré-Maué**. S/D.

VERDUM, Ricardo. **ETNODESENVOLVIMENTO: NOVA / VELHA UTOPIA DO INDIGENISMO**. Tese (Doutorado sobre as Américas). 199p. Brasília: UNB 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2154/1/2006_Ricardo%20Verdum.pdf> Acesso em: 10 jun. 2016.

5 ANEXOS

Anexo 1 – Lei Municipal 178/2009 – Tombamento Lenda do Guaraná



PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÉS
PODER EXECUTIVO

PLENÁRIO DA CÂMARA
Lido em: 17/11/09
Sessão (01)

LEI MUNICIPAL Nº 178, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2009.

**TOMBA A LENDA DO GUARANÁ NAS
VERSÕES CEREÇAPORANGA E CURUMIM
COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
ARTÍSTICO, CULTURAL E IMATERIAL DO
MUNICÍPIO DE MAUÉS, E DÁ
PROVIDÊNCIAS.**

**O PREFEITO MUNICIPAL DE MAUÉS, no uso das atribuições que lhe
são conferidas pela Lei Orgânica do Município, etc.**

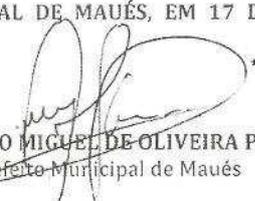
**FAZ SABER a todos que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a
seguinte:**

LEI:

Art. 1º – Fica tombado como Patrimônio Histórico artístico, Cultural e Imaterial do Município de Maués, a LENDA DO GUARANÁ NAS VERSÕES: CEREÇAPORANGA E CURUMIM.

Art. 2º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÉS, EM 17 DE NOVEMBRO DE
2009.**


ODIVALDO MIGUEL DE OLIVEIRA PAIVA
Prefeito Municipal de Maués

**PUBLICADO A PRESENTE LEI POR AFIXAÇÃO EM LOCAL PRÓPRIO E
DE ACESSO PÚBLICO, NA SEDE DA PREFEITURA MUNICIPAL, em conformidade com o
disposto no § 1º do artigo 91 da Lei Orgânica do Município de Maués, em 17 de
Novembro de 2009.**


JACKSON MONTEIRO MARTINS
Sec. Mun. de Adm. e Planejamento

Anexo 2 - Termo de Concessão e Autorização de Pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS - *CAMPUS MAUÉS*

TERMO DE CONCESSÃO E AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, **Leonor Ferreira Neta Toro**, Diretora Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus Maués*, CPF Nº 050.033.692-04, RG. Nº 0456977-6 – SESEG-AM, autorizo o mestrando Cristiano Gomes do Nascimento, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) a realizar a pesquisa: **“O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um estudo de caso a partir dos produtores da região do Rio Marau no Município de Maués” – IFAM/CMA do programa de Mestrado em Educação Agrícola**. A pesquisa será realizada na turma (2015-2) do Curso Técnico em Administração na forma Subsequente. Declaro que a comunidade escolar tomará conhecimento da pesquisa e da preservação da sua identidade em todos os trabalhos acadêmicos, e estará à disposição para atender o aluno mestrando. Declaro, ainda que fica autorizado o direito de imagens deste *Campus*, para fins de realização da pesquisa e de eventos correlacionados a educação, congresso, seminários etc.

Maués-AM, 30 de setembro de 2015.

Leonor Ferreira Neta Toro
Diretora Geral *Campus Maués*
Port. Nº 77 – GR/IFAM/2010

Anexo 3 – Frequência Aceite Participação Oficina

Frequência Oficina

1. Givaldo Lira Guimarães
2. Alessandro Lima Coimbra
3. Guimery Limalley Pádua Senra
4. Jaqueline da Silva Almeida
5. Rejane Alves Pinto
6. Staci Lindine Guimarães Senra
7. Victor Karanqueira Pinto
8. Tracy Brazil
9. Adel Mauro Cecília de Souza
10. Leonardo Jesus do Nascimento
11. Maria Helena Marques
12. Karoline Rodrigues de Souza
13. Conida Senra Sobato
14. Frank dos Santos Brazil
15. Juciane Rodrigues de Freitas
16. Dorena Meneltona Senra
17. Willian Pereira Vidinha
18. Silviane Souza Medeiros
19. Danyerson Coimbra Soares
20. Francisco Marcelo Soares de Oliveira
21. Ednelson do Afonso Reis
22. Yarces Montano dos Santos
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____

Anexo 4 – Plano de Trabalho Oficina

PLANO DE ATIVIDADES DA OFICINA SOBRE O GUARANÁ DE MAUÉS

IDENTIFICAÇÃO	
Nome: CRISTIANO GOMES DO NASCIMENTO	Curso: Técnico em Administração
Disciplina/ Módulo: Oficina “Você conhece o produto guaraná de Maués?”	Período: 2016/1
Escola: IFAM Campus Maués	C.H: 20horas/aula Curso: Oficina
TEMA A SER TRABALHADO	
O guaraná de Maués	
1) OBJETIVOS GERAL:	
<ul style="list-style-type: none">• Demonstrar a relação entre Economia Sustentável e Responsabilidade Social na formação do Técnico em Administração com base no mercado de produtos agrícolas a partir da produção e comércio do guaraná em Maués.	
2) OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	
<ul style="list-style-type: none">• Apresentar os conceitos sobre o guaraná (descrição botânica, diferenças entre orgânico e clonado, beneficiamento do guaraná), o comércio do guaraná em Maués, Economia Sustentável a partir do trabalho do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé e a relação histórica da tribo Sateré-Mawé com a produção do guaraná;• Explorar a potencialidade de mercado do guaraná em Maués e sua relação o desenvolvimento regional de forma sustentável;• Aplicar testes de concordância de acordo com a Escala de Likert para medir os níveis de desempenho da oficina no processo educativo do aluno.	
METODOLOGIA	
<p>O projeto acontecerá em forma de oficina, cada temática será explorada em conjunto com os alunos.</p> <p>O conteúdo oferecido será dividido em temas, ministrados diariamente por 4 dias presenças com carga horária de 16 horas/aula e 4 horas com atividades dirigidas para atividades extraclasse.</p> <p>As atividades serão sobre os temas de: história do cultivo, produção e beneficiamento do guaraná, desenvolvimento sustentável e economia solidária.</p> <p>Para melhor entendimento serão utilizados vídeos institucionais do CPSM para compreensão do trabalho, dos produtos e visão mercados, matérias de jornais e</p>	

documentos oficiais que ajudem no entendimento de conceitos como economia sustentável e responsabilidade social.

Serão realizados testes de concordância de acordo com a Escala de Likert com 5 grupos com valores específicos, onde Concordo (5 pontos), Concordo em parte (4 pontos), Não concordo/Nem Discordo (3 pontos), Discordo em Parte (2 pontos) e Discordo (ponto).

Serão Aplicados no mínimo 2 testes. O primeiro no início e o ultimo no final da oficina.

Para complementar a formação, serão desenvolvidas pelos participantes/alunos atividades dirigidas baseadas na experiência e formação dos mesmos. Contribuindo com isto, na formação geral do grupo e acúmulo de conhecimentos para todos.

A oficina acontecerá na estrutura física do IFAM Campus Maués, com data e horário definidos pelo grupo. E para melhor entendimento dos Arranjos Produtivos Locais (APL), dentro da possibilidade serão desenvolvidas visitas técnicas a estabelecimentos de produção e pesquisa dentro do município de Maués.

RECURSOS INSTRUCIONAIS

Projetor Multimídia (datashow), microcomputador com pacote Office (editor de texto, editor de planilha eletrônica, editor de apresentação eletrônica), TV, aparelho de DVD e maquina fotográfica (para registro da oficina).

AVALIAÇÃO

Questionário 1 – a ser aplicado no início da oficina;
Questionário 2 – a ser aplicado no término da oficina;
Observação1: será aplicado o mesmo questionário para mensurar o nível de concordância dos participantes ao longo da oficina.
Observação2: havendo necessidade poderá ser aplicado um questionário durante a oficina resultando um total de 3 aplicações.

REFERENCIAS

ADANS, Telmo. **Educação e economia popular solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado.** – Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010.
AMARAL FILHO, J. **A endogeneização no desenvolvimento econômico regional.** In: Encontro Nacional de Economia, XXVII. Anais... Belém: Anpec, 1999.
_____. **A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local.** In: IEPA Belém: Anpec, 1999. Disponível em <
<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/78/89> >>acessado em 26/02/2015.
FREITAS, Marcilio de. **Amazonia e desenvolvimento sustentável: um diálogo que todos os brasileiros deveriam conhecer /** Marcílio de Freitas (com a colaboração de Walter Esteves de Castro Júnior). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
PINHEIRO, Wallace Meirelles. **Políticas Públicas e Sustentabilidade na Amazônia. /** Wallace Meirelles. – Manaus: Editora Valer, 2012.

Anexo 5 – Questionário Oficina



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

MESTRANDO: CRISTIANO GOMES DO NASCIMENTO

Este questionário fará parte do trabalho de pesquisa desenvolvido como parte do projeto de pesquisa intitulado “O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé da Região do Rio Marau no Município de Maués - uma contribuição para o ensino da Economia Sustentável”.

Suas respostas são muito importantes e os dados serão usados com a finalidade de identificar a percepção dos estudantes em relação a formação do Técnico em Administração preocupado com a responsabilidade social através da Economia Sustentável. Desde já agradecemos sua colaboração.

Nome: _____ Idade: _____ Turma: _____ Forma: _____

Sexo: _____ Naturalidade: _____

Bairro: _____

Parte I

	Questões	Concordo	Concordo em parte	Não concordo / nem discordo	Discordo em parte	Discordo
01	O guaraná é um produto de Maués.					
02	Os Sateré-Mawé foram os primeiros a produzir o guaraná.					
03	Maués já foi o maior produtor de guaraná do Brasil.					
04	Em Maués é produzido o guaraná orgânico e o clonado.					
05	O guaraná clonado é produzido diferente que o orgânico.					
06	O produto clonado não tem o mesmo preço que o nativo (orgânico) nos mercados nacional e internacional					
07	Os Sateré-Mawé produzem guaraná sem ação de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos.					
08	Os Sateré-Mawé vivem na Área Indígena Andirá/Marau.					
09	Os Sateré-Mawé são representados social e politicamente pelo Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé.					

10	Cooperativa é um modelo de estrutura organizacional de sociedades democráticas, regidas por princípios de igualdade no que se refere à propriedade, gestão e repartição de recursos, constituídas para atingir objetivos econômicos.					
11	Associações são diferentes de cooperativas.					
12	Associações são entidades sem fins lucrativos.					
13	Cooperativas são entidades com fins lucrativos.					
14	A associação responsável pela comercialização do que é produzido na área indígena Andirá/Marau é o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé.					
15	A sede do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé está em Parintins-AM.					
16	Um Produto Ecologicamente Correto deve ter uma agressão mínima ao meio ambiente.					
17	Desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem suas necessidades e aspirações.					
18	Após a 2ª Guerra Mundial, as indústrias que produziam produtos químicos para matar pessoas, para não perderem seus negócios, redirecionaram seus produtos químicos para a agricultura.					
19	O guaraná é comercializado em Maués nas formas de: rama, pó e xarope.					
20	Cada vez é mais necessária a busca por novos produtos e serviços que contribuam não somente para os negócios, mas também a construção de uma sociedade sustentável.					

Parte II

1. Você conhece o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé (CPSM)?

() SIM () NÃO

2. Você conhece a diferença entre guaraná orgânico e clonado?

() SIM () NÃO

3. Você conhece a planta do guaraná?

() SIM () NÃO

4. Você é filho/familiar de Sateré-Mawé?

() SIM () NÃO

Anexo 6 – Entrevistas

Gravação realizada na sede do Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé em Parintins, Amazonas no dia 27 de janeiro de 2015⁹⁴.

Como vem trabalhando o Consorcio de Produtores Sateré-Mawé?

Sergio Batista Garcia – Tesoureiro do CPSM e Coordenador dos Sistema de Controle Interno para as Certificações

Para que se possa utilizar esses recursos de forma responsável, pra que futuramente os mesmos produtos que hoje você trabalha, futuramente possa trabalhar também. Porque o consorcio, o consorcio de produtores ela visa a questão política e econômica do povo Sateré-Mawé, ela trabalha, por exemplo o consorcio de produtores ela trabalha com a economia do povo Sateré-Mawé, que vem trabalhando a questão da economia, da sustentabilidade pra autonomia do povo Sateré-Mawé. O CGTSM que é uma entidade representativa maior do povo Sateré-Mawé, ela trabalha a política dentro da Terra Indígena, de como o índio ter a sua renda e a sustentabilidade de uma forma justa pra a natureza, justa pro próximo, justa no momento em que ele trabalha aquele produto, ele ter um preço justo pra ele, porque hoje a gente vê que no mundo capitalista os trabalhadores do Setor Primário são menos valorizados do que dos setores mais para cá, vamos dizer assim. Então hoje, o capitalismo ela dita o preço, aquilo que ele quer pagar. E onde a gente tá, nós estamos num mercado chamado **Comércio Justo**⁹⁵, que lá é um mercado fechado onde tem mais de 100 mil associados, organizações do mundo todo, um desses associados somos nós, como CGTSM, como consórcio. Que trabalha na política voltado, justamente pra brigar contra o capitalismo, é por isso que chamam de comércio justo. É nessa linha de raciocínio que hoje a política do consorcio e do CGTSM tá indo, é como o Eudes (diretor administrativo do consorcio) falou ainda agora que cada um, nós temos a sua área de atuação (sobre a divisão do trabalho dentro do consorcio dentro da sede e as responsabilidades). Porque a política é bom, mas também, na gestão da administração nossa função ela é muito mais importante ainda porque muitas das vezes muitas organizações elas se quebram aí. Na verdade, tem que ser bom em quase tudo, na questão política dentro da área, na base, os produtores, os nossos parentes (termo utilizado para

⁹⁴ Entrevista concedida ao pesquisador com autorização para gravação e uso acadêmico.

⁹⁵ A International Federation of Alternative Trade (Federação Internacional de Comércio Alternativo) define o Comércio Justo (Fair Trade, em inglês) como uma parceria comercial, baseada em diálogo, transparência e respeito, que busca maior equidade no comércio internacional, contribuindo para o desenvolvimento sustentável por meio de melhores condições de troca e garantia dos direitos para produtores e trabalhadores à margem do mercado, principalmente no Hemisfério Sul. <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-fair-trade-comercio-justo,82d8d1eb00ad2410VgnVCM100000b272010aRCRD>

nomear outro sateré) tem que conhecer realmente o que é o consórcio, o que é o CGTSM, aonde que nós queremos chegar? Qual o nosso objetivo? Então isso, lá a gente tem que ser bom aqui, questão administrativa porque a burocracia ela é muito grande. E nós, não tem nem um sateré antigamente, antes era formado nessas áreas de empreendedorismo, vamos dizer assim, o Eudes na questão financeira, o Edivaldo na questão da exportação a nível internacional e eu, na questão da certificação orgânica dos produtos dos produtores. Então, ninguém era formado nessa área, e pra a gente chegar até hoje aqui foi um sacrifício, porque a organização nossa, é organização política, são indicações políticas como lideranças indígenas e não são técnicos em áreas que hoje a gente tá atuando aqui. Então, essa é a questão de nosso produto, do consorcio, do CGTSM, diga assim que ele trabalha a parte política, mas também trabalha a questão social do povo.

O nome do projeto é “Projeto Integrado de Etnodesenvolvimento do Povo Sateré-Mawé”. Um vai integrar o outro, educação, saúde, produção, questão social, tudo isso vai agregando um só. É nesse linha de raciocínio que hoje o projeto, hoje tá indo e que **não é simplesmente compra e venda de produtos**, entendeu? Porque a cultura do guaraná ela é muito rica em conhecimento, em educação.

O guaraná pra nós, ela é, significa o princípio do conhecimento, se é princípio como o papai sempre fala, então é *deus*, se é deus então e se deus fez tudo isso pra nós, pra nós sobreviver, pra nós caçar, pra nos pescar pra nos comer do bom e do melhor questão orgânica que Ele criou pra nós, então pra que hoje, é disso que o capitalismo se apossou e industrializou tudo e fez com que hoje se transformasse no mundo que a gente tá agora.

Hoje, em nome do desenvolvimento, capitalismo fácil, derrubada de madeira, faz hidrelétrica (sobre a construção da usina de belo monte, eu acho), faz não sei o quê, faz não sei o quê lá, aí hoje, nós tamo sofrendo as consequências. Então isso, na política do comercio justo já foi visto há 60 anos atrás. Começou essa política nos anos 60, 61, 62 se não me engano por 10 universitários, quando começaram a ver que o capitalismo estava levando o planeta para um lugar que não tem mais fim. Criaram essa política, **vamos comercializar entre nós, pequenos produtores orgânicos, mas que a gente possa pagar pelo produto, pelo trabalho um preço justo que não vem da degradação do meio ambiente, que não venha da exploração de mão-de-obra escrava**. Tudo isso vai agregando valor.

É mais nesse informe geral que a gente trabalha, no geral seria isso. Mas cada um faz o seu.

A questão administrativa é com o Eudes, então ele pode te dá uma aula sobre isso, como é que o consorcio funciona, questão administrativa e tudo. Ele (Edivaldo Lopes) pode falar também exportação e qual a documentação, burocracia que existe. Hoje por exemplo, qual a importância de cada mapa que nós temos para cada produtor, check list, folha de campo. São regras que hoje, para nós trabalharmos com orgânico, existe várias escadas de burocracia para a gente ter o **selo orgânico**, é muito difícil. Mês passado, esse mês, que o auditor estava por aqui, ele é lá de Costa Rica, ele veio aqui para inspecionar a questão da rastreabilidade dos produtos pra poder o consumidor e produtor eles tenha confiança de que aquele produto vai servir uma boa alimento pra ele. Aquela confiança de produtor e consumidor, entendeu? Que hoje o capitalismo não faz isso, a gente não sabe a procedência daqueles produtos que a gente compra no supermercado convencionais por aí a gente não sabe e na verdade nem mesmo o consumidor vai lá e ver daonde é que vem, não quer nem saber, quer saber olhar o preço do produto e vai colocando o que é mais barato. Isso acontece.

Então, é uma luta que gente vem enfrentando com relação a isso, e hoje o consorcio vem aí desde 2008, porque ela foi..., o CGTSM é uma associação dos tuxauas, aliás das comunidades. As comunidades são membro do CGTSM, onde a comunidade indica o seu tuxaua pra representar aquela comunidade dentro de uma assembleia que é o CGTSM, que é o Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé e dentro desse CGTSM, ela está dividido como se fosse uma prefeitura, em secretarias, e uma dessas secretaria hoje é o consorcio, que é a secretaria de produção, que é o 4º Secretário, que hoje é o Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé.

Tem outro setor, que hoje é o setor de educação indígena, que hoje ela está gerenciando a questão da Licenciatura Indígena aqui pela UFAM. Então pouco as secretarias estão começando a funcionar, de como realmente tem que funcionar. Nosso maior objetivo como CGTSM, como povo é que futuramente a gente possa ser sempre, como sempre o nosso velho aquele que criou o projeto (vinte quilos), entendeu a ideia do projeto juntamente com Maurizio Fraboni, que nós Sateré-Mawé sejamos, como é que eu posso dizer, ser auto gestores da nossa própria terra, dessa nossa área indígena, 788.528 hectares de terra, onde a gente possa produzir com responsabilidade. Porque antigamente o Brasil todo era nosso, nós podíamos ir para cá e ir para ali que ninguém mexia com nós.

Mas hoje a agente não pode mais fazer isso, a gente tá que nem aqueles porco enjaulados em uma cerca, já tem uma área demarcada no lugar que é patrimônio da União.

Então, dentro dessa área a gente não pode mais viver um ano aqui, depois vou pra cá, vou pra ali. Você já tem um lugar fixo.

Isso faz com que, obriga com que o Sateré-Mawé tenha outra política para se viver de novo, tem plantar, tem criar, tem fazer projeto, ele tem que ter uma visão diferente de 500 anos atrás de quando o Brasil estava sendo descoberto. Para isso a gente precisa se organizar.

Eudes Lopes Batista - Gerente Administrativo / Financeiro

Como funciona o setor de administração e finanças do CPSM?

Então, dentro desse contexto que ele já colocou um pouco, como o CGTSM é um empreendimento político do povo, que faz todo esse processo, como ele (Sergio) explicou da forma como se fosse uma prefeitura e aqui dentro das várias secretárias criadas pelo conselho, se criou a 4ª secretaria que é o consorcio que é a parte econômica do conselho.

E aqui o consorcio sobrevive, tem essa potencialidade através da produção que são comercializados.

Nos comercializamos vários produtos, inclusive o guaraná é o carro chefe de todo esse processo. Mas para isso, tem uma longa história muito atrás para poder se adequar ao nível que hoje o consorcio de faz, se trabalha com comercio no exterior. Primeiro, precisa ter uma certificação. Se uma associação quer vender para exterior, primeiro precisa ter o certificado. Não precisa eu dizer que meu guaraná é bom se meu produto é bom, se não tem um certificado que comprove que teu produto é de qualidade. Segundo ponto, você tem que está dentro das normas da legislação brasileira e até mesmo do exterior, porque você comercializa no mercado justo europeu.

Então é um processo que aprendemos com o decorrer do tempo. Tivemos que nos adequar de todas as formas para poder a gente entra nesse processo, porque você trabalhar com produtos da sociobiodiversidade, produtos orgânicos, você tem que comprovar que aquilo tem todo um código de rastreabilidade para poder você demonstrar que realmente um produto é bom, justo e limpo. Para pode você ter acesso lá fora e dizer que realmente teu produto é bom. Para isso tivemos que nos adequar a todas essas questões burocráticas e principalmente a documentação.

Primeiro que nos deparamos com o **SISCOMEX** que é um documento que dá direito para você exportar, **sem isso aí não vai nem um quilo de guaraná lá para fora**. Com muita luta o consórcio conseguiu e hoje nós temos o SISCOMEX que dá direito a você exportar. Com isso, se adequou toda essa estrutura e cada um foi formado dentro da sua especialidade para poder criar esse grupo de trabalho, para poder gerenciar esse monstro que sempre o Obadias⁹⁶ fala, porque a gente depender, apesar que somos indígenas, somente quem está aqui. Mas por trás de tudo isso aí tem pessoas que nos ajuda, principalmente os nossos assessores, para funcionar o processo de manipulação de alimentos tem que ter pessoas com

⁹⁶ Obadias Batista, ex presidente do consórcio. Uma das primeiras lideranças a acreditar no projeto waraná e representar os Sateré-Mawé na Europa.

curso de manipulação de alimentos, não podemos colocar qualquer tipo de pessoas que não tenha esse tipo de conhecimento. Eu posso até saber mexer lá, mas se eu não tenho o documento, o que comprova que você tem atestado de saúde você não pode mexer, porque o guaraná é um alimento complementar.

Então, tivemos que contratar uma responsável técnica para fazer o acompanhamento, todo esse processo e aí tem essa parte depois, da exportação (fazendo menção ao trabalho realizado pelo Edivaldo, gerente de exportação).

Nós trabalhamos já como consorcio, com três... com duas financiadoras que é a Guayapi Tropical na França⁹⁷ e a CTM na Itália (*CTM Altromercato*⁹⁸). São essas pessoas aí, empresas, pequenas empresas que compram nossos produtos.

Então, todo ano nós temos um contrato e aí nós atendemos, quando tem bastante produção nós atendemos. Mas não quando não tem, sempre as vezes, chegamos até próximo, mas nem sempre a gente consegue por que depende da safra. Ano passado (2014) tivemos um pedido alto, mas a safra foi baixa, então, não conseguimos alcançar o nosso pedido.

Então, é um processo longo que se vem construindo ao longo de vinte anos, vinte e dois anos, que hoje está nesse nível, nós somos bastante requisitados, aqui mesmo no município de Parintins para repasse desse trabalho que a gente vem fazendo como modelo, como indígena. Aqui na cidade de Parintins nem sempre as pessoas sabem que aqui funciona uma pequena indústria, apesar de ser pouco conhecido a nível da cidade, a nível de município e até mesmo a nível de estado, mas lá fora (outros estados e países que trabalham com mercado justo e ou mercados de economia verde) tem um conceito muito grande. Que quando se fala em guaraná eles se refere logo ao povo Sateré-Mawé.

Então, com tudo isso a gente vem, é claro que não é tudo um mar de rosas, depende de todas as ferramentas, tem que está funcionando, porque se engatar no processo, tudo para.

Então é preciso que a associação esteja sólida, esteja bastante comprometedor (comprometida) para poder não parar as coisas. Então, se um documento trava, já era!

Então, é preciso ter todo esse cuidado para que nós possamos sempre está nessa questão de trabalho sério. As documentações negativas, tem que está certa, a questão da União tem que está ok. Para poder o processo não parar, enfim, esses são mais ou menos os trabalhos que o consorcio vem construindo ao longo de quatro anos, porque tudo quem fazia esse processo era o CGTSM: compra do guaraná e dos outros produtos.

⁹⁷ <http://www.guayapi.com/>

⁹⁸ <http://www.altromercato.it/flex/FixedPages/Common/cat.php/L/IT/cat/cat-10010>

Depois que se criou o consorcio foi justamente para deixar o conselho na parte política e o consorcio para ser a secretaria econômica do conselho. E aí se adequou dentro das normalidades, justamente para ter essa potencialidade na questão econômica.

E hoje o consorcio acabou sendo referência nessa parte, muitas pessoas e até mesmo no banco quando a gente fala sobre o IBAN⁹⁹ quase eles não sabem o que é, porque geralmente poucos trabalham com esse processo internacional.

Então, dentro dessa realidade, o Edivaldo é outra pessoa que cuida da parte burocrática que é a questão da documentação da exportação.

Aqui é uma equipe que trabalha e um depende do outro. Então, tem que tá todas ferramentas funcionando para poder a gente caminhar sempre.

⁹⁹ Número Internacional de Conta Bancária

Edvaldo Ferreira Batista – Gerente de Vendas / Exportação

Como funciona o processo de exportação dos produtos comercializados pelo CPSM?

Passando para a questão da exportação, primeiro temos contato com nosso cliente como a Gayapi Tropical, que está na França e a CTM que é cliente nosso da Itália. Então, para ajudar essas duas empresas que compram nosso guaraná, fecha-se o contrato com essas duas empresas e com o CPSM, e assim posteriormente é enviado a primeira parte do recurso para questão da assinatura do contrato e outro repasse, depois que o produto chega na Europa junto ao cliente. Esses são os primeiros passos da questão da exportação. E depois em cima desses pedidos que é solicitado pela empresa, temos também a quantitativa de produtos, o que que vamos enviar?

Trabalhamos em cima da documentação, das notas fiscais para o despacho da SEFAZ-AM¹⁰⁰. A nossa Nota Fiscal tem validade daqui até um barco ou navio, posteriormente já não tem mais validade. Para o exterior já é uma nota fiscal internacional, que é chamada, Nota Fiscal *Invoice*, que é a nota fiscal internacional.

Então, esses tramites dessa documentação que a gente tem, a gente cuida da questão da exportação. Ainda tem uma outra comunicação com Banco Central que eu comunico ao Banco Central através da fatura pró-forma¹⁰¹, que é um documento, que é comunicação da empresa ao Banco Central dizendo: tal dia eu vou receber uma quantitativa de dinheiro da venda do guaraná pelo nosso cliente fulano de tal. Então eles já estão cientes que esse recurso vai entrar na conta do consórcio, só com essa fatura pró-forma, que é a comunicação da empresa com o Banco Central.

Então, para não ter problema, porque quando o dinheiro cair na conta e passa pelo Banco Central, então, o banco central tem que ciente que esse dinheiro vem da venda do guaraná. Então, através da fatura pró-forma, a gente tem as papel dos preços, dos valores que a gente comunica eles dos valores, um documento igualzinho esse daqui (mostra um que estava sendo enviado).

Esse aí a documentação que leva a comunicação da “organização¹⁰²” para o Banco Central, então você lista o nome dos produtos, quantidade e a quantidade de valor em euros.

¹⁰⁰ Secretaria Estadual da Fazenda

¹⁰¹ Também conhecida como Pró-foma Invoice. É uma espécie de fatura/cotação emitida pelo exportador ao comprador, antes da troca de produtos (bens ou serviços). O idioma do documento poder ser inglês no idioma do comprador.

¹⁰² No sentido de empresa, conjunto de pessoas envolvidas num propósito comum.

Então, posteriormente, uma outra empresa entra em ação, para que eles desbloqueiem esse dinheiro e transforme em real (R\$), aí depois cai na conta do consórcio.

Então, essas comunicações que é feito e também temos *Invoice* que é a documentação que é nota fiscal que acompanha o produto no navio, que quando chegar tem que fazer o desembaraço¹⁰³ de todos os produtos no exterior e temos a *pack list*¹⁰⁴ que é a lista de produtos que tou enviando. Digamos que, eu tou enviando trinta e cinco caixas de guaraná, de um a trinta e cinco é guaraná e de trinta e cinco pra lá (no sentido de maior valor) eu tou enviando copaíba, de quarenta a cinquenta é outro produto, mirantam. Eu listando o produto, então eu vou conferindo lá, na chegada, na alfândega lá da, do exterior.

Mas para fazer este trabalho, requer também o trabalho de muitas pessoas que temos a questão logística da C Pacific¹⁰⁵ também, que é uma empresa parceiro nosso, que faz também o desembaraço pra nós através da SEFAZ, pra fazer o despacho a documentação, eles que cuidam dessa parte de documentação e despacho da SEFAZ. Então, temos lá a procuração nosso que emitido pelo consórcio, pra que eles possam fazer esse trabalho pra gente e até facilitar meu o trabalho com o consórcio.

Após do envio do produto é claro que temos aí o Conhecimento de Embarque¹⁰⁶, nada mais, nada menos que, um documento que o navio emite, dizendo que a carga ta indo naquele navio, número tal, lacre tal, tudinho e número do lacre, para quando, se for alterado os lacre, é claro que o cliente vai perceber através da numeração adulterada, então toda numeração do lacre, tudinho do *contêiner*¹⁰⁷ é enviado pra lá.

O que envolve a questão da exportação é mais essa parte, é um pouco difícil, tanto é que, pela primeira vez... que o consórcio foi exportar pela primeira vez eu não sabia fazer esse tipo de documentação, então procuramos várias pessoas, contadores aqui de Parintins, pessoas que talvez tivessem o conhecimento, e nós tínhamos na verdade três e procuramos fazer essa fatura pró-forma e ninguém sabia fazer, não sabia que era tão fácil assim de fazer, mas depois de tudo.

¹⁰³ Desembaraço Aduaneiro é o ato pelo qual é registrada a conclusão da conferência aduaneira, conforme o art. 571 do Regulamento Aduaneiro – Decreto n 6.759 de 05/02/2009.

¹⁰⁴ o documento de embarque que discrimina todas as mercadorias embarcadas ou todos os componentes de uma carga em quantas partes estiver fracionada, também conhecido como Romaneio de Cargas

¹⁰⁵ É uma empresa importadora de alimentos finos, a partir da criação de valor dos produtos. Que no caso dos Sateré-Mawé, presta serviços de assessoria no processo de exportação. <http://cpacificfoods.com/>

¹⁰⁶ Documento emitido pela companhia transportadora que atesta o recebimento da carga, as condições de transporte e a obrigação de entrega das mercadorias ao destinatário legal, no ponto de destino pré-estabelecido, conferindo a posse das mercadorias. No caso de transporte marítimo, também pode ser conhecido como *Bill of Lading*. http://www.aprendendoaexportar.gov.br/maquinas/como_exp/neg_importador/docs_exterior.asp

¹⁰⁷ Equipamento utilizado para transportar carga. Pode ser entendido como uma das embalagens mais importantes para transportes de cargas por longas distâncias.

E hoje acho que nós temo essa facilidade, porque todo técnico aqui, eu, Sergio e Eudes aqui, a questão da comunicação, a gente faz tudo, a questão do beneficiamento, facilitou muito. Então, o nosso processo de exportação se dá mais nessa documentação aí, mas é claro que a empresa pra exportar ela requer mais documentação ainda, tanto da certificação e a regulamentação, Agroex¹⁰⁸, SISCOMEX, né? Banco Central te autoriza aí você exportar e te dá o documento pra que você possa exportar. E ela (CPSM) é isento de tributos, até pra incentivar os pequenos produtores a exportar, mas pra... (palavra não identificável), é euros e dólares ainda, e o Banco Central pra isso é bom.

No mais, é isso a questão da exportação. E a questão da rastreabilidade também, né? É ter essa confiança do produtor e o consumidor, e aqui a gente tem muito cuidado com a questão da rastreabilidade e ao produto, tanto é que, os produtores são cadastrados, pra você ter conhecimento de onde veio todos os produtores cadastrados e suas aldeias, chegando aqui é colocado tudo em lote. E se veio lá do Rio Marau que é Maués, a gente coloca M1, são colocados por lote e se veio do Andirá é A1, primeira compra e se for segunda compra é A2 e se for do Marau, M2 ser for segunda compra e assim, sucessivamente. E assim através da documentação a gente vai identificando, colocando tudo do nome e de onde veio...

Cada produto tem um número, vai colocando admissão da caixa e quantitativo de toneladas, quilos, peso bruto, peso líquido. E tudo isso tenho que identificar aqui, quantas caixas estou enviando e quanto pesa cada caixa. Toda essa informação é solicitada pelo navio que vai levar o produto até o destino final que é a Itália ou então França. No mais, é isso. (Edvaldo Batista)

Mais ou menos, é esse o trabalho que a gente vem fazendo aqui no consórcio e depende de muitas pessoas pra poder a gente funcionar o barco aí. Eudes Lopes Batista,

Quantos produtores tem hoje cadastrados? (pesquisador)

Temos 342 famílias. (Sergio Garcia)

Tudo do guaraná?

Guaraná, andiroba, copaíba, produtores de mel de abelha. Tudo no bolo. (Sergio Garcia)

O consórcio é uma evolução do projeto vinte quilos?

¹⁰⁸ É o Seminário de Agronegócios para Exportação promovido pelo Ministério da Agricultura gratuitamente em todo país, tem como objetivo de inserir o agronegócio brasileiros no mercado internacional, tem como público alvo produtores rurais, sindicatos rurais, associações, cooperativas, agroindústrias, distribuidores e instituições de apoio ao agronegócio em seus variados fins. <http://www.agricultura.gov.br/portal/page/portal/Internet-MAPA/pagina-inicial/carta-de-servico-ao-cidadao/relacoes-internacionais-para-agronegocio/agroex>

O Projeto Vinte Quilos é uma parte, na realidade o projeto vinte quilos ele é muito depois, na realidade os primeiros 20 quilos de guaraná é que começou o projeto, os primeiros 20 quilos de guaraná, foi enviado pra Itália e foi aprovado melhor guaraná a trabalhar e depois veio ser aprovado um projeto chamado Projeto Vinte Quilos, é outra coisa já. (Eudes Lopes Batista)

E depois o projeto Vinte Quilos justamente chegou com a versão número 1, justamente com a construção daquela pousada¹⁰⁹ onde nós temos lá na divisa (da TI), não é totalmente área indígena, mas tá funcionando lá. E com isso foi aprovado novamente, e foi mais essa a parte do projeto Vinte Quilos, que atuou um pouco, três anos e meio e depois terminou o projeto e lá tem um local chamado Vinte Quilos, mas isso é uma outra história, juntamente com o projeto Waraná que se criou esse projeto aí, projeto Vinte Quilos.

Como vocês decidiram através do conselho que tinha que ter uma sequência (do projeto vinte quilos)?

Tinha que ter uma sequência também, que podia mexer (trabalhar) somente com a parte econômica. Como Eudes falou que, uma associação é sem fins lucrativos, não pode mexer com dinheiro, mas pode receber dinheiro como doação, mas não muito também. Tipo assim, mas que, como o CGTSM já estava indo pra área... onde podia mexer com dinheiro futuramente, então isso que foi se pensado e foi mudado o estatuto, em 2006 foi mudado dentro do novo Código Civil também, onde o estatuto possa ser reestruturado de uma forma que ele possa mexer com recursos, onde uma secretaria dentro do CGTSM possa administrar essa parte financeira, essa parte econômica do povo Sateré-Mawé, onde tem, no caso do GTSM, tem presidente, secretário e tesoureiro. E que dentro do CGTSM tem uma secretaria que mexe com recursos financeiros, mas só que em 2008 foi criado como se fosse uma outra associação, mas está dentro e é amparado pelo estatuto do CGTSM, que o consórcio é o braço direito do CGTSM questão financeira.

Então hoje, pra quem não conhece e vem de fora assim, pensa que o Consórcio de Produtores Sateré-Mawé (CPSM) é uma coisa e o CGTSM é outra, na verdade são, mas dentro do estatuto, o consórcio está dentro do CGTSM. É mais essa parte aí. (Sergio Garcia)

Vocês são formados em administração, contabilidade? Qual a formação de vocês?

¹⁰⁹ A Pousada Vinte Quilos, é um experimento de Turismo Sustentável, onde os indígenas hospedam principalmente turistas europeus, mas que atendem qualquer público. A mesma está localizada no município de Barreirinha, região do Rio Andirá, fora da TI Andirá-Mararu por questões legais, que não permitem comércio dentro da mesma.

Na verdade, nós somos formados, mas ninguém atua na sua área. Eu tenho faculdade em..., sou graduado em geografia, mas não sou professor, atuo nessa parte aí. Enfim, a gente tá levando aí, nós tivemos uma pessoa que veio da direção, que veio ensinar, o que é empresa, como é administrar, fazer gestão, mais ou menos é essa ideia que ficou. E depois, cada um tem a sua especificidade. (Eudes Lopes)

Eu me formei recentemente, Tecnólogo em Gestão Pública. (Edvaldo Lopes)

Sobre o processo de divulgação dos trabalhos do CPSM?

A gente tem também um programa todas as quinta-feira que a gente faz pela rádio Alvorada, 5 horas da manhã começa. Aí, tem o trabalho que a gente vem desenvolvendo, o que tá acontecendo, o trabalho dos produtores. Agora a gente vai tá divulgando mais também que a nova diretoria também, teve a eleição pra a nova diretoria, os diretores que foram eleitos nas bases, estão muito empolgados pra trabalhar diretamente com os produtores, há 4 anos atrás, a gente teve um pouco de dificuldades em relação a isso. Mas tava muito bem aqui, na gestão, aí fora, política nacional e internacionalmente, o CGTSM e o consórcio evoluiu muito, foi muito reconhecida em nível internacional, ela é conhecida no mundo todo praticamente, mas que nós tava muito fraca lá dentro (na TI Andirá-Marau), acho que precisava que as pessoas entendessem a política do projeto, qual a essência desse projeto e de tá nas comunidades conversando com os produtores, conversando com as lideranças, com os professores, com os tuxauas lá pra eles terem noção de que o único projeto hoje, dentro do povo Sateré-Mawé na TI Andirá-Marau, que ta funcionando já há 22 anos.

É muito difícil você levantar um trabalho, um projeto, você trabalhar com um povo que tem a sua cultura própria, costumes próprios. Você levar uma realidade totalmente diferente e você aguentar 22 anos, tem que tá de parabéns. Então, isso fez com que a gente tivesse com um pouco de dificuldades.

Então hoje, com a nova diretoria, a gente vimo este lado. Então vamos trabalhar, porque..., vamos trabalhar os produtores, porque eles que são a essência do projeto Waraná, pois se eles não entenderem as coisas, pode até não entenderem, mas eles estão lá, porque estão vendendo bom preço o produto. Mas não é isso que é importante pra nós. Importante que eles queiram tá lá se formando educacionalmente, de que forma podemos trabalhar de uma forma justa pra todo mundo, de a gente evoluir, acompanhar o desenvolvimento do capitalismo da globalização do nosso jeito, não colocando, impondo as coisas do governo pra muita gente.

Hoje, por exemplo, o governo quer impor as coisas dentro da área indígena, muitos terras indígenas no Brasil todo são invadidos, tão aí. Na hora que eles querem colocar hidrelétrica eles colocam, na hora que eles querem colocar uma transamazônica (estrada) no meio da aldeia eles colocam. Que a gente possa mostrar pro governo que a gente tá trabalhando, que a gente tá contribuindo pra o PIB brasileiro, mas que do nosso jeito, produzindo, porque todo ano, nós pagamos uma taxa, uma taxa não, um imposto pro governo altíssimo. Na hora que chega o dinheiro (pagamento da venda dos produtos), o governo já pega o dele.

Que a gente mostrar que a gente não tá assim..., morando dentro de uma terra indígena, simplesmente pra gente viver lá. E como muita gente fala “o índio é preguiçoso, o índio não quer fazer nada”, entendeu? Que a gente Sateré-Mawé, existe um projeto integrado, existe uma política de vida do povo Sateré-Mawé que não é simplesmente compra e venda de produtos, não! Que por trás desse projeto existe uma política, de como o índio se desenvolver educacionalmente, porque a primeira coisa que a gente trabalha é a educação. Como o meu pai (Obadias Garcia) sempre fala “se você não tiver educação você não vai a lugar nem um”. Muito dinheiro não resolve o problema da gente também.

Hoje nós temos produtores que vendem 5 quilos, 10 quilos do guaraná. Eu sempre falo que, já é onde a educação deles chegou, a partir do momento que ele vai começando colocando 20, 30, 40, 50 quilos do produto que produzi, então, isso quer dizer que, a cada ano tá aumentando, a educação dele tá melhorando. A gente não tá preocupado que daqui a alguns anos, assim, rápido assim, a gente seja milionário. Hoje o guaraná, em lugar nem um, R\$30,00 tu vai encontrar o preço do guaraná.

A gente tem que andar de uma forma que os produtores possam acompanhar a importância da sua cultura, e o guaraná pra nós, a sabedoria do povo Sateré-Mawé é o guaraná. A gente tem de explorar o máximo que a gente puder, de a gente saber realmente o que, que é a nossa cultura, o que a nossa realidade, nossos costumes, tradições e tudo. Que o conhecimento do homem branco não possa interferir nisso, nós temos que saber usar as duas coisas, primeiro a tua realidade e depois a realidade dos outros, pra poder, sempre quando, na escola a gente diz que, não existe a cultura inferior, uma que é superior e ou é abaixo dela, os dois são igual, não é que a minha cultura dos Sateré é abaixo dos brancos, sempre são (cultura), então a cultura não tem valor (no sentido que não podemos comprar), a gente não pode dizer assim “olha, a minha cultura é muito mais valiosa do que a tua”, os dois são iguais. Então, as duas são importantes.

O Sateré tem a sua própria educação, ele tem sua própria política social, como viver dentro da comunidade, de organizar o trabalho, ele tem a sua própria medicina tradicional. Então, tudo isso, com esse projeto, a esperança nossa de futuramente, nós poderemos tá resgatando e criar o nosso próprio governo. Que o governo (partidário) não seja mais dono da gente. Que nós queremos pra o nosso povo é que os índios Sateré-Mawé tenham um governo parceiro, que a gente possa já levar um projeto já pronto, “Governo, nós tamos com dificuldades, nesse sentido aqui. Pode nos ajudar nesse sentido?” não querer que eles queiram, porque eles faziam assim, ele queriam fazer as coisas pra nós de acordo com a necessidade deles. E hoje, através do projeto, acredito que não tá funcionando mais assim, que a gente possa levar com a nossa máquina, nós mesmo Sateré-Mawé.

Através do projeto Waraná hoje, a nível internacional, é muito respeitado o povo Sateré-Mawé nesse sentido, que trabalha a economia, que também trabalhar a sua cultura, a sua..., seus costumes, que hoje criando uma universidade, uma licenciatura indígena, futura universidade do povo Sateré-Mawé, dentro do que as nossas necessidades exigem pra o povo Sateré-Mawé. Porque nós tivemos contato com a sociedade branca há mais de 300 anos atrás, em 1669, segundo os estudiosos, primeiro os Sateré teve contato com um jesuíta que tava fazendo uma aventura, alguma coisa assim. Então, desde lá a gente tem esse contato e a gente mantém ainda um pouco do que era da gente. Já entrou a educação dos brancos, entrou a política partidária, SPI, FUNAI, tudo quanto é tipo... hoje programas de governo, bolsa família, bolsa escola, auxílio maternidade. Tanta coisa de benefícios que por um lado se você olhar é bom, mas no outro lado, ela destrói muito uma cultura, a cultura de um povo. Então, isso é muito perigoso pra nós. Você tem que saber de verdade, o que que é bom pra sua aldeia, não tudo. Nem tudo que tem aqui fora pode refletir de uma forma positiva lá dentro da área indígena. Já aconteceram tantas coisas hoje que, com essa licenciatura indígena que tem 50 estudantes que estão começando a estudar, vão fazer 4 anos pela UFAM, pra eles porque que hoje o Sateré-Mawé, porque nós temos muitos problemas sociais? que com o projeto Waraná, nós somos pouquíssimas pessoas diante desses problemas muito grande que tem dentro da área indígena: questão política, questão social, questão da bebida, questão da prostituição, as coisas que entram dentro da área indígenas, tantas e tantas outras coisas, a gente que tá aqui é impossível você reverter esse quadro se não for através da educação, valorizar o nome que você tem como Sateré-Mawé, ter esse valor do teu intelectual, valor da tua identidade própria. Tudo isso, esses universitários, acadêmicos vão tentar descobrir porque? Depois de tá pronto, vamos procurar solução. Mas que esses universitários, os

maiores professores deles, antropólogos deles serão os próprios Sateré-Mawé, os velhos, como pra muitos que são estudiosos os velhos são nada “não quero nem falar com velho não, prefiro ir lá fora”. Eles que sabem da aldeia deles, são conhecedores daquela área, daquela situação. Como que era antigamente há 30 anos atrás? Por que que hoje nós temos essa carência alimentar? Porque que tá entrando muito bebida? Porque não sei o que? Eles vão descobrir qual é o remédio pra isso. Esses trabalhos que eles estão desenvolvendo se transforme em matéria didática e que o projeto Waraná hoje, que é o princípio do conhecimento, que é o projeto integrado de etnodesenvolvimento do povo Sateré-Mawé, possa ser a matéria didática dentro das comunidades. Que hoje, por exemplo, o maior erro nosso é de a gente mandar o nosso filho pra cidade. Então, os pais da gente quando a gente é pequeno diz “ olha, estuda meu filho! Estuda que mais tarde tudo não vai ter trabalho pesado. Olha aqui eu numa enxada, num machado. Não quero isso pra vocês, não”. Entendeu?

Desde de pequeno eles entram na educação do governo, do homem branco e vai poluindo a mentalidade do indiozinho. Quando chega aqui, ele praticamente não ta mais na realidade dele. Então, a pessoa que vai se formando nisso, ele vai... é uma luta que individualista, pro índio ela não existe isso. O índio ele trabalho no coletivo, ele tem uma visão coletiva e o sistema capitalista ele te prepara pra ser individual, é uma briga. O professor sempre fala assim “olha, no sistema capitalista quando a gente vai fazer aqueles concursos, se o meu colega aqui não trouxer na hora uma caneta pra marcar prova, ele terá que emprestar e ainda vão emprestar uma caneta que não presta pra ele, porque eu estou disputando com ele uma vaga”, então não tem aquela visão (de ajudar), na questão social você vai tentar ajudar todo mundo, mas no mundo capitalista não, o mais fraco é que se quebra. Então essa situação hoje, pra nós que a gente vai perder, muita gente ta saindo. É uma estratégia do governo que é muito radical, a gente vê muito isso. Então, justamente pra tentar reverter esse quadro, que hoje está essa licenciatura, que o índio na hora que ele entrar na escola, ele estude primeiro a realidade dele. Hoje em dia, desde a primeira aldeia até a última aldeia tem professor indígena, mas só ensina aquele básico, entendeu? É mais português, matemática, história mais isso daí. Aí ele (índio) perde o interesse na própria cultura dele, aí ele vai ter vergonha dele depois que ele vim pra cá, ele não vai querer que ninguém chame ele de índio não vai dizer que ele é índio e tal. É uma poluição mental que ele vai ter muito grande. Então, com a licenciatura, o projeto quer que a gente trabalhe mais a cultura da gente, pra depois você buscar o conhecimento do homem branco de fora, pra quando voltar novamente você ter aquela perspectiva de vida dentro da aldeia, dentro da comunidade

indígena, hoje não, muitas pessoas que se formam não voltam pra lá, “ha, só tem mato aqui, não vou voltar pra lá, prefiro arrumar um emprego aqui bacana e ficar por aqui”, tu vai ficar numa boa, você vai ficar numa boa, vai ter um bom emprego, pode estudar num melhor escola. Aí, a tua luta praticamente terminou, mas e aí? Essa área indígena aí? A gente enfraquece a nossa área indígena dessa forma. Depois que, quando o governo quiser fazer alguma coisa lá dentro, depois você vai dizer que porque é minha área e não quero que você faça. O quê que tu produz aqui? O quê que tu tá defendendo aqui? Simplesmente tu tem uma terra muito grande, tu não produz nada cara! Pra quê que tu vai lutar? Tu não sabe mais pescar, tu não sabe mais caçar, tu não sabe mais tecer. Tu não sabe mais fazer certas coisas como índio. Então, tu enfraquece a tua própria cultura, você enfraquece, aí o governo faz o que ele bem entender. Tu não tem o que defender realmente. Com o projeto Waraná hoje, mesmo enfraquecendo ou não a gente, mas nós temos uma política aonde nós tamo se segurando no mundo capitalista, no mundo do homem branco que tá aí, é muito difícil, mas existe pelo menos, uma luz lá no final do túnel que é o projeto Waraná que é esse aqui, o guaraná pra nós é tudo, o guaraná conhecimento nosso, que através do guaraná nós tamo criando uma política, tamo criando a universidade indígena, tamo criando... trabalhando a nossa terra a questão da produtividade do povo Sateré-mawé, nós temo que criar a nossa própria medicina e outras coisas que nós temos, a cultura, a realidade, rito e mitos que nós temos hoje muita gente, os velhos estão morrendo e muita gente não tá mais conhecendo isso, não tão mais acompanhando como antigamente.

Hoje por exemplo, pelos missionários vamos dizer assim, não querem que ninguém meta a mão na tucandeira, diz que é pecado. Então, tão colocando isso na mente da gente, enfraquecendo mesmo, entendeu? Por que a tucandeira pra nós é uma medicina tradicional, a tucandeira através dos cantos meu pai diz que, ela te ensina de como viver melhor, uma educação que é repassada oralmente, tradicionalmente é assim. Isso que pra muitos que entram pra lá, que vão falar de Deus, não, tu não pode mais meter que tu fazendo pecado. Tu tá pecando assim. Não tão mais respeitando. Não, é cultura deles, não vou mexer com isso não, vou fazer meu trabalho. Isso que com o projeto, nós estamos tentando enfrentar esses problemas que nós temos.

Na última pesquisa que fizemos, como o Comércio Justo fez dentro da área indígena, nós fez a pesquisa que 80% de tudo que entra lá dentro, é o governo que sustenta a gente, professor, agente de saúde, aposentado, pensionista, bolsa família, tudo que entra. E 20% da nossa produção (risos), já ta no meio o guaraná, entendeu? Então é muito pouco e se de

repente o governo pega tudo isso que ele dá pra nós, os 20% não sobreviver com três mil índios aí vivendo dessa terra indígena. Então isso, precisa muito trabalhar a cabeça do nosso produtor, cabeça do mais criança. Então, justamente por isso que a gente tá hoje aqui na escritório não pode parar o trabalho, se o Eudes sai daqui uma semana, olha de documento que ele tem que assinar, despachar, tudo mais. Então, precisa que outras pessoas, que estão dentro da base conhece essa política, que conheça o objetivo do nosso trabalho e que vá em frente pra fazer esses trabalhos. Então, a gente formar pessoas como a gente fala é difícil, por que educação não é de uma hora pra outra, tem que ser adquirido, é anos e anos a gente vai treinando e muitos ficam pelo caminho e muita gente que entra no consórcio vai ficando porque não se identifica, porque a primeira coisa, a pessoa não se identificar com aquilo, “a, não quero não, não sei o quê”, é muita dor de cabeça, a gente pega muito ralho dos tuxauas quando a gente vai pra lá”, então não quer nem papo, quer seguir a vida deles e pronto, mas como tem gente pra tudo, né? Tomo aqui pegando ralho ou não, puxão de orelha pra cá, dedicando a vida da gente pra o nosso povo, isso é importante pra nós que futuramente..., é difícil as pessoas reconhecer pelo trabalho que a gente faz, mas muitos da liderança morreram lutando, a terra indígena foi demarcada em 82 e tiveram pessoas, atores pra conseguir tudo aí e até hoje é lembrado esses caras aí.

Então, se nós tamo aqui, nós já escrevemos muito da nossa história na vida do povo Sateré-Mawé. É isso, o trabalho aqui (sede do consórcio) é mais questão técnica, lá (terra indígena) dentro é político e lá pra fora também (Sergio Garcia).

Anexo 7 – TALE - Autorização Eudes Lopes Batista

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Instituto de Agronomia
Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGEA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um Estudo de Caso a partir dos Produtores da região do Rio Marau no Município de Maués**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Gomes do Nascimento, a qual pretende “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”.

Sua participação nessa pesquisa consistirá em: responder questionários e entrevistas relacionadas ao trabalho do CPSM e sua contribuição para desenvolvimento das tribos do Andirá/Marau.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois esses serão tratados analiticamente.

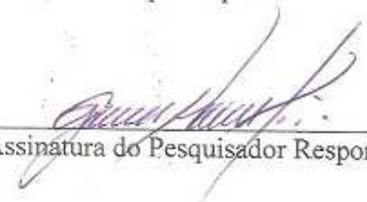
Consentimento Pós-Informação.

Eu, Eudes Lopes Batista, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.



Assinatura do participante

Data: 01 / 06 / 2015



Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo 8 – TALE - Autorização Sidney Michiles

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Instituto de Agronomia
Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGEA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um Estudo de Caso a partir dos Produtores da região do Rio Marau no Município de Maués**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Gomes do Nascimento, a qual pretende “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”.

Sua participação nessa pesquisa consistirá em: responder questionários e entrevistas relacionadas ao trabalho do CPSM e sua contribuição para desenvolvimento das tribos do Andirá/Marau.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois esses serão tratados analiticamente.

Consentimento Pós-Informação.

Eu, Sidney Michiles, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Sidney Michiles
Assinatura do participante

Data: 12/06/2015.

Cristiano Gomes do Nascimento
Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo 9 – TALE - Autorização Sergio Batista Garcia

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Instituto de Agronomia
Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGEA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um Estudo de Caso a partir dos Produtores da região do Rio Marau no Município de Maués**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Gomes do Nascimento, a qual pretende “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”.

Sua participação nessa pesquisa consistirá em: responder questionários e entrevistas relacionadas ao trabalho do CPSM e sua contribuição para desenvolvimento das tribos do Andirá/Marau.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois esses serão tratados analiticamente.

Consentimento Pós-Informação.

Eu, Sergio Batista Garcia "Sateré-mawé", fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.


Assinatura do participante

Data: 09/06/2015


Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo 10 – TALE - Autorização Edvaldo Ferreira Batista

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Instituto de Agronomia
Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGEA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um Estudo de Caso a partir dos Produtores da região do Rio Marau no Município de Maués**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Gomes do Nascimento, a qual pretende “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”.

Sua participação nessa pesquisa consistirá em: responder questionários e entrevistas relacionadas ao trabalho do CPSM e sua contribuição para desenvolvimento das tribos do Andirá/Marau.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois esses serão tratados analiticamente.

Consentimento Pós-Informação.

Eu, Edvaldo Ferreira Batista, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Edvaldo Ferreira Batista
Assinatura do participante

Data: 09/06/2015

Cristiano Gomes do Nascimento
Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo 11 – TALE - Autorização Josibias Alencar dos Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação Instituto de Agronomia
Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **O Consórcio de Produtores de Guaraná Sateré-Mawé como alternativa de economia sustentável: um Estudo de Caso a partir dos Produtores da região do Rio Marau no Município de Maués**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Gomes do Nascimento, a qual pretende “Desenvolver a Responsabilidade Social através da Economia Sustentável na formação profissional de Técnico em Administração, com base na cultura de produção do guaraná”.

Sua participação nessa pesquisa consistirá em: responder questionários e entrevistas relacionadas ao trabalho do CPSM e sua contribuição para desenvolvimento das tribos do Andirá/Marau.

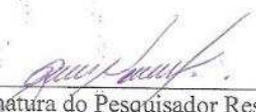
As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois esses serão tratados analiticamente.

Consentimento Pós-Informação.

Eu, Josibias Alencar dos Santos, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.


Assinatura do participante

Data: 12/06/2015


Assinatura do Pesquisador Responsável